

ANUÁRIO

FESTIVAL DO FOLCLORE OLÍMPIA SP DE 09 A 17 DE AGOSTO DE 2014





RECINTO DE EXPOSIÇÕES E PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS

"PROF JOSÉ SANT'ANNA"



ESTADO HOMENAGEADO SÃO PAULO



ANO XLIV - Nº 44 - AGOSTO DE 2014

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

Expediente: Avenida Menina Moça, n.º 800, Vila Hípica - CEP: 15400-000 - Olímpia - SP

Telefone: (17) 3281-6786 - Fax: (17) 3281-6941

Diretor: José Sant'anna (in memorian)

Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Ricardo Gonçalves - Tel. (17) 99201-9333

Impressão e Acabamento: Centrograf Artes Gráficas e Editoriais Ltda. - Olímpia/SP - Tel. (17) 3281-7060

Coordenadora Geral do Setor de Folclore: Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Fotos: Camila Reale e Janaina Longhi - Tel. (17) 3279-7258

Edição da Associação Olimpense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, contanto que citada a fonte.



OS 50 ANOS DO FESTIVAL DE FOLCLORE DE OLÍMPIA
PÁGINA 05

O 49.º FESTIVAL DO FOLCLORE PÁGINA 33



SÃO PAULO - ESTADO HOMENAGEADO NO CINQUENTENÁRIO DO FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA PÁGINA 60



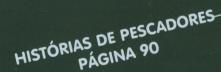
COZINHA PAULISTA PÁGINA 77

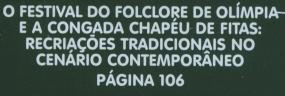


SUMARIO



PREÂMBULO: ETNOGRAFIA E FOLCLORE PÁGINA 86









AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E A CULTURA PÁGINA 117

PALAVREADO NO COTIDIANO OLIMPIENSE: PRELIMINARES
PÁGINA 119



Município de Olímpia/SP realiza anualmente a mais monumental celebração da cultura popular brasileira, o Festival do Folclore de Olímpia, o maior do gênero, no Brasil, no qual se reúnem grupos folclóricos e parafolclóricos oriundos de diversos pontos do país, de quase todos os Estados.

São dezenas de grupos, uma média de 70, a cada ano, que apresentam danças e folguedos representativos dos mais diversos rincões do país. Muitos deles, inclusive, persistem e se mantêm vivos graças a esse evento.

O mencionado festival, detentor de grande prestígio, principalmente entre estudiosos do assunto os quais, aliás, ensejaram a Olímpia o título "Capital do Folclore" realiza-se no Recinto de Exposições e Praça das Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", situado na Av. Menina-Moça, n.º 800, Vila Hípica, Olímpia/SP.

De sua programação constam, além de danças e folguedos folclóricos: cursos, palestras e seminários concernentes ao folclore brasileiro; gincana e oficina de brinquedos tradicionais infantis; exposições de peças artesanais; concursos de pintura, escultura, poesia, fotografia e artesanato sobre o tema folclore; campeonatos de truco, malha e bocha; filatelia de motivos folclóricos; culinária brasileira, passeios e desfiles dos mencionados grupos pelas ruas centrais e pelos bairros e distritos olimpienses, entre outras atividades.

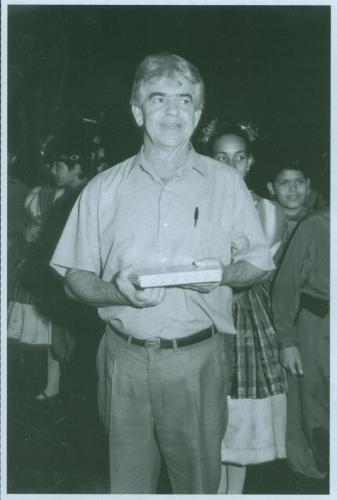
Os objetivos do Festival consistem em difundir o folclore, contribuindo para sua preservação; comemorar o mês do folclore; estimular e cultivar as atividades de grupos folclóricos; proporcionar oportunidades para o estudo e a apreciação de fenômenos folclóricos.

A entrada é frança, pois se trata de folclore, cultura do povo, e, sendo assim, um festival que se propõe a celebrá-lo, deve, também, ser uma festa de todos, uma festa do povo, como dizia seu idealizador.

Parece incrível, mas, em 2014, essa magnífica realização se dará pela quinqua-

Comemorar o Cinquentenário do Festival do Folclore de Olímpia é resultado de uma conquista de sucessivos êxitos iniciada e solidificada pelo ingente trabalho desenvolvido pelo criador deste singular evento, o Prof. José Sant'anna, de modo que esta efeméride se faz merecedora dos mais veementes aplausos e das mais encomiásticas referências.

O CRIADOR



Filho de João Joaquim Sant'anna e de Hypólita Theodora da Silveira Sant'anna, José Sant'anna nasceu a 8 de julho de 1937, em Olímpia/SP, onde fez os cursos científico, magistério e de contabilidade, antes de tornar-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e professor de Língua Portuguesa, disciplina esta que ministrou até aposentar-se no ensino de 1.º e 2.º graus do magistério oficial de Olímpia. A propósito, foi durante sua atividade pedagógica, em meados da década de 50, que ele se descobriu vocacionado ao estudo do folclore brasileiro, tornando-se, desde então, um atuante e denodado folclorólogo. Nesses mesmos entrementes, ao elaborar pesquisas e exposições acerca do referido assunto, empreendidas com o auxílio de seu alunado e restritas ao âmbito escolar, o professor as transcendeu às ruas olimpienses, realizando, assim, em 1965, o 1.º Festival do Folclore de Olímpia, evento que é hoje detentor de alto prestígio e de nacional projeção, e que, em razão de tais méritos, ensejou o já consagrado título "Capi-

tal do Folclore" à sua cidade natal. Era diretor deste Anuário, que acompanha o festival e que ora chega a seu número 44, além de publicar diversos livros sobre folclore, de cuja leitura se pode dessumir que detém o autor profundo conhecimento tanto do vernáculo sobre dos temas sobre os quais discorre. Em 1967, apresentou anteprojeto para a criação do Conselho Municipal de Cultura, do qual faz parte a Comissão de Folclore, cuja presidência era ocupada por Sant'anna. Nesse mesmo ano integrou a 1.ª Comissão Estadual de Folclore e Artesanato do Conselho Estadual de Cultura do governo de São Paulo, voltando a pertencer a ela em mais duas ocasiões, na década de 80 e declinando de recentes convites para mais uma vez ser-lhe membro, em virtude de muitos afazeres em Olímpia. Em 1973, fundou o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", ponto turístico de nossa cidade e um dos mais completos do Brasil. Em 1977, suas instâncias junto à administração municipal redundaram na criação da Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso, então prefeito. Em 1986, juntamente com o prefeito Wilson Zangirolami, propugnou por uma casa própria para o Festival do Folclore: a Praça das Atividades Folclóricas que hoje ostenta seu nome. Ao pesquisar o folclore pátrio, percorreu inúmeras cidades do Brasil, ressaltando-se que de várias delas era cidadão honorário e, bem assim, possuinte de muitos troféus, medalhas e comendas. Produziu dois discos intitulados "Olímpia e seu folclore musical", entre outros de Inezita Barroso e de artistas olimpienses, salientando-se, ainda, que Sant'anna é autor das letra do Hino a Olímpia. Foi o primeiro Secretário da Educação, Cultura, Esporte, Turismo e Lazer, do município. Era membro da Comissão Paulista de Folclore. Exerceu a vereança por vários mandatos em Olímpia, tendo sido, inclusive, presidente da Câmara Municipal.

Excelso e vanguardeiro folclorista, que primava pela didática e pela excelência em tudo que a que se dedicava em prol da cultura popular brasileira, José Sant'anna, a quem já chamaram de "taumaturgo", "mago", era, na realidade, um exemplar e

devotado cristão, amigo de inúmeros amigos, querido e admirado por todos que habitam sua "Capital do Folclore".

Desde 8 de janeiro de 1999, quando o Prof. Sant'anna faleceu, vítima de um derrame cerebral, não mais podemos contar com sua presença física, mas sua voz ainda ressoa no permanente diálogo que Olímpia mantém com a cultura popular brasileira, orquestrando congadas, batuques, fandangos, catiras e muito mais.

Por todas essas razões, o edificante exemplo do grande luminar olimpiense há de nos inspirar e estimular sempre, pois graças aos seus ensinamentos, todos nós do Departamento de Folclore de Olímpia perseveraremos no firme propósito de lhe prestar a mais reverencial e produtiva das homenagens que podemos, que é a de nos empenharmos, com todos os esforcos, para dar continuidade ao que ele tão bem deu início e consistência.

A CRIATURA

(SEGUNDO O PRÓPRIO CRIADOR)

Há muito pensávamos, desde os bons tempos do Colégio Olímpia, em 1957, criar em nossa cidade um órgão que pudesse proteger e divulgar o folclore de nossa região. Começamos com uma série de palestras acerca da importância desta ciência. Fizemos algumas coletas. Montamos uma exposição (muito humilde). Em 1958, repetimos o mesmo trabalho, acrescido de algumas pesquisas de campo, realizadas por estudantes de grau mais adiantado e uma exposição nas vitrinas da "Tiunfal Modas". Em 1959, a exposição foi para a "Camisaria das Fábricas". Nos anos de 1960, 1961, 1962 e 1963, as exposições foram montadas internamente no referido Colégio Olímpia (hoje extinto). Em 1964, levamos, novamente, nossa exposição ao público, instalando-a, desta vez, na Exposição de Móveis Bandeirantes. Nessa ocasião já estava bem mais ampliada.

Em 1965 nossas atividades foram enriquecidas. Nossa exposição foi armada nas dependências da antiga "Taba do Carajá", bem no interior da cidade: Neste mesmo ano apresentamos magnífico festival de músicas folclóricas, contando com a participação de Eli Camargo, intérprete das canções brasileiras. O folclore foi levado às ruas através de um belíssimo desfile. Foi nessa ocasião que brilhou, com maior intensidade, dentro de nós, o entusiasmo para aprofundarmos em nossas entrevistas e pesquisas a fim de recolhermos o folclore regional. Em 4 de junho de 1966 criávamos o Departamento de Folclore de Olímpia, constituído de professores de estabelecimentos de ensino médio. Nossa primeira preocupação foi ministrar aos professores e alunos o primeiro curso de orientação para os pesquisadores de folclore: "Coletador de Folclore", oficializado pela Campanha de Defesa do "Folclore Brasileiro" (órgão do Ministério da Educação e Cultura) e prelecionado pela folclorista Laura Della Mônica, respeitável amiga de Olímpia. No mesmo ano de 1966, chegamos ao Museu de Folclore do Ibirapuera (São Paulo), onde temos uma seção especialmente para o Folclore de Olímpia.

E, pretendendo aprimorar os conhecimentos de nossos estudantes para que o julgamento de tudo o que constitui nossa tradição seja objetivo, seja equânime, não esmorecemos em sustentar nosso Departamento de Folclore e nossas pesquisas.

Excelentes personagens têm lutado, incansavelmente, para a continuidade de nossa obra: são os professores dos diversos estabelecimentos olimpienses de ensino, a quem admiramos pela nobreza e coragem moral, pela consciência altiva, pela inteligência preclara, pelo inquebrantável amor ao serviço da ciência que estuda a sabedoria do povo. Outros exemplos precisam ser citados: nossos alunos e seus familiares (que levam a sério o folclore), sempre trabalhando juntos conosco, repartindo nossas tarefas, fortalecendo-nos em cooperação e fraternidade.

E assim foram 1967, 1968, 1969 e 1970. Criou-se a Comissão Munici-

pal de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal. É uma tarefa que demanda amor ao trabalho e muita paciência, mas com o amparo de Deus poderemos conseguir, novamente, mais uma projeção para nossa "terrinha". São amargas as lutas, porque enfrentamos, na maioria das vezes, sérias dificuldades financeiras. Somos estimulados e elogiados por quase a totalidade da população e sob a proteção de Cristo, a quem entregamos os cuidados sem temor, temos triunfado. Aos olimpienses oferecemos o pouco que podemos realizar em prol de nossa cidade para bem servir o Brasil, servindo-o com todo o nosso sentimento, inspirado na recordação do nosso passado, prometendo defender nosso Folclore (afastando os elementos que lhe são prejudiciais), em nossos dias, para que ninguém diga: "Começaram uma obra e não a terminaram".

José Sant'anna (1937-1999), criador do Festival do Folclore de Olímpia, fala neste texto, publicado no Anuário do 25.º FEFOL, sobre a origem da nossa festa maior.

PERÍODO DA REALIZAÇÃO

Primeiro: de 29 a 31 de agosto de 1965 Segundo: de 22 a 31 de agosto de 1966 Terceiro: de 28 a 31 de agosto de 1967 Quarto: de 15 a 18 de agosto de 1968 Quinto: de 11 a 17 de agosto de 1969 Sexto: de 10 a 16 de agosto de 1970 Sétimo: de 09 a 15 de agosto de 1971 Oitavo: de 14 a 20 de agosto de 1972 Nono: de 13 a 19 de agosto de 1973 Décimo: de 11 a 18 de agosto de 1974 Décimo primeiro: de 10 a 17 de agosto de 1975 Décimo segundo: de 15 a 22 de agosto de 1976 Décimo terceiro: de 14 a 21 de agosto de 1977 (Prolegômenos de 07 a 13 de agosto de 1977) Décimo quarto: de 13 a 20 de agosto de 1978 Décimo quinto: de 14 a 21 de agosto de 1979 Décimo sexto: de 10 a 17 de agosto de 1980 Décimo sétimo: de 09 a 16 de agosto de 1981 Décimo oitavo: de 15 a 22 de agosto de 1982 Décimo nono: de 14 a 21 de agosto de 1983 Vigésimo: de 12 a 19 de agosto de 1984 Vigésimo primeiro: de 11 a 18 de agosto de 1985 Vigésimo segundo: de 10 a 17 e agosto de 1986 Vigésimo terceiro: de 16 a 23 de agosto de 1987 Vigésimo quarto: de 14 a 21 de agosto de 1988 Vigésimo quinto: de 13 a 20 de agosto de 1989 Vigésimo sexto: de 12 a 19 de agosto de 1990 Vigésimo sétimo: de 11 a 18 de agosto de 1991 Vigésimo oitavo: de 09 a 16 de agosto de 1992 Vigésimo nono: de 15 a 22 de agosto de 1993 Trigésimo: de 14 a 21 de agosto de 1994 Trigésimo primeiro: de 13 a 20 de agosto de 1995 Trigésimo segundo: de 11 a 18 de agosto de 1996



Trigésimo terceiro: de 10 a 17 de agosto de 1997 Trigésimo quarto: de 09 a 16 de agosto de 1998 Trigésimo quinto: de 08 a 15 de agosto de 1999 Trigésimo sexto: de 13 a 20 de agosto de 2000 Trigésimo sétimo: de 12 a 19 de agosto de 2001 Trigésimo oitavo: de 11 a 18 de agosto de 2002 Trigésimo nono: de 09 a 17 de agosto de 2003 Quadragésimo: de 08 a 15 de agosto de 2004 Quadragésimo primeiro: de 06 a 14 de agosto de 2005 Quadragésimo segundo: de 05 a 13 de agosto de 2006 Quadragésimo terceiro: de 04 a 12 de agosto de 2007 Quadragésimo quarto: de 02 a 10 de agosto de 2008 Quadragésimo quinto: de 08 a 16 de agosto de 2009 Quadragésimo sexto: de 07 a 15 de agosto de 2010 Quadragésimo sétimo: de 23 a 31 de julho de 2011 Quadragésimo oitavo: de 21 a 29 de julho de 2012 Quadragésimo nono: de 20 a 28 de julho de 2013 Quinquagésimo: de 09 a 17 de agosto de 2014

LOCAIS DE REALIZAÇÃO

Do primeiro ao décimo oitavo festivais Local: Praças Rui Barbosa e da Matriz



Do décimo nono ao vigésimo primeiro

Local: Centro de Esportes e Recreação "Olinto Zambon"

Foto:Aerodigitals



Do vigésimo segundo ao atual

Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami" (atualmente denominado "Prof. José Sant'anna")





PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA

DURANTE OS 50 FESTIVAIS DO FOLCLORE

Do 1.º e 2.º: Paschoal Lamana (falecido);



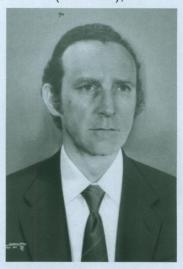
Do 5.° ao 8.°: Wilquem Manoel Neves (falecido);



Do 18.º: Erciley Parolim;



Do 3.º e 4.º: Alfonso Lopes Ferraz (falecido);



Do 9.º ao 12.º: Alfonso Lopes Ferraz (falecido);

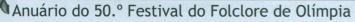
Do 13.º ao 17.º: Álvaro Marreta Cassiano Ayusso (falecido);



Do 19.º ao 24.º: Wilson Zangirolami (falecido);



Página 11



Do 25.º ao 28.º: José Fernando Rizzatti; Do 33.º ao 36.º: José Fernando Rizzatti:

Do 29.º ao 32.º: José Carlos Moreira;



Do 37.º ao 44.º: Luiz Fernando Carneiro;

Do 44.º ao atual: Eugenio José Zuliani





ANUÁRIO, CARTAZES E PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL (AGENDA)

A Prof.ª Iseh Bueno de Camargo informa que "de 4 de junho de 1965 a 31 de dezembro de 1968 foi publicada uma página denominada 'Folclorário' no semanário 'Voz do Povo'" e que, no decorrer de 1969 a



página passou a denominar-se "Coletânea de Folclore", e era impressa no Jornal da Cidade. "Durante o ano de 1970, sob o nome 'Folclore', a página ocupava o espaço do Semanário 'Tablóide da Nova Paulista'", e que nesse mesmo ano o referido jornal "imprimiu a edição especial comemorativa do 6.º Festival do Folclore, que foi contada como







o primeiro número do Anuário de Folclore. Daí para frente nasceu a revista, que desde 1971 vem sendo regularmente publicada" (Anuário do 25.° Festival do Folclore", p. 106).







Com relação aos cartazes do evento, muitos divulgaram a nossa festa maior. "Houve ano em que mais de uma estampa do cartaz foi publicada. Muitas escolas se associavam ao movimento mandando imprimir cartazes, embora simples, para a divulgação do grande evento cultural". Mais de 40 cartazes registraram o acontecimento. "De 1982 aos nossos dias, o motivo (estampa) do pôster foi o mesmo da capa do Anuário, com pequenas modificações", informa Iseh Bueno de Camargo ("Anuário do 25.º Festival do Folclore", p. 111).



Quanto ao Programa Convite (Agenda), nos dois primeiros anos do Festival, a programação era mimeografada, passando depois a ser impressa em folhetos, divulgado nos semanários de Olímpia. A partir do 5.º FEFOL, o catálogo das apresentações teve sua estampa melhorada.



Segundo Iseh, no referido Anuário, de 1989, "nos últimos anos, é uma miniatura do cartaz da festa" (op. cit., p. 109).





Vejamos os motivos dos cartazes, a partir do 7.º Festival (que serão exibidos no decorrer deste artigo): Brasão (mascarados, viola, espadas cruzadas); Caiapó; Cordão de Bichos de Tatuí/SP; Congada, de Santo Antônio da Alegria/SP; Máscara de Reis; Terno de Congada "Chapéu de Fitas", Olímpia/SP; Terno de Moçambique "São Benedito", Olímpia/SP; Reisado do Guarujá/SP; Caiapós, de São José do Rio Pardo/ SP; Instrumentos musicais utilizados por Companhias de Reis; Samba-lenço, Mauá/SP; Reisado de Alagoas; Preto-velho, Terno de Moçambique "São Benedito", Olímpia/SP; Terno de Congada Chapéu de Fitas. Olímpia/SP; Luminárias; Boizinho, do Bumba-meu--boi; Guerreiro, de Alagoas; Congada, de Passos/MG; Bandeiras do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"; Terno de Congada Chambá, de São Sebastião do Paraíso/MG; Grupo de Teatro e

Dança "Cazumbá", São Luís/MA; Bacamarteiros de Carmópolis/SP; GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça"; Parafusos, Lagarto/SE (última idealizada pelo Prof.Sant'anna, referente ao 34.º FEFOL, 1998); imagem do Prof. José Sant'anna, ladeada pelas capas dos Anuários; fotomontagem com imagens de integrantes de grupos folclóricos e parafolclóricos que se delimitou nos contornos do mapa do Brasil; Grupo Parafolclórico "Terra da Luz", Fortaleza/CE; Grupo de Expressões Parafolclóricas "Sabor Marajoara", Belém/PA; Fotomontagem com imagens de integrantes de



grupos folclóricos e parafolclóricos; Quadro "Folia de Palhaço"; Quadro com alegorias do Maracatu; Palhaço de Folia de Reis, Congo de Oeiras/PI, Bacamarteiros, Carmópolis/ SE, Balé "Tradições da Amazônia", Belém/ PA (42.º FEFOL); Cia. de Santos Reis dos Marinheiros de Itaú/MG; Grupo Parafolclórico "Jacoca", Conde/PB; Terno de Moçambique "São Benedito", Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico "Fogança", Maringá/PA; Pastoril "Dona Joaquina", de São Gonçalo do Amarante/RN; integrantes dos grupos: CTG - Centro de Tradições Gaúchas "Estância da Serra", de Osório/RS; CTG "Paixão Côrtes", de Caxias do Sul/RS; CTG "Potreiro Grande", de Tramandaí/RS; CTG "Querência do Imbé", Imbé/RS; Grupo de Arte "Essência Nativa", de São José do Sul/RS; e Grupo de Tradição e Cultura "20 de Setembro", de Xangri-lá/RS (47.º FEFOL); e, no 48.º, Grupo "Vitória Régia", de Cáceres/MT.

FOLCLORE

O termo "folclore" é constituído por dois vocábulos do antigo inglês: *folk* (que quer dizer "povo", que, por sua vez, pode significar "nação", "multidão" ou "plebe", gente simples, pobre) e *lore* (sabedoria, conhecimento). Assim, "folclore" ("conhecimento emanado do povo"), para os autores contemporâneos, se equivale a "cultura popular".

Folclore é o conjunto das manifestações decorrentes da cultura espontânea e empírica do povo, de um modo geral _ não só das classes "inferiores" da sociedade, os pobres, os analfabetos ou semi-analfabetos, como anteriormente se definia.

É chamada cultura empírica e espontânea (ou informal), porque ela se produz sem a interferência direta do ensino oficial, ou erudito (emanado das escolas, universidades e livros); e também porque é aprendida e desenvolvida por meio da observação, da imitação, da experiência, sem teorias.

Outra característica fundamental da manifestação folclórica, além da espontaneidade e empirismo de que já falamos, é a aceitação coletiva, que é a aceitação da manifestação e seu efetivo uso pelo povo; ela tem que estar de acordo com o modo de pensar e interpretar do povo, enfim, ela tem que "pegar", como se usa dizer na linguagem popular.

Características secundárias são anonimato (autoria desconhecida), oralidade (transmissão de "boca a ouvido", não escrita) e tradicionalidade _ de tradição, no sentido de transmitida de geração a geração (deveria ser entendida como "entrega", "transmissão", de um modo em geral, não só de "coisa do passado" transmitida de uma geração a outra). São secundárias porque, se faltarem, não deixará

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 14

de ser considerada folclórica uma manifestação que apresente as outras características fundamentais a que nos referimos.

Lembremos, ainda, que, tal como ocorre nos fenômenos sociais em geral, as manifestações folclóricas apresentam também as características de dinamicidade (constante reelaboração e modificação por que passa uma manifestação folclórica, de um lugar para outro, e no decorrer do tempo) e funcionalidade (razão de existir e um propósito para sua existência: entreter, celebrar, orientar).

FOLGUEDOS E DANÇAS FOLCLÓRICAS

Diversamente das danças "da moda", fomentadas pelos meios de comunicação de massa, ou da dança clássica, erudita, a dança folclórica caracteriza-se por se situar e se desenvolver dentro da cultura espontânea, informal, ou seja, é aprendida pela observação e imitação direta, pela repetição e pela tradição, sem a intervenção da cultura erudita, sem a direção de coreógrafos.



O conceito de "folguedo" abrange brincadeiras, jogos, diversões, artes e artesanato, danças e bailes, músicas e cantorias, o comércio de artigos regionais, os autos e as representações teatrais, as pantomimas e os teatros de bonecos, entre muitos outros.

O termo "folguedo" tem, portanto, várias acepções, mas a tendência entre a maior parte dos folcloristas é de usá-lo restritivamente, num sentido mais específico, para designar as manifestações em que existe alguma representação dramática, com personagens definidos.

Oportunas se fazem as conceituações de Américo Pellegrini Filho, segundo o qual Dança Folclórica é "forma de expressão tradicionalmente popular que se baseia em movimentos rítmicos do corpo ou parte dele (especialmente os pés), em geral acompanhados por música e canto, e aprendida de modo informal por contatos interpessoais" ("Danças Folclóricas", pág. 26, 2a edição, Ed. Esperança); e Folguedo é "forma folclórica com estrutura, personagens e às vezes enredo, incluindo comumente danças ou coreografias reduzidas. É integrado, geralmente, por pessoas mais ou menos constantes que mantêm um tema central tradicional. Pode não ocorrer a representação teatral (o desenvolvimento de um enredo), mas pelo menos se observam a organização de cortejo, a estrutura coletiva, os trajes especiais. Desse modo, o folguedo popular é uma forma folclórica mais ampla e complexa que a dança e chega mesmo a incluir danças" (op. cit. pág. 27).

PARAFOLCLORE E GRUPOS PARAFOLCLÓRICOS

O termo "parafolclore", formado pelo prefixo grego *para* ("perto de", "ao lado de") e folclore (cultura popular), foi criado para designar o aproveitamento de produtos da cultura popular pelos meios eruditos.

Dança parafolclórica é aquela baseada ou inspirada em uma dança folclórica, diferenciando-se desta por ser desenvolvida por dançarinos profissionais ou estudantes, sob a direção de um coreógrafo, com motivação estética e propósito artístico-espetacular. (Esse é o conceito comum, mormente entre os mais tradicionalistas. No entanto, há que se ressaltar a existência de grupos parafolclóricos que têm também outros propósitos, especialmente no sentido de difundir tradições folclóricas para fins didáticos).



São apresentadas pelos denominados Grupos Parafolclóricos, que pesquisam e reelaboram as danças e folguedos folclóricos, adaptando-os, a seu critério, para apresentá-los nos palcos. A dança é artisticamente reinterpretada. O figurino é enriquecido. A coreografia é reelaborada. Modificam-se alguns passos das danças tradicionais, acrescentam-se outros, tudo em conformidade com os efeitos cênicos almejados. É o folclore "estilizado". Também é usada por alguns folcloristas a expressão grupos de "projeção folclórica".

O FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

A origem do Festival do Folclore de Olímpia/SP remonta a 1957, quando, em salas de aula do extinto Colégio Olímpia, onde lecionava, o Prof. José Sant'anna descobriu-se vocacionado ao estudo do folclore brasileiro, e passou, destarte, a dedicar-se a pesquisas concernentes ao assunto. Procurou saber onde se encontravam as Companhias de Reis olimpienses e das cidades mais próximas, e foi conhecê-las. Procedeu a um levantamento das orações, dos cânticos, e das manifestações da cultura popular. Percorria a zona rural e vilarejos coligindo contos, superstições, crendices, remédios da medicina popular, etc.

Visitou o Museu de Folclore do Ibirapuera na cidade de São Paulo, onde fez um curso com o professor Rossini Tavares, de quem se tornaria grande amigo.

Durante suas aulas, procurava infundir em seus alunos o apreço e o interesse pelos fenômenos folclóricos, e com eles arrecadava peças folclóricas, e realizava exposições, no âmbito do mencionado Colégio.

Paulatinamente, ao final da década de 50, o entusiasmo do Prof. Sant'anna fez por contagiar também seus colegas de profissão, e as atividades, assim, fo-Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

ram se expandindo cada vez mais, com a exposição de peças estendendo-se às demais escolas de Olímpia, bem como a estabelecimentos comerciais e outros pontos da cidade, a exemplo das lojas "A Triunfal Modas", "Camisaria das Fábricas" e do restaurante "Taba do Carajá".

Em 1965, o trabalho comandado pelo Prof. José Sant'anna, já evidentemente transcendido às ruas de Olímpia, cuja população demonstrou-lhe ampla receptividade, transformou-se em Festival.

Foi um período em que o improviso, o espírito criativo, o entusiasmo e o denodado empenho ocasionaram o sucesso da proposta.

No início, não havia recursos públicos nem qualquer patrocínio significativo para a festa. Os entusiastas do evento _ principalmente o Prof. José Sant'anna _ cotizavam-se para arcar com as despesas.

Tal era a paixão e o desprendimento do Prof. José Sant'anna, que este, o que mais se empenhava, utilizava seus próprios recursos, de seus vencimentos como professor, para custear o evento, auxiliar os componentes das folias de reis na manutenção de seu vestuário e instrumentos, entre outros gastos. Sant'anna e seus colaboradores também promoviam quermesses no pátio do Colégio Olímpia, vendiam rifas, entre outros expedientes visando a ampliar os recursos para a realização da festa.



Em 1966, foi instituído o Departamento de Folclore de Olímpia, de que participaram os professores da Escola Estadual de 2.º Grau Cap. Narciso Bertolino, cujo propósito era estimular os estudos e ressaltar sua relevância, por meio de cursos, conferências e exposições.

Nessa ocasião, instalou-se no Museu de Folclore do Ibirapuera uma seção especial para Olímpia e o 2.º Festival do Folclore alcançava ampla repercussão.

Em 27 de julho de 1967, quando ogovernador Abreu Sodré expediu o Decreto de n.º 43.310, por meio do qual se estabeleceu agosto como o Més do Folclore, já se preparavam os festejos da 3.ª etapa do evento. Em 27 de setembro eram designados Rossini Tavares de Lima, José Sant'anna, Alfredo João Rabaçal, Hélio Damante e Laura Della Mônica para, sob a presidência do primeiro, constituírem a Comissão Estadual de Folclore e Artesanato.

No 2.º Festival, o Prof. Sant'anna e Afonso Calixto incluíram também no Festival a Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, informa a Prof.ª Maria aparecida de Araújo Manzolli.

Quando do 3.º Festival do Folclore, as atividades se foram ampliando, com a par-

ticipação de folias de reis de outras cidades próximas, e houve também uma exposição filatética, em que se ressaltavam selos com motivos relacionados ao folclore brasileiro.

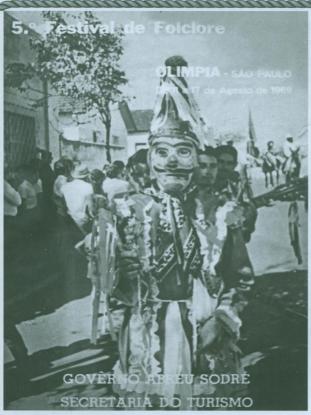
No 4.º Festival, passou a fazer parte da programação o "Festival da Seresta", para "reviver o romantismo do passado", "para traduzir, através da música romântica, a beleza do cancioneiro popular", e no qual os seresteiros apresentavam "choros, valsas," marchinhas, canções, modinhas etc.", informa o Prof. José Sant'anna no Programa do 24.º Festival do Folclore.



Sucederam-se a 5.ª, a 6.ª e a 7.ª edições do festival, em 1969, 1970 e 1971, respectivamente.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia





Após o 5.º Festival, tendo por escopo uma mais eficiente administração do evento, considerando-se as dívidas que sempre ficavam, foi constituída a primeira Comissão Organizadora do Folclore.

Tal deliberação produziu resultados nessa edição do evento, pois se estabeleceram critérios para aluguéis de barracas na praça para os comerciantes interessados. O êxito da organização, com relativo equilibrio das contas, representou um sinal muito significativo de que o festival tenderia à ascensão.

Destarte, Sant'anna passou a ter mais disponibilidade para mais se dedicar a pesquisas e ao aspecto cultural do evento, tanto que, em 1971, foi editado pela primeira vez o Anuário de Folclore.

O 1.º Campeonato de Malha foi promovido também no 6.º Festival do Folclore, como parte da programação do evento, no Centro de Esportes e Recreação "Olinto Zambon".

No 8.º Festival do Folclore, por iniciativa do Prof. José Sant'anna, foi realizado o primeiro Campeonato do Truco, que integra desde então a programação do FEFOL.

Em 1973, o 9.º Festival contou com uma diversificada programação. Renomadas intérpretes de músicas folclóricas, como Inezita Barrozo e Ely Camargo, passaram a participar do evento, assim como folcloristas de nomeada vieram conhecê-lo, a exemplo de Rossini Tavares de Lima, Ático Vilas Boas da Mota e Hélio Damante (este, aliás, foi quem, pela primeira vez, a Olímpia se referiu como sendo esta a "Capital do Folclore"). (Como já dissemos, houve ano

B.º Festival do Folclore

Anuario da Comissão Municipal de Folclore e do Departamento do Folclore



em que mais de uma estampa do cartaz foi publicada, conformese verifica nas imagens abaixo).

A "nossa festa maior", como Sant'anna a ela se referia, que em suas etapas iniciais privilegiava o folclore local e regional, com a participação de grupos folclóricos de Olímpia e de cidades da região, começou a ultrapassar os limites estaduais, de maneira que se iniciou a par-

ticipação de grupos de localidades mais distantes.

9º festival do folclore



PLO FESTIVAL DO FOLCIORE

Analiza da Diporticimato de Faldare da Circulato Mandano de Faldare da Manda de Manda de Manda de Faldare da Manda de Manda de Manda de Faldare da Manda de Manda de Faldare de de Faldar



Página 18

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

A partir do 10.º Festival, visto que antes o evento estava aos cuidados do Prof. Sant'anna, seus colegas e alunos, aos quais já começavam a faltar recursos em vista da dimensão que a festa adquiria, a Prefeitura Municipal de Olímpia passou a oficializá-lo, ensejando-lhe melhores condições.

10º FESTIVAL DO FOLCLORE















Em 1979, no 15.º Festival do Folclore, por ocasião do Decreto n.º 1286/79, foi conferida ao Curupira a incumbência de "governar" a cidade de Olímpia durante a realização do evento. A partir de então, durante a abertura da nossa festa maior, para oficializar a fantasiosa transmissão provisória do mandato, o Curupira (personificado, evidentemente) recebe das mãos do prefeito a carta de mandatário e a chave simbólica do Município (a encenação da entrega da chave ao aluído mito, deixou de ser realizada no 37.º Festival do Folclore).





Nos festivais que se seguiram, a presença de grupos provenientes de outros Estados foi crescendo cada vez mais, e a Praça da Matriz foi se tornando pequena para um festival cuja dimensão se afigurava ascensional, de maneira que, em virtude do recrudescimento do evento, realizaram-se no Centro de Esportes e Recreação "Olinto Zambom" a 19ª, a 20ª e a 21ª etapas do Festival.



No 19.º Festival do Folclore, houve a 1ª edição do "Ciclo de Palestras Sobre Folclore", idealizada pelo Prof. José Sant'anna, tendo por objetivos: "ampliar conhecimentos sobre o Folclore Brasileiro; preparar estudantes para a compreensão de manifestações folclóricas; complementar estudos já efetuados sobre folclore", entre outros, segundo Sant'anna (Programa do 24.º Festival do Folclore). Foi realizado em diversos locais, até efetivar-se na Praça de Atividades Folclóricas, a partir do 22.º Festival do Folclore.

O Minifestival do Folclore surgiu no 20.º Festival do Folclore, por recomendação da Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Man-

zolli, a fim de que, no período da tarde, fossem regularmente realizadas atividades com grupos folclóricos e parafolclóricos durante o Festival, visto que, nos festivais anteriores nos relata a Prof.ª Cidinha o Grupo "Cidade Menina-Moça", por ela criado e coordenado, constantemente tinha de se preparar às pressas para se apresentar em razão da presença de turistas e autoridades de outros municípios, no período vespertino. No Minifestival, desde sua criação, componentes dos referidos grupos, além de apresentarem suas danças e folguedos, fazem também breves preleções sobre o vestuário e instrumentos utilizados, históricos das danças e ensinam alguns passos.







Na 22ª edição do Festival do Folclore, em 1986, tendo em vista o crescimento da nossa festa maior e, em contrapartida, a gradual redução do espaço disponível na Praça da Matriz de São João Batista e, posteriormente, no Centro de Esportes "Olinto Zambom", onde, após 18 festivais na Praça, se realizaram a 19ª, a 20ª e a 21ª etapas do FEFOL, construiu-se casa própria para o evento: o Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prefeito Wil-

son Zangirolami", assim denominada por iniciativa do então vereador José Sant'anna para homenagear o alcaide que, aliado à força empreendedora do criador do festival, num épico feito, procedeu à construção do "folcloródromo", realizando-a em pouco mais de quatro meses. A execução da estrutura metálica da obra (aproximadamente 9 mil m²) foi concluída no prazo recorde de 45 dias, pela Indústria e Comércio Nakamura, empresa olimpiense.

Na ocasião, o prof. Sant'anna assim se expressou: "Olímpia dá uma contribuição elevadíssima ao estudo e à preservação do folclore nacional (...) A Praça, de construção moderna, é elegante e espaçosa, e merece especial menção entre as principais

obras do gosto de nossa gente. Nela, o povo se reanima e sente-se valorizado, pois apresenta um aspecto pitoresco e muito agradável em meio a músicas, danças, folguedos, flores, co-

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia



Página 20



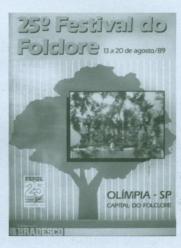
midas e ao geral e entusiástico contentamento da povoação inteira".

Com efeito, é um mágico recinto, onde se verifica a mais apoteótica celebração do folclore brasileira. Situado na Avenida Menina-Moça, Olímpia-SP, tem cerca de 96.800 metros quadrados de espaço disponível, sendo 6.500 de área construída. Cada vez mais os visitantes se encantam com a Praça das Atividades Folclóricas e os olimpienses dela se orgulham.

Paulatinamente, em consonância com as disponibilidades econômicas do Município, cresce e se consolida o maior monumento que se erigiu às atividades folclóricas no país.







A "Peregrinação Folclórica" se iniciou no 25.º Festival do Folclore, a qual se tornaria um dos mais aguardados eventos da nossa festa maior, haja vista que representa uma transcendência, para as ruas centrais da cidade, de parte das atividades desen-

volvidas na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna". "Folclore na Rua" é denominação que o complementa. Trata-se de um variegado e festivo passeio de grupos folclóricos e parafolclóricos pelas ruas principais da "Capital do Folclore", em que, desde que surgiu a "Peregrinação, também são visitados estabelecimentos comerciais que colaboram no patrocínio do festival e repartições públicas municipais.



Iseh Bueno de Camargo, no Anuário do 26.º Festival do Folclore (p. 102) ressalta que "sabendo que muita gente que aprecia danças e músicas folclóricas fica sem ver quase nada dos festivais, por trabalhar o dia todo e, à noite, ter que permanecer em casa por razões diversas ou por trabalhar nas barracas beneficentes do Recinto, Sant'anna e

Cidinha Manzolli decidiram realizar a 1ª Peregrinação Folclórica".



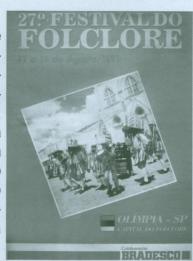
No 26.º Festival do Folclore, a apresentação do cantor Almir Sater marcou a abertura dessa edição do evento, no dia 12 de agosto de 1990. Na ocasião, o artista interpretava o personagem Xeréu Trindade na novela "Pantanal", da extinta TV Manchete. Valendo-se de seus dois célebres instrumentos, a viola de 10 cordas e a viola comum, o cantor se apresentou com sucesso para uma entusiasmada multidão que compareceu à Praçade Atividades Folclóricas naquela noite, em que também cantou músicas do cancioneiro folclórico.



Foi também durante o 26.º FEFOL que se realizou pela primeira vez o 1.º Concurso de Pintura - Óleo Sobre Tela, com temas do folclore brasileiro, comandado pela Profa Zeca Scura (falecida em 1997). Houve entrega de prêmios e honraria especial à olimpiense Lurdes Alessi, que pinta com os pés, e se tornou nacionalmente conhecida, tendo participado de vários programas de televisão, no Brasil e no exterior. Pioneiro no país, o concurso continua sendo realizado nos festivais, ainda que tenha passado por

modificações quanto ao nome, e lhe sendo acrescentadas outras modalidades no decorrer dos festivais.

A dupla Pena Branca e Xavantinho, Jair Rodrigues e Inezita Barroso foram as atrações do 27.º Festival do Folclore. Todos fizeram apresentações que foram dignas de vibrantes aplausos: Jair Rodrigues, "eterno menino arteiro" que alegrava os palcos brasileiros desde os tempos da bossa-nova; Inezita Barroso, "presença obrigatória" que até então havia participado de quase todos os festivais anteriores, faltando a apenas dois, e a dupla sertaneja Pena Branca e Xavantinho (nomes artísticos de José Ramiro Sobrinho e Ranulfo Ramiro da Silva, respectivamente) irmãos de sangue, irmãos na música. Mais bela ainda foi a apresentação quando essa dupla se tornou trio, com Inezita Barroso, no 27.º FEFOL.

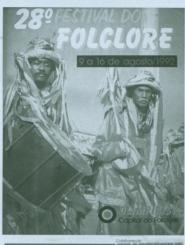






Os Demônios da Garoa, grupo de cantores populares mais antigo do Brasil em atividade, marcaram presença no 28.º Festival do Folclore. "Iracema", "Saudosa Maloca", "O Samba do Arnesto", "As Mariposas", "Tiro ao Álvaro", "Ói Nóis Aqui Trá Veiz", "Vila Esperança", e a infalível "Trem das Onze", entre outros sucessos, foram interpretadas pelo grupo, que foi assistido e aplaudido por pessoas das mais diversas idades no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas.





BRADESCO



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia





Um busto de bronze para "imortalizar" a figura do Prof. José Sant'anna foi confeccionado, no 30.º Festival do Folclore. Requerimento formulado pela olimpiense Lúcia Arlene Fonseca, acompanhado de exposição de motivos, com cerca de 10 mil assinaturas, foi atendido pelo então Prefeito José Carlos Moreira, que, por meio do Decreto n.º 2643-A, de 14 de agosto de 1994, determinou que a Prefeitura Municipal providenciaria "a confecção

de uma erma do Professor José Sant'anna, criador do Festival do Folclore de Olímpia, como homenagem do Município a seu filho Ilustre", acrescentando que "a erma do Professor José Sant'anna ficará sobreposta em pedestal a ser aumentado na Praça das Atividades Folclóricas, localizado à esquerda da





entrada do prédio da administração daquele próprio municipal". No pedestal se encontra uma placa com os dizeres: "Homenagem dos Olimpienses ao Eterno Idealizador e Criador do Festival do Folclore de Olímpia". Muito concorrida foi a cerimônia de inauguração da erma. Uma multidão aplaudia o Prof. Sant'anna, que, muito emocionado, agradeceu a homenagem recebida.

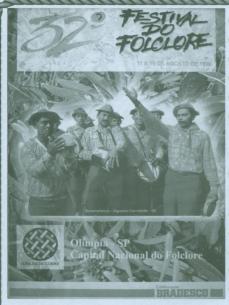


O 30.º FEFOL contou com a presença do então governador de São Paulo, Mário Covas, a quem Sant'anna, na ocasião, presenteou com uma estatueta do Curupira, esculpida em argila, em caixa especialmente confeccionada de que consta "com a outorga da imagem do Curupira, Olímpia distingue pessoas que colaboram na concretização do Festival do Folclore".

No 31.º FEFOL foi realizada a 1.ª Folclorança, uma oficina de brinquedos tradicionais infantis. Iseh Bueno de Camargo relata que "duas jovens mestras olimpienses, Maria Antônia de Oliveira e Nilza Gil Breda, tomaram a iniciativa de, em praça pública, durante a realização do 31.º Festival do Folclore de Olímpia, transmitir conhecimentos folclóricos às crianças, diferentemente do que fazem os professores nos cursos de folclore ou minifestival do folclore. O nome escolhido foi 'Primeira Folclorança', isto é, Folclorança = herança + criança + confiança. Em panfletos distribuídos à população infantil, os objetivos foram expostos, as condições de participação, e o que fazer com brinquedos confeccionados e em exposição ao alcance de cada um" (Anuário do 32.º Festival do Folclore, p. 105).



Em 1996, no 32.º Festival do Folclore, por iniciativa do Prof. José Sant'anna, somada aos estímulos de seus companheiros folcloristas, mecenas e amigos, foi criada a Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro - AODFB, declarada de utilidade pública pela Lei Municipal n.º 2.514/1996, e que então ostentava fortes alvíssaras no sentido de ensejar maior autonomia e independência aos denodados empreendedores da nossa festa maior, salientando-se o entusiasmo e o júbilo que marcam os olimpienses na valorização das manifestações folclóricas. O



governo municipal, então, por meio do Decreto n.º 2.837, de 05/07/1996, outorgou à mencionada Associação a organização e a direção do evento, de modo a confirmar o reconhecimento de um intenso e apaixonado trabalho que nossa cidade realiza no culto e na celebração da arte e da sabedoria do povo.

No 33.º Festival do Folclore, o então Ministro da Cultura, Francisco Correia Weffort, compareceu ao evento, no dia 10 de agosto de 1997, na noite de abertura. Após muito elogiar Olímpia, foi veemente em aplausos e felicitações, prometendo envidar todos

OLIMPIA - SP COLICIONE

BRADESCO

os esforços visando a oferecer ajuda financeira para o Festival, promessa que cumpriu durante o tempo em que permaneceu no cargo (exceto em 2002, ano de eleição) após sua visita à nossa festa maior.





Uma festiva "invasão" de grupos folclóricos e parafolclóricos, quase noventa, se deu no 34.º Festival do Folclore, em razão do significativo apoio oferecido ao evento pelo então Ministro da Cultura, Fancisco Weffort, que mais uma vez esteve presente no FEFOL, na oportunidade, cumprindo a promessa feita no ano anterior de enviar razoável verba para a nossa festa maior, o que permitiu ao Prof. Sant'anna, muito feliz na ocasião, trazer mais grupos folclóricos, provenientes de distantes rincões, e de rever vários outros, ausentes havia alguns anos.

Nunca imaginaríamos que se trataria de uma despedida.

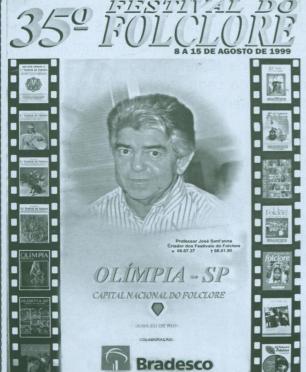
O 34.º FEFOL foi o último coordenado diretamente pelo seu próprio criador.

O 35.º Festival do Folclore foi marcado pela pungente dor de inúmeras pessoas em razão da perda do criador do evento, o Prof. José Sant'anna, o grande luminar de Olímpia. Homenagens veementes foram feitas à memória de Sant'anna, que foi reverenciada desde o espetáculo de abertura até as apresentações no palco, nas ruas e outros pontos da cidade e diante do túmulo do grande expoente de Olímpia. Músicas

foram compostas pelos grupos folclóricos e parafolclóricos presentes no festival, muitos dos quais já haviam participado de várias edições do evento, inúmeros admiradores e amigos do professor. Várias canções foram entoadas por vozes embargadas, chorosas. A abertura e o encerramento do festival foram realizadas

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 24



"pelo próprio Sant'anna". Vídeoteipes foram exibidos no telão situado ao lado do palco oficial, contendo imagens e pronunciamentos do Prof. Sant'anna, editados de maneira a representar uma saudação de abertura e uma despedida e um convite para o seguinte festival, feitos por ele. Na ocasião, o "folcloródromo" já ostentava o nome do criador do FEFOL; Projeto de Lei de autoria do então vereador Vicente Augusto Batista Paschoal, "Guga" (de n.º 3074/97) foi unanimemente aprovado pela Câmara Municipal de Olímpia, convertendo-se na Lei n.º 2.723, de 10/2/99, cujo teor determinou a alteração do nome da casa própria do festival, que, desde então, passou a chamar-se "Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas `Professor José Sant'anna".

Faz-se oportuno reproduzir o texto publicado no Anuário do 35.º Festival do Fol-

clore, em que sua foto ilustrava o Anuá- rio e o Cartaz do Festival:

"No dia 08 de janeiro de 1999, faleceu, vítima de um derrame cerebral, o Prof. José Sant'anna. Nascido em Olímpia, viveu apenas 61 anos. Parecia inquebrantável, indestrutível, árvore de boa cepa, dessas que atravessam séculos, intocadas pelos raios, pelas intempéries. Idealizador e Coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, soube, como ninguém, defender o patrimônio cultural brasileiro, dedicando-se, quase que exclusivamente, a batalhar em prol da preservação do folclore pátrio. Descurou-se da sua saúde, do seu bem-estar, da sua vida social, da sua vida particular. Viveu intensamente os poucos anos que o Senhor Ihe concedeu, cercado de grandes amigos, de ferrenhos defensores, de admiradores, de protetores poderosos. Teve seus momentos de sucesso absoluto, suas horas amargas, seus dias nublados, a tudo enfrentou e suportou. Sua morte nos tomou de surpresa. É quase impossível pensar-se que partiu, que nos deixou em um barco sem leme, sem comandante. Por mais que nos esforcemos, só conseguimos vê-lo vivo, com disposição para o trabalho, escrevendo, pesquisando, acumulando saber e distribuindo lições grandiosas e incomparáveis.

Pretendendo homenageá-lo neste 35.º Festival do Folclore, algo que ele jamais permitiria se vivo fosse, quisemos colocá-lo bem no centro dos grupos folclóricos e parafolclóricos que foram capa dos Anuários: 28 até 1998. Ele estará, não só neste trabalho, mas perpetuamente cercado por aqueles a quem dedicou quase todos os anos da sua breve existência. Aqui todos encontrarão vultos que já partiram, que brilham ainda nos palanques e palcos dos festivais, amigos queridos, cenas que ofuscaram os olhos dos

admiradores e levaram o nome de Olímpia para todos os rincões brasileiros.

Esta é, pois, a nossa homenagem ao Prof. Sant'anna."

Acrescenta a Prof.ª Iseh Bueno de Camargo que "durante o 35.º FEFOL, algumas inovações surgiram nas barracas, antes apenas destinadas à venda de alimentos da culinária brasileira. Passaram, em 1999, a serem ocupadas por novos tipos de atividades folclóricas. Por acordo entre os dirigentes dos grupos parafolclóricos que aqui vêm há muitos anos e que permanecem em Olímpia durante todo o Festival, foram reservadas as cinco noites dos primeiros dias úteis para apresentações particulares, dando-se, assim, prosseguimento à ideia e à iniciativa do amigo André Naka-



mura, que no 34.º FEFOL promovera a 'Noite Cearense' e a 'Noite Paraense'. Assim, o Grupo Parafolclórico 'Terra da Luz', Ceará, expôs no recinto da antiga APAE todos os ricos trajes que foram utilizados para apresentação do Maracatu. Também foram servidos pratos típicos da culinária cearense. O mesmo fizeram os demais grupos, com churrasco gaúcho, bebidas do Sul, vinho e chimarrão, danças de cada região, confraternização entre dois ou mais grupos de diferentes Estados" (Anuário do 36.º Festival do Folclore, p. 110).

O 36.º Festival, no ano 2000, teve como tema central os 500 anos do Brasil. O evento foi novamente se afigurou um misto de homenagens e empreendimento da consolidação de valores defendidos pelo Prof. Sant'anna. Grupos folclóricos e folcloristas que não puderam comparecer ao FEFOL anterior se fizeram presentes, homenageando

o Prof. José Sant'anna.

No ano seguinte, 37.º Festival do Folclore, algumas diferenças se fizeram notar. Foi nomeada para o cargo de Coordenadora Geral do Setor de Folclore, a Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, "Cidinha Manzolli", colaboradora de Sant'anna desde o primeiro festival e que também criou um grupo parafolclórico, com o apoio do inolvidável folclorista, em 1967, o GODAP - Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça". Uma preocupação com a programação no palco, no que diz respeito à duração das apresentações, já começou a ser percebida. Nas edições anteriores do festival, mormente sob o comando do Prof. Sant'anna, notava-se que os grupos que se apresentavam no palanque excediam consideravelmente o tempo que lhes era concedido para tanto, de maneira que, em muitas ocasi-



ões, as apresentações no palco se estendiam até às 5 da manhã. Muitas críticas eram feitas, especialmente no sentido de que era lamentável que muitos grupos, que se deslocavam até Olímpia oriundos de distantes regiões se apresentavam para quase ninguém em tais horários. Ressalvemos, no entanto, que eram muitos os que se apresentavam, e o Prof. Sant'anna, para não desagradar os grupos, de que tanto gostava, não era muito "enérgico" no controle da duração das apresentações no palco pelos grupos.



Foram também alterados o horário e o trajeto do Desfile Folclórico. O "ponto máximo da nossa festa maior", que nos festivais anteriores se realizava pela manhã, na Av. Aurora Fórti Neves, no 37.º FEFOL, diversamente, se iniciou por volta das 15 horas, partindo da Avenida do Estudante (prolongamento da Av. Brasil), percorrendo as Avenidas Andrade e Silva e Menina Moça, até a Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", por cujas barracas e avenidas os grupos folclóricos e parafolclóricos também desfilaram, passando ainda em torno da arena e defronte do palco, dispersando-se nos bastidores. Inesquecível espetáculo que deixou o "folcloródromo" lotado.

Na 38.ª etapa do FEFOL, passou a ser cronometrado o tempo de apresentação no palco. Foram ríspidas as reações, especialmente por parte dos integrantes dos grupos "autênticos", pessoas mais simples. Irritavam-se, por mais que se tentasse explicar que era necessário dar espaço para todos os grupos presentes, que de madrugada não haveria ninguém para assistir aos que ficassem para o final. Houve ameaças de que

não mais retornariam a Olímpia (não cumpridas). As apresentações de segunda a quinta-feira encerravam-se por volta das 23 horas, estendendo-se até à uma hora da manhã, no máximo, de sexta a domingo.

Outra diferença que se notou no 38.º Fefol foi um maior número de gru-Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia



pos parafolclóricos inéditos

Lembremos que os grupos folclóricos que participam do evento retornam mesmo repetidas vezes, variando poucos, de ano para ano. O objetivo principal é a participação dos grupos chamados também de "autênticos". As "novidades" ocorrem com relação aos grupos parafolclóricos, e, nessa edição do FEFOL, vários foram os grupos parafolclóricos que se apresentaram pela primeira vez em Olímpia.

No ano em que Olímpia comemorava seu centenário, 2003 (39.º FEFOL) o espetáculo de abertura teve como tema "Olímpia centenária, mas ainda menina-moca,

onde o tempo faz a história e a história se faz através do tempo", uma representação coreográfica e dramática sobre personalidades e fatos históricos da cidade. Na ocasião, ressaltaram-se, entre outros temas, o padroeiro da cidade, São João Batista, Maria Olímpia, o professor José Sant'anna e o próprio festival.

39º Festival do Folclore
9 a 17 de agosto
Olímpia mostra a cara do Brasil!

O encontro da Cultura Brasileira
8 a 15 de agosto Olímpia - SP

No 40.º FEFOL se comemorou com grande ênfase o Jubileu de Esmeralda da nossa festa maior. O espetáculo de abertura rememorou a história do festival. Houve uma bela homenagem ao grande expoente de Olímpia, Prof. Sant'anna, criador do evento. Centenas de crianças representaram mitos e lendas, bem como danças e folguedos do folclore brasileiro.

Segundo o texto lido durante o espetáculo, em que se enfatizavam os grandes feitos de Sant'anna, "se Deus fez José, fez também uma Maria", em alusão à Profa Maria Aparecida de Araújo Manzolli, colaboradora do grande mestre desde os primeiros festivais.

Foi também no 40.º Festival que se deu o 1.º Campeonato de Bocha, que veio se somar aos campeonatos de malha e de truco.

Nessa edição, a exemplo das três anteriores, após o falecimento do idealizador do evento, novas concessões se fizeram com relação ao propósito original da festa, visando a um público mais amplo, a exemplo da inclusão dos chamados "balés folclóricos".

Os críticos dessas inovações argumentam que esses balés, muito mais que os parafolclóricos, descaracterizam a essência da festa.

A Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, em depoimento pessoal que nos concedeu, na ocasião, esclarece que são apenas participações especiais e que os ideais do professor Sant´anna não estão sendo feridos. Há

cerca de dez ou quinze grupos de projeção folclórica para uma média de cinquenta folclóricos, nos últimos festivais".

Cidinha acrescenta que, nos chamados "Balés Folclóricos", há algumas reminiscências das manifestações autênticas, declarando que "o aspecto folclórico é mais uma lembrança nas apresentações, mas, assim como Sant'anna compreendeu que os parafolclórcos eram necessários, tivemos de fazer uma concessão também para com os balés. É preciso que haja grupos assim para que os folclóricos também tenham público".

O 41.º Festival do Folclore teve um dia a mais. A abertura do FEFOL, que se realizava no domingo, geralmente no segundo domingo do mês de agosto, se deu, nessa edição, no dia 06 de agosto de 2005,



sábado. A Comissão Executiva do Festival acolheu recomendação do então Prefeito Municipal, Luiz Fernando Carneiro, de que a abertura fosse no sábado a fim de que o público pudesse participar mais da festa, pois, em geral, o repouso semanal remunera-

do dos trabalhadores é aos domingos. Deste então, os festivais

seguintes passaram a ter mais um dia.

No 42.º Festival do Folclore, a Comissão Executiva do evento, apoiada por colaboradores mais próximos, resolveu homenagear um Estado brasileiro a cada festival. Por maioria de votos, decidiu-se que o primeiro a ser homenageado seria o do Pará, o qual, então, foi o tema do Espetáculo de Abertura ("Homenagem ao Folclore Paraense").

Nesse FEFOL também houve a comemoração dos 20 anos do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".

O Desfile de Alegorias, que não se realizava desde o 27.º Festival do Folclore, foi retomado nessa edição do festival. A apresentação, entanto, foi diferente do modo como se dava nos primeiros festivais, em que os carros alegóricos antecediam o desfile dos grupos folclóricos e de projeção folclórica. No 42.º FEFOL, os mencionados carros foram posicionados de maneira a anunciar alegoricamente as regiões de que eram provenientes os grupos folclóricos e parafolclóricos, cujos

integrantes, reunidos de acordo com a região brasileira de que eram oriundos, seguiam os carros alegóricos.

O Estado de Minas Gerais foi o homenageado no 43.º Festival do Folclore. Após o Espetáculo de abertura, em homenagem ao Estado de Minas Gerais, houve apresentação do cantor Rubinho do Vale. Ao lado do Pavilhão Cultural, situado na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna" instalou-se um estande de 522 metros quadrados, onde se apreciavam o artesanato e a culinária do Estado de Minas Gerais, em meio a outros produtos dos setores de turismo e agronegócios. Cerca de 200 artesãos. provenientes de diversas regiões mineiras, expuseram mais Minas Culturais de 300 produtos. Também estavam presente, realizando



DE NOSSAS RAIZES

de Minas Gerais, que participaram do programa Resgate Cultural das Tradições. No 43.º FEFOL, o Desfile Folclórico, que desde o 37.º Festival vinha sendo re-

alizado no período da tarde, voltou a ser realizado no período da manhã, na Av. Aurora

Fórti Neves.



No 44.º Festival do Folclore (02 a 10 de agosto de 2008), o Estado homenageado foi o da Paraíba. O Espetáculo de Abertura contou com a participação de cerca de quinhentos alunos das escolas olimpienses, estaduais e municipais, em que se homenageou o Estado da Paraíba, com apresentação de danças e folguedos cultivados nessa unidade da federação, pelos estudantes e depois pelos grupos paraibanos presentes no 44.º FEFOL: Grupo Folclórico Aruenda da Saudade - Pitimbu/PB; Grupo Parafolclórico da Paraíba GPAP - João Pessoa/PB; Grupo Cultural Coração Brasileiro – Pitimbu/PB; Grupo Nova Geração - João Pessoa/PB Grupo de Danca Parafolclórica Jacoca - Conde/PB; Grupo Tropeiros de Borborema - Campina Grande/PB.

No dia 02 de agosto de 2008, às 18h, foi inaugurada a Capela de Santos Reis, na Praça das Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", nas proximidades da então denominada Arena Cultural "Maria Aparecida de Araújo Manzolli"



Tratava-se de antiga reivindicação dos inte grantes das Companhias de Reis olimpienses, atendida pelo então Prefeito Luiz Fernando Carneiro. Em razão do pequeno espaço interior da capela, com capacidade para cerca de 100 pessoas, foi realizada uma missa campal de que participaram todas as mencionadas Companhias.

No re, no dia 08 de

agosto de 2009, por volta das 18h, houve a inauguração da Estátua do Curupira, esculpida por Sérgio Santana da Silva, que se situa próxima à entrada principal do Recinto de

> Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna". Na ocasião, o Prefeito Municipal, Eugenio José Zuliani, descerrou a Placa Comemorativa Olímpia S de que consta: "Curu- 108 a 10 pira - Mito do Folclore Brasileiro, protetor da fauna e da flora, Patrono do



Festival do Folclore".

Também no dia 08 de agosto de 2009, após a inauguração da Estátua, procedeu-se à cerimônia de inauguração da "Casa do Caipira", idealizada pela Profa Maria Aparecida de Araújo Manzolli, um novo ponto de visitação na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", em que se encontra uma amostra das humildes moradas da gente simples do povo, um exemplo de arquitetura folclórica. O processo construtivo da Casa é o pau-a-pique, tendo sido utilizado madeira bruta. O fechamento das paredes é em barro estruturado com bambu. O piso é de tijolo sem revestimento, e a cobertura é com telha. Há também na casa fogão à lenha, forno caipira, e móveis que evocam o interior de habitações dessa natureza. Trata-se de um interessante e agradável ponto de encontro, cujas atividades se ampliariam nos próximos festivais.





Nos dias 08 e 09 de agosto de 2009, a partir das 8 horas, realizou-se Encontro de Bandeiras de Santos Reis, na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", organizado pelo Mestre de Congo e de Companhia de Reis, o capitão José Ferreira, da Companhia de Santos Reis Estrela da Paz, que contou com a participação de mais de 30 Companhias de Reis.

Também foi realizado o "Festival Paulista de Viola Caipira", nos dia 08 e 09 de agosto de 2009, a partir das 18 horas, no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas, realizou-se o Festival Paulista de Viola Caipira – "Violas



e Ponteios", do qual participaram diversas du plas, de Olímpia e de outras cidades do Estado de São Paulo.

Nessa mesma edição do evento, Olímpia recebeu a visita da imagem fac símile DAE Nossa Senhora Aparecida, proveniente do Santuário de Aparecida, que, depois de peregrinar por vários municípios da microrregião de Olímpia, foi levada ao Recinto de Exposicões e Pra de Atividades Folclóricas "Prof. José

Sant'anna"

No 46.º Festival do Folclore, o Estado do Paraná foi o homenageado. No Espetáculo de Abertura foram apresentadas danças inspiradas nas coreografias criadas e/ou reelaboradas pelo Grupo Parafolclórico "Fogança", de Maringá/PR, cartaz do 46.º FEFOL: Vilão de Fitas, Cuá-fubá, Gralha Azul e Barreado de Paranaguá. Após o espetáculo de abertura, do qual participaram cerca de 180 crianças das unidades escolares municipais, apresentaram-se o Grupo Fogança e o Grupo Folclórico "Mestre Romão", de Paranaguá/PR. Também foi promovida uma significativa exposição em que se exibiram amostras da cultura popular paranaense.

estival do

Olímpia-SP



Diversamente de todas as outras edições do Festival do Folclore de Olímpia, o 47.º FEFOL se realizou no mês de julho, visando a um público maior, em razão da presença de muitos turistas em Olímpia por ocasião das férias escolares fruídas nesse mês, e também para que não houvesse interrupção das aulas na rede municipal de ensino, visto que as dependências das unidades escolares eram utilizadas durante o evento.

O Estado do Rio Grande do do FEFOL

de São Paulo Geraldo Alckmin visitou o Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", na manhã do dia 28 de julho de 2011, por volta das 9h20, onde foi efusivamente recepcionado por mais de duas mil pessoas, entre agentes públicos, populares e centenas de integrantes de grupos folclóricos e parafolclóricos, de 16 Estados,

23 a 31 de Julho de 2011 Recinto dos Festivais do Folclore hows com entrada franca: 22/07 Jair Rodrigues • 29/07 Sá e Guarabira Norte foi o homenageado nessa edição Apresentação de grupos folclóricos todas as noites PREFEITURA GUARANI Americantlex SESC PROAC SAO PAUL

DON

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 30

No 47.º FEFOL, o governador

participantes do festival.

Foi uma das recepções mais calorosas que recebi, não só do povo de São Paulo, mas também do Brasil através dos participantes do Festival de Folclore", declarou o governador.





No dia 24 de julho de 2011, foram inaugurados o Coreto e a Casa de Taipa, que passam agora a integrar a Vila do Caipira. No coreto, grupos de violeiros e duplas de sertanejo "raiz" se apresentaram por mais de duas horas.



O Prefeito Geninho Zuliani destacou a importância das novas atrações: "É sempre com muito or- gulho que inauguramos obras como essas, que vem pra abrilhantar ainda mais nosso folclore. Esperamos que em um futuro muito próximo, tudo isso venha a somar para a concretização da Vila Brasil, um espaço que vai dar a esse recinto um caráter permanente de atração turística e cultural, com casas típicas de todos os estados. Essas inovações dão ainda mais sentido a essa grandiosa festa".

O Coreto foi doado pelo SESC de Catanduva (SP) e totalmente reformado pela prefeitura de Olímpia.

A Casa de Taipa, moradia típica do sertanejo potiguar, foi construída pelo poeta popular Paulo Varela, de Assú/RN, com a colaboração das mulheres do Projeto "Mãos à Obra", de Olímpia/SP.

Paulo Varela, contador de 'causos', foi uma das grandes atrações trazidas pelo Estado do Rio Grande do Norte, homenageado no 47.º FEFOL.

Além do "Pavilhão do Rio Grande do Norte 'Luís da Câmara Cascudo", onde



uma belíssima exposição em que se ressaltou a diversidade do folclore potiguar, grupos potiquares centenários desfilaram suas histórias em Olímpia, a exemplo do Boi Calemba Pintadinho, do Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina (capa do cartaz do 47.º FEFOL), dos Caboclos de Major Sales, do Rei de Congo e dos meninos dos Macambirais.

O Estado do Rio Grande do Sul foi o homenageado no 48.º Festival do Folclore. Representando o Estado participaram do evento os seguintes grupos: CTG - Centro de Tradições Gaúchas "Estância da Serra", de Osório/RS; CTG "Paixão Côrtes", de Caxias do Sul/RS; CTG "Potreiro Grande", de Tramandaí/RS; CTG "Querência do Imbé", Imbé/RS; Grupo de Arte "Essência Nativa", de São José do Sul/RS; e Grupo de Tradição e Cultura "20 de Se-

GALPÃO CRIOULO



Na ocasião foi inaugurado o "Galpão Crioulo", construído por dois gaúchos, provenientes de Capão da Canoa/RS. A construção, considerada um mini CTG (Centro de Tradições Gaúchas), foi realizada durante o Festival, e a cerimonia de inauguração con-



tou com a participação dos grupos gaúchos presentes no FEFOL, que, antes da inauguração, cantaram o Hino do Rio Grande do Sul e fizeram breves apresentações. Após o Galpão foi aberto para visitação. Além do Galpão, os olimpienses e visitantes tiveram a oportunidade de admirar uma exposição instalada na Praça de Atividades Folclóricas relativa à cultura popular gaúcha.

Esta foi uma abordagem panorâmica do assunto. Falar do Cinquentenário do FEFOL é trabalho que há de ser tratado com maior profundidade, oportunamente.

Desde já nos desculpamos pela omissão de muitos nomes.

Um evento da magnitude do Festival do Folclore de Olímpia, no decorrer de seus cinquenta anos, certamente contou com inúmeros colaboradores.

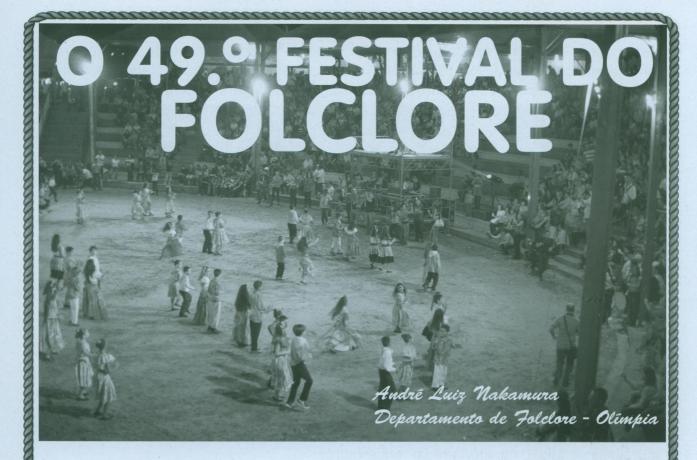
A impossibilidade de citar todos eles nos faz lembrar que o próprio folclore afigura-se um grande exemplo de desprendimento, pois, embora o anonimato não seja requisito indispensável para a caracterização do fato folclórico, visto que há manifestações também consideradas folclóricas cujos autores se identificam, existem inumeráveis outras criações culturais que se tornam de autoria coletiva.

Naturalmente, tudo que se cria foi criado por alguém, mas, em muitos casos, o autor ou é desconhecido ou foi esquecido, ou, ainda, simplesmente não quis se identificar, por isso alguns fenômenos folclóricos se tornam de domínio público, de autoria coletiva; é criação do povo, por isso é folclore, pertence a todos nós.

Qualquer colaboração é sempre de grande valia.

Oportuna uma fábula segundo a qual um passarinho portava em seu bico a quantidade de água de que era capaz de suportar para ajudar a apagar um incêndio numa floresta, o qual já se tornava incontrolável. Aos que lhe diziam que seu esforço era inútil, respondia: _ Estou fazendo a minha parte.

Sendo assim, em nome da Comissão Executiva do Evento, a todos que colaboraram e colaboram com o Festival do Folclore de Olímpia _ com a certeza de que por meio da lei da ação e reação, do Autor de Todas as Coisas, terão seus esforços recompensados, e com a certeza de que a imensidão da memória do universo tudo registra, para sempre _ nossos mais sinceros agradecimentos.



ESPETÁCULO DE ABERTURA



seguida às solenidades relativas à inauguração do Pavilhão Cultural do 49° Festival do Folclore, ao hasteamento das bandeiras e aos discursos oficiais, iniciou-e a realização do Espetáculo de Abertura da 49ª edição da nossa festa maior. Mato Grosso, Estado homenageado na ocasião, foi o tema do espetáculo intitulado "Mato Grosso é aqui".

Aproximadamente 150 crianças das unidades escolares da rede municipal de ensino participaram do espetáculo, em que se apresentaram danças tradicionais do Estado de Mato Grosso, Também participaram cerca de 15 integrantes da Associação Folclórica do Siriri e Cururu - Grupo Guató - MT, que se encontravam em Olímpia para presenciar a homenagem.



O vestuário utilizado pelos alunos foi cuidadosamente estudado e produzido por voluntários das escolas participantes: cozinheiras, auxiliares, inspetoras, faxineiras, professores, coordenadoras, diretoras, enfim servidores públicos

municipais que acumularam suas funções com as de estilistas e costureiras para bem vestir nossos pequenos artistas, desde o início do segundo semestre de 2012, quando começaram os preparativos para a realização do espetáculo, com planejamentos e estudos das manifestações e outros aspectos ligados à cultura mato-grossense.



Com o apagar das luzes da arena, o espetáculo se iniciou. Ouvia-se o som da viola de cocho, enquanto a iluminação focava alguns detalhes, a exemplo de imagens figurativas do tuiuiú, da vitória-régia, entre outros.

O narrador, em tom solene, se fez ouvir:

"O Festival do Folclore de Olímpia, idealizado pelo saudoso professor José Sant'anna, constitui-se num terreno fértil para a preservação da cultura popular desse 'Brasilzão' de meu Deus. É precioso por demais sô! Assunta - só seu moço, lá se vão 49 anos revelando os costumes e as tradições dos diferentes Brasis que habitam esta imensa nação. Coisa maior de bonita, esse nosso Brasil de todos os cantos, de tantos encantos e alumbramentos. Ê, dona Olímpia, menina, moça, senhora, pegue o seu chapéu de palha, ponha um lenço no pescoço, jogue o arreio de prata no lombo do alvoroço. Venha, vamos revelar os segredos, desvendar os mistérios, do Estado de Mato Grosso. Vem, vem que tem cururu e siriri! Nesta noite de festa, Mato Grosso é

aqui"!

Ao acender das luzes toda a arena foi ocupada por uma grande movimentação, ao som da música "Siriri/Cururu", de autoria do Prof. Edward Marques da Silva, "Wadão".

No palco apresentaram-se alguns detalhes coreográficos revelando figuras alegres e surpreendentes.

Terminada a cena, as luzes se apagaram, enquanto no palco os brincantes se prepararam para o ato seguinte.

As luzes se acenderam novamente. O narrador retomou sua fala:

"Coisa melhor de boa nessa vida, é um festejo de santo, em noite de lua bem clarinha, dessas que alumia o terreiro todo. Muita alegria, água da boa pra beber, fartura de mariazabé pro povo comer. O cocho, o mocho e o ganzá. O siriri é a nossa tradição, as mulheres rodam as saias e os homens batem na palma da mão. Ô comadre! Ô

compadre! Mato Grosso é bem aqui, abra os braços solte o riso e vem dançar o siriri", e o palco se iluminou com a alegria do Siriri mato-grossense.

A seguir, com as luzes apagadas, o narrador prosseguiu, anunciando os curueiros:

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

"Desde que entrei nessa casa. Esqueci de louvar. Louvo primeiro o santo Segundo louvo o altar e a Deus peço licença, Permissão para brincar. Que adentre o terreiro os mestres cururueiros"!

Reacenderam-se as luzes e se seguiu então a apresentação dos mestres cururueiros.



O narrador continuou:

"Seriema e garça branca no azul verde do campo, vitória-régia que emana tanto amor e tanto encanto. Quando a noite cai e estende seu manto de pirilampo".

Neste momento exibiu-se no telão ao lado do palco um vídeo com a música "Pantanal" e os brincantes exibiram algumas figuras alegóricas pela arena, tais como o tuiuiú e a cobra-grande.

A representação seguinte foi a da Dança dos Mascarados de Poconé, precedida do seguinte anúncio feito pelo narrador: "Vem cá morena, sai na janela, vem ver a lua como esta tão bela. Congo de São Benedito, São Gonçalo, Curussé. Cuiabá, Vila Bela, Cáceres, Leverger. Olha a dança dos mascarados da festa de Poconé...".

Ao final do espetáculo, o narrador declamou o poema "O Cururu" de Carlos Vandoni de Barros:

Fervilha o cururu no rancho de acurí, À luz de vela de garganta e de pavio, Enquanto se desfaz em prantos por ali, Viola de ximbuva e tripa de bugio. E assim que o violeiro geme no bordão, Fazendo soluçar a música brejeira, As morenas bonitas que dançando estão, Acompanham cantando o coro a noite inteira:

> Maré encheu Maré vazou. O cabelo da morena, Foi Batista quem cortou.

Eu não tenho medo da onça, Nem da pinta que ela tem; Tenho medo da morena, Quando chega a querer bem.... E o cantador destemido, Já meio aqui, meio ali, Solta o verso que é aplaudido, Sorrindo cheio de si: Lá na mata do Fuzí João Caetano me falô Que as muié do Taquarí, Co'a vida dele acabo.

Coordenação Geral do Espetáculo: Prof.ª Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro, Secretária Municipal da Educação. Coordenação Artística e Coreográfica: Tiago Pessoa Lourenço. Texto, Música e Iluminação: Edward Marques da Silva. Realização: Secretaria Municipal da Educação de Olímpia-SP.

Após o Espetáculo de Abertura apresentaram-se os grupos matogrossenses presentes no 49.º FEFOL.

APRESENTAÇÕES NO PALCO

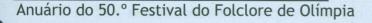


Nos dias que se seguiram à abertura, de 21 a 28 de julho de 2013, a partir das 20 horas, grupos folclóricos e parafolclóricos se apresentaram no palco principal do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna":



Dia 21/07/2013 - Domingo

- 1. Grupo Parafolclórico Vitória Régia Cáceres MT
- 2. Os Catireiros de Olímpia SP
- 3. Terno de Moçambique São Benedito Olímpia SP
- 4. Companhia de Reis Estrela Guia Olímpia SP
- 5. Grupo Parafolclórico Frutos da Terra Olímpia SP
- 6. Cia. de Reis Magos do Oriente Olímpia SP
- 7. Grupo Nova Esperança da 3° Idade Olímpia SP
- 8. Cia. de Santos Reis Estrela da Paz Olímpia SP
- 9. Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina-Moça GODAP Olímpia SP
 - 10. Balé Folclórico Tradições da Amazônia Belém PA
 - CTG Estância da Serra Osório RS
 - 12. * Associação Cultural do Logradouro Grupo Maria Bonita CE





Dia 22/07/2013 - Segunda-feira

- 1- Grupo Guató MT
- 2- Batalhão de Bacamarteiros Carmópolis SE
- 3- Mensageiros da Paz Olímpia SP
- 4- Grupo Flor do Campo MT
- 5- Cia. de Reis Caminho de Belém Olímpia SP
- 6- Pastoril Dona Joaquina São Gonçalo do Amarante RN
- 7- Grupo Parafolclórico Andora Universidade Federal do Espírito Santo ES
- 8- Grupo Parafolclórico Papanguarte Balé Popular de Bezerros PE
- 9- Grupo de Siriri São Gonçalo Beira Rio MT

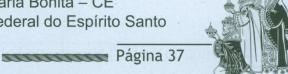


Dia 23/07/13 - Terça-feira

- 1- Grupos das escolas municipais olimpienses Danças Gaúchas
- 2- Cia. de Reis Filhos de Maria Olímpia SP
- 3- Cia. de Reis Estrela da Guia Olímpia SP
- 4- Grupo Raízes Cuiabanas MT
- 5- Samba de Roda Raízes Ancestrais Olímpia SP
- 6- Cia. de Reis Viajantes de Belém Olímpia SP
- 7- Associação Cultural Anastasis Olímpia SP
- 8- CTG Paixão Côrtes Caxias do Sul RS
- 9- Grupo Flor do Campo MT

Dia 24/07/2013 – Quarta-feira

- 1- Grupo Curussé Nativo MT
- 2- Cia. de Reis Incenso, Ouro e Mirra Olímpia SP
- 3- Grupo de Dança São Gonçalo Olímpia SP
- 4- Recomendação das Almas Olímpia SP
- 5- CTG Paixão Côrtes Caxias do Sul RS
- 6- Grupo Curussé Asa Branca MT
- 7- Grupo Transart Balé Folclórico de Alagoas AL
- 8- Associação Cultural do Logradouro Grupo Maria Bonita CE
- 9- Grupo Parafolclórico Andora Universidade Federal do Espírito Santo





Dia 25/07/2013 - Quinta-feira

- 1- Batalhão de Bacamarteiros SE
- 2- Cia. de Reis Os Visitantes de Belém Olímpia SP
- 3- Grupo Parafolclórico Frutos da Terra Olímpia SP
- 4- Cia. de Reis Fernandes Olímpia SP
- 5- Associação de Capoeira Raízes de Olímpia Olímpia SP
- 6- GODAP Olímpia SP
- 7- Pastoril Dona Luiza Secretaria Municipal Educação Olímpia SP
- 8- Terno de Congada Chapéu de Fitas Olímpia SP
- 9- Grupo Transart Balé folclórico de Alagoas Maceió AL
- 10-CTG Estância da Serra Osório RS
- 11-Balé Folclórico da Amazônia AM
- 12-Grupo Boi da Luz Santa Luzia MA

Dia 26/07/2013 - Sexta-feira

- 1- Associação Folclórica do Siriri e Cururu Grupo Guató MT
- 2- Associação Folclórica Boi de Mamão do Pantanal SC
- 3- Cia. de Reis Lapinha de Belém Olímpia SP
- 4- Grupo Boi da Luz Santa Luzia MA
- 5- Grupo Parafolclórico Camalote MS
- 6- Grupo Folclórico Mato-Grossense Tradição MT
- 7- Associação Cultural Anastasis Olímpia SP
- 8- Grupo Parafolclórico Fogança Maringá PR
- 9- Transart Balé Folclórico de Alagoas Maceió AL
- 10-Grupo Parafolclórico Vitória Régia Cáceres MT
- 11-Grupo Sarandeiros Belo Horizonte MG
- 12-Grupo Papanguarte Balé Popular de Bezerros Bezerros PE
 - 13- CTG Paixão Côrtes Caxias do Sul RS





Dia 27/07/2013 – Sábado

- 1- Terno de Congo Irmãos Paiva SP
- 2- Grupo Folclórico Caiapó São José do Rio Pardo SP
- 3- Terno de Congo Anjos de São Benedito São Sebastião Paraíso MG
- 4- Terno de Congo Chambá São Sebastião do Paraíso MG
- 5- Grupo Moçambique O Manhoso Ibiraci MG
- 6- Congada Três Colinas Franca SP
- 7- Grupo Chorado Vila Bela da Santíssima Trindade MT
- 8- Reisado Sergipano e Reisado Mirim Guarujá SP
- 9- Cia. De Reis Unidos dos Marinheiros de Itaú Itaú de Minas MG
- 10-Associação Folclórica Boi do Pantanal Florianópolis SC
- 11-Pastoril Dona Joaquina São Gonçalo do Amarante RN
- 12-Grupo Folclórico Igarapé MT
- 13-Grupo Sarandeiros MG
- 14-Balé Folclórico Tradições da Amazônia Belém PA
- 15-Batalhão de Bacamarteiros Carmópolis SE
- 16-Grupo Folclórico Samba-Lenço Mauá SP
- 17-Transart Balé Folclórico de Alagoas Maceió AL
- 18-Grupo Boi da Luz Santa Luzia MA
- 19-Grupo Parafolclórico Vitória Régia Cáceres MT
- 20-CTG Estância da Serra Osório RS
- 21-Grupo Parafolclórico Papanguarte Balé Popular de Bezerros PE
- 22-Grupo Folclórico Mato-Grossense Tradição MT
- 23-Grupo Parafolclórico Camalote MS
- 24-Associação Cultural de Logradouro Grupo Maria Bonita CE



Dia 28/07/2013 – Domingo

- 1- Grupo Parafolclórico Vitória Régia Cáceres MT
- 2- CTG Estância da Serra Osório RS
- 3- Transart Balé Folclórico de Alagoas Maceió AL
- 4- Grupo Boi da Luz Santa Luzia MA
- 5- Associação Cultural do Logradouro Grupo Maria Bonita CE
- 6- Transart Balé Folclórico de Alagoas Maceió AL
- 7- Grupo Papanguarte Balé Popular de Bezerros PE



PALCO ALTERNATIVO

No 49.º Festival do Folclore também foi instalado um palco alternativo, próximo ao estacionamento, denominado "Palco B", onde também houve apresentações de grupos folclóricos e parafolclóricos, nos dias 21, 25, 26 e 27 de agosto de 2013, a partir das 21 horas.

Dia 21/07/2013 - Domingo

- 1. Grupo de Siriri São Gonçalo Beira Rio MT
- 2. Associação Cultural do Logradouro Grupo Maria Bonita CE
- 3. Grupo Batalhão de Bacamarteiros SE
- 4. Grupo Raízes Cuiabana MT
- 5. Os Catireiros Nossa Senhora Olímpia SP
- 6. Cia de Reis Magos do Oriente Olímpia SP

Dia 25/07/2013 - Quinta-feira

- 1- Grupo Curussé Guató MT
- 2- Cia de Reis Fernandes
- 3- Grupo Parafolclórico Andora UFES ES
- 4- Grupo Folclórico Mato-Grossense Tradição MT
- 5- Associação de Capoeira Raízes de Olímpia Olímpia-SP



Dia 26/07/2013 - Sexta-feira

- 1- Cia de Reis Lapinha de Belém Olímpia SP
- 2- Grupo de Projeção Folclórica Igarapé MT
- 3- Batalhão de Bacamarteiros SE
- 4- Grupo de Dança do Congo e do Chorado MT
- 5- Reisado Sergipano e Reisado Mirim Guarujá SP

Dia 27/07/2013 - Sábado

- 1- Grupo Raiz da Figueira MT
- 2- Grupo Folclórico Moçambique o Manhoso Ibiraci MG
- 3- Cia de Reis Unidos dos Marinheiros de Itaú Itaú de Minas MG
- 4- Grupo Folclórico Caiapó São José do Rio Pardo SP
- 5- Grupo Folclórico Samba-Lenço Mauá SP
- 6- Grupo Boi da Luz Santa Luzia MA

7-CTG Paixão Côrtes - RS

- 8- Terno de Congo Irmãos Paiva SP
 - 9- Grupo Raízes Ancestrais Samba de Roda Olímpia- SP

PEDIDO DE CASAMENTO NO PALCO

Noite de sexta-feira. 27 de julho de 2014. O Grupo Parafolclórico "Fogança", de Maringá/PA, apresentava no palco. Estava sendo apresentada a Dança de São Gonçalo. Uma das integrantes do grupo, Nilene Oliveira de Alencar, "Nina", dava início à apresentação, dançando com a imagem do santo. A Coordenadora do Grupo, Prof.ª Sueli Alves de Souza Lara, subitamente, interrompeu a apresentação. "Vamos ter que parar".



Em seguida, outro integrante do grupo, Leonardo Gonçalves Bruno, entrou no palco,

ofegante, microfone na mão, falando sobre o nervosismo que estava sentindo, que não imaginava que ficaria tão nervoso assim. Ele se dirigiu então à dançarina, Nina, sua namorada, e, a exemplo de clássicas cenas de filmes de Hollywood, ajoelhou-se diante dela e a pediu em casamento. Ela, surpresa, emocionada, aceita o pedido (passaram a viver juntos, pouco depois).

Surpresos também público os demais integrantes do Fogança.

Apenas Leonardo e Sueli sabiam o que aconteceria. Dona Cidinha Manzolli havia autorizado.

Leonardo e Nina já namoravam havia cerca de 2 anos. Ele também era dançarino, do Grupo Guararás, de Belo Horizonte/MG, onde residia. Mas, ao conhecer Nina, uma grande paixão o levou para Maringá/PR e para o Fogança.



Fotos: Top Vídeo - Olímpia/SP





Voltando ao pedido de casamento, que, reitere-se, foi aceito, diante de uma multidão que lotava a arena da Praça de Atividades Folclóricas, aplaudindo a cena, Sueli declarou, com seu bom humor contagiante: "Graças a São Gonçalo, desencalhei mais uma", e a Dança de São Gonçalo foi então reiniciada.

MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS PELO 49.º FEFOL



No dia 21 de julho de 2013, foi celebrada na Igreja Matriz de São João Batista Missa em Ação de Graças pela realização do 49.º Festival do Folclore, à qual compareceram cerca de mil pessoas.



A missa foi concelebrada pelos sacerdotes: Padre José Antonio Quissoto, da Paróquia de São João Batista, e Frei Gilmar Vasques Carrera, olimpiense, pároco da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Garça/SP, e teve a participação de 15 grupos folclóricos e parafolclóricos.

24.º SALÃO DE ARTES

Evento que tem por objetivo incentivar a produção artística na "Capital do Folclore", é resultado de um concurso promovido geralmente na semana que antecede o Festival do Folclore. Em 2013, o concurso foi realizado na manhã de 10 de julho desse ano, na Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso". O tema foi "Folclore no Mato Grosso – Crendices, Lendas, Danças, Usos e Costumes". Os prêmios foram entregues na ocasião da abertura do Pavilhão Cultural, no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", no dia 20 de julho, às 18 horas. As obras ficaram expostas no decorrer do evento no referido Pavilhão.

Eis o resultado do Concurso e a premiação:

Pintura Acadêmica

1.º lugar: Maria Cecília Cosentino Franco (R\$ 1.000,00).

2.º lugar: Arlene Ramos (R\$ 500,00)

Pintura Moderna

1º lugar: Keli Righetti (R\$ 1.000,00)

2.º lugar: Cristian Daniel Assis (R\$ 500,00)

Escultura

1.º lugar: Roberto Gomes (R\$ 1.000,00)

2.º lugar: João Carlos Oliveira da Rocha (R\$ 500,00)

Artesanato

1.º lugar: Rodolfo Batista Orlando ficou em 1º lugar

2.º lugar: Deffina Ribeiro Marcelo em segundo.

Fotografia

1.º lugar: Álvaro Aguilar Torricilhos Filho (R\$ 1.000,00)

2.º lugar: Paulo de Tarso Pereira (R\$ 500,00).

Poesia

1.º lugar: Marli Teresinha Nascimento Biagi (R\$ 1.000,00)

2.º lugar: Edward Marques Silva (R\$ 500,00)





Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 43

CICLO DE PALESTRAS SOBRE FOLCLORE

Uma feliz realização da Comissão Organizadora do Festival do Folclore, o Ciclo de Palestras sobre folclore se destina a estudantes, pesquisadores, professores, equipe gestora, convidados e público em geral, tendo como objetivo ampliar-lhes o conhecimento sobre o folclore, com explanações teóricas e práticas.

O evento se realizou no Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas, coordenado pela Secretaria Municipal de Educação e pela Coordenadoria dos Festivais do Folclore de Olímpia, de 22 a 25 de julho, das 7h30 às 12 horas.



Na segunda-feira, 22/07/2013, Vilmara de Silva Vidica, Marcos Paulo C. dos Santos falaram sobre "Cultura e tradição mato-grossense", e Elenir Antunes de Mendonça, sobre "São Gonçalo e a devoção de um povo".

Na terça-feira, 23/07/2013, Celso Ferreira da Cruz Victoriano proferiu palestra cujo tema foi "Manaã – canoa pantaneira, símbolo sagrado da etnia guató, os primeiros habitantes do Pantanal", e Celso Ferreira da Cruz Victoriano, Zelma Maria de Assunção Mendes e Lourenço da Guia Ferreira Mendes discorreram sobre a "Unificação dos conhecimentos indígenas associados às danças folclóricas 'cururu e siriri' na cultura do pantanal mato-grossense do Brasil".

Na quarta-feira, 24/07/2013, Renato Fonseca Arruda tratou da questão relacionada à "política de salvaguarda do patrimônio cultural e o papel dos detentores", e José Roberto de Oliveira Rodrigues e Aroldo de Arruda abordaram o tema "Curussé, Identidade Chiquitana em Porto Esperidião-MT".

Na quinta-feira, 25/07/2013, Francisco de Assis proferiu palestra cujo tema foi "Casa do Pantaneiro – Arquitetura Vernacular", e Fernando Jesus da Silva abordou o tema "Siriri. Uma releitura"

Entre uma palestra e outra, crianças da rede municipal de ensino, que estão

na educação infantil, apresentaram danças folclóricas que se referem ao Estado homenageado no 49.º FEFOL, e representam a culminância do projeto educacional desenvolvido no 1.º bimestre.

Na segunda-feira, alunos da EMEB "Profa Lourice Arutin Sgorlon apresentaram as danças Siriri e Cururu. Na quarta-feira, estudantes da EMEB "Irma Tereza Soares"



dançaram a "Catira do Passarinho", e, na quinta-feira, as danças Siriri e Cururu foram mais uma vez apresentadas pelos alunos da EMEB "Cidade da Imaculada".

MINIFESTIVAL DO FOLCLORE



Evento promovido para crianças e adolescentes, no intuito de lhes despertar o apreço e o interesse pelo folclore brasileiro.

O Minifestival do Folclore se realizou no período de 22 a 25 de julho, das 14h30 às 16h30, no Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", coordenado pela Secretaria Municipal da Educação.

Constam das atividades apresentações diárias de alunos das unidades escolares municipais, mostrando o trabalho de pesquisa e aproveitamento do Folclore na Educação.

Também participam do Minifestival grupos folclóricos e parafolclóricos presentes no FEFOL cujos representantes proferem breves preleções sobre as danças, o vestuário,

instrumentos, ensinam alguns passos, em álacre interação com os estudantes.

No dia 22/07/2013, segunda-feira, apresentaram-se alunos das escolas: EMEB Zenaide Rugai Fonseca, com a dança Carimbó, seguida da EMEB Theodomiro da Silva Melo, com a dança Recortado, e a EMEB Jardim Hélio Cazarini, dançando o Siriri mato-grossense.

Na terça-feira, 23/07/2013, estudantes da EMEB Santo Seno

apresentaram Bumba-meu-boi, Siriri e Cururu e a EMEB Joaquim Miguel dos Santos, Siriri.



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia





Na quarta-feira, 24/07/2013, apresentaram-se representantes da EMEB Maurício César Alves Pereira (Siriri e Estampa Gaúcha), da EMEB Professor Reinaldo Zanin (Algodão), e da EMEB Washington Junqueira Franco (Catira), e, na quinta-feira, 25/07/2013, da EMEB Professor José Sant'anna (Siriri) e da EMEB Luiza Seno de Oliveira (Estampa Gaúcha).







GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS



No 49.º Festival do Folclore, foi realizada com grande sucesso mais uma Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, no espaço da arena da Praça de Atividades

Folclóricas "Prof. José Sant'anna", de 22 a 25 de julho de 2013, das 7h30 às 12 horas. As brincadeiras foram as seguintes:

22/07/2013 - segunda-feira:

- 1 Perna-de-pau
- 2 Corrida de saco
- 3 Bola na lata
- 4 Amarelinha
- 5 Pular corda

23/07/2013 - terça-feira:

- 1 Bétia
- 2 Cabo-de-guerra
- 3 Rodar pião
- 4 Bito
- 5 Bolinha de gude





24/07/2013 - quarta-feira:

- 1 Perna-de-pau
- 2 Corrida de saco
- 3 Bola na lata
- 4 Amarelinha
- 5 Pular corda

25/07/2013 - quinta-feira:

- 1 Bétia
- 2 Cabo-de-guerra
- 3 Rodar pião
- 4 Bito
- 5 Bolinha de gude







CAMPEONATOS DE TRUCO, BOCHA E MALHA





Os campeonatos de Truco, Bocha e Malha se realizaram no domingo, 20/07/2013, às 9 horas. Os dois primeiros, na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna" e o de Malha, no Ginásio de Esportes "Olinto Zambon".

No Campeonato do Truco, a dupla que ficou em primeiro lugar foi Gustavo Henrique Vieira e Gustavo Hoshimo; em segundo, Osvaldo Leite Filho e Márcio Luciano Neves e, em terceiro, Rogério Teixeira e Charles do Carmo Tavares.





No Campeonato de Bocha, as duplas vencedoras foram: Roberto Aparecido Recco e Paulo Mariano da Silva, em primeiro; Lourival Donizeti Fernandes Gouveia e Ângelo Aparecido Spadari, em segundo, e José Carlos Picoloto e Antônio Aparecido Nardeli, em terceiro.

No Campeonato de Malha, ficou em primeiro lugar a dupla Donato Lourenço Miller e Francisco Aparecido Pereira; em segundo, João Lopes Lourenço e Jesus Rafael Ezequiel; e, em terceiro, Daniel Rodrigues da Silva e Daniel Rodrigues da Silva Junior.



Os mencionados campeonatos são coordenados por João Carlos Amaro de Souza, com a colaboração de Gilberto Aparecido Ribeiro.



PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA

"Folclore na Rua" é também outra denominação para esse evento que é dos mais aguardados em nossa festa maior, haja vista que representa uma transcendência, para as ruas centrais da cidade, de parte das atividades desenvolvidas na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".

Realizou-se de 22 a 26 de julho de 2013 esse colorido e animado passeio de grupos folclóricos e parafolclóricos pelas ruas principais da "Capital do Folclore". Foram também visitados estabelecimentos comerciais que colaboram no patrocínio do festival e repartições públicas municipais.





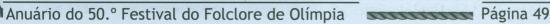










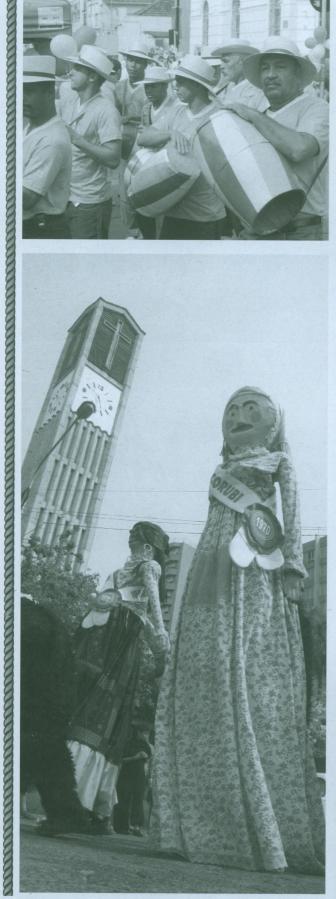




PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA













Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

DESFILE DO 49.º FESTIVAL DO FOLCLORE

Considerado o "ponto máximo do Festival", o Desfile dos grupos folclóricos e parafolclóricos teve início às 9h35, do dia 28 de agosto de 2013, partindo de uma concentração em frente à Câmara Municipal de Olímpia, e percorrendo a Av. Autora Fórti Neves, à margem direita, no sentido da mão única dessa direção.

A abertura foi feita com veículos do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar de Olímpia.

A seguir, foi conduzida, por jovens do Grupo Demolay e Filhas de Jó, uma faixa de abertura com os dizeres: "49.º FEFOL de Olímpia".



O Grupo de Capoeira liderado pelo Mestre "Zé Cocão" veio a seguir, apresentando passos e jogos de capoeiristas.

A faixa seguinte aludia ao "Estado Homenageado - Mato Grosso", seguidas de duas bandeiras, de Olímpia e do Estado de Mato Grosso, respectivamente, que foram ostentadas pelos atiradores do Tiro de Guerra 02-025, de Olímpia/SP.



Ato contínuo, desfilou o "Carro de Abertura", cuja alegoria era alusiva Pantanal.

Atrás desse carro, passaram o Grupo "Vitória Régia" (cartaz do FEFOL) e os demais grupos representavam o que mencionado Estado.

Depois, passou o Pelotão das Bandeiras, todas as Unidades de Federação Brasileiro. transportadas por atiradores do referido Tiro de Guerra de Olímpia.

> Em seguida,

apresentaram-se a Fanfarra Municipal de Ubarana e o carro da Rainha do 49.º FEFOL, Tassiane Aparecida Hernandez.

Uma faixa de "agradecimento aos patrocinadores e colaboradores" foi ostentada, fazendo-se seguir por outra faixa, de "agradecimento à participação da Escola Estadual 'Dona Anita Costa'".

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 51







O Grupo da Terceira Idade desfilou em seguida, cujos integrantes vestiram trajes típicos gaúchos, após o qual vieram os membros da Associação "DOA" - Deficientes Associados Olimpienses, seguidos do carro "Miss e Mister Olímpia" e "Miss e Mister Terceira Idade".

Num carro alegórico que desfilou após essas duas faixas, havia grande cartaz com imagens relativas às Regiões Brasileiras, carro em que também se encontravam meninas com roupas típicas de cada uma das mencionadas regiões.





Passou mais uma faixa, a seguir, homenageando o Prof. José Sant'anna, criador do Festival do Folclore de Olímpia, acompanhada de um carro alegórico, também como tributo a esse inesquecível luminar olimpiense, no qual havia adereços folclóricos e integrantes de grupos parafolclóricos.



A seguir, desfilaram os grupos folclóricos e de projeção folclórica que participaram do 49.º FEFOL.

O Desfile foi encerrado com uma faixa da qual constava agradecimento à população e especial convite para o 50.º FEFOL.

O Dr. Gilsom Carlos Miranda coordena o Desfile.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

DESFILE DO 49.º FESTIVAL DO FOLCLORE

















DESFILE DO 49.º FESTIVAL DO FOLCLORE















Categoria Graduado

- 1.º = David Rahd e Leonardo Hirata (Rio Preto)
- 2.º = Diego Arado (Pindorama) e Alexandre Além (Rio Preto)
- 3.º = Paulo H. Pagioro e Marystella C. Esbrogeo (Ribeirão Preto)

Categoria Master

- 1.º = José Carlos Batista e Onivaldo Ferrari (Rio Preto)
- 2.º = Omar Eduardo de Nadai (Olímpia) e Rogério Pagioro (Rio Preto)
- 3.º = Alexandre M. Veloso e Thais Cristina Bailão (Rio Preto)

Houve duas participações de olimpienses, a do piloto de moto Danilo Simões, que, competindo pela primeira vez, conquistou o 1.º lugar na categoria Moto Especial, e a de Omar Eduardo de Nadai (piloto), que, juntamente com o navegador Rogério Pagioro (navegador, de São José do Rio Preto), conquistaram o 2.º lugar na categoria mais disputada, que é a Master.

A premiação se deu na Barraca da Costela, com a presença do Secretário Municipal de Cultura, Esporte, Turismo e Lazer de Olímpia, Guto Zanette e de Paulo Duarte, presidente do 49.º Festival do Folclore de Olímpia.



O evento é realizado pela Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro, Prefeitura Municipal de Olímpia e Secretaria Municipal de Cultura, Esporte,

Turismo e Lazer, com apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e ProAC ICMS – Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo, e patrocínio do Guaraná Antarctica, Brahma e Guarani. Este projeto cultural foi elaborado pela Fama Produções e Consultoria.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 56

RALLY DO FEFOL

No dia 21 de julho de 2013, realizou-se o 9.º Rally do FEFOL, etapa da Copa RJP de Rally, que soma sete etapas durante o ano, do qual participaram competidores da capital de São Paulo, e dos municípios paulistas de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Guapiaçu, Potirendaba, Barretos, Catanduva, Votuporanga e Olímpia, nas categorias carro e moto.



O percurso foi de cerca de 85 km, passando pelos bairros Laranjeiras, Tamanduá, Lambari e Santa Cruz.

A copa, para motos, está dividida em apenas duas categorias, graduado e especial e para carros, dividida em quatro categorias, sendo Rally (para iniciantes), Especial (intermediária), Graduado (competidores com experiência e com uso de qualquer tipo de equipamento) e Master (para competidores com muita experiência e podendo utilizar qualquer equipamento), sendo esta a principal categoria, pois reúne pilotos e navegadores com muita experiência, carros adequados e médias de velocidade mais altas.

Os resultados foram:

Motos

Categoria Especial: 1.º lugar = Danilo Simões (Olímpia).

Categoria Graduado:

1.º = Rodrigo Bolotari (Votuporanga)

2.º = Juliano A. Hernandes (Rio Preto)

3.° = Jean Donato (Barretos)

Carros (piloto e navegador)

Categoria Rally

1.° = Milton Jorge Azem e Maristela P. Azem (Rio Preto)

2.º = Marcos Gianoni e Anelise Gianoni (São Paulo)

3.º = Fabrício Ricardo e Leonardo Berteli (Guapiaçu)

Categoria Especial

1.º = Marcelo D. Magalhães e Flávia Starelli (Rio Preto)

2.º = João Roberto Orlando e André Orlando Neto (São Paulo)

3.º = Benedito Lopes e Alan Colin D. Lopes (Rio Preto)





Categoria Graduado

- 1.° = David Rahd e Leonardo Hirata (Rio Preto)
- 2.º = Diego Arado (Pindorama) e Alexandre Além (Rio Preto)
- 3.º = Paulo H. Pagioro e Marystella C. Esbrogeo (Ribeirão Preto)

Categoria Master

- 1.º = José Carlos Batista e Onivaldo Ferrari (Rio Preto)
- 2.º = Omar Eduardo de Nadai (Olímpia) e Rogério Pagioro (Rio Preto)
- 3.º = Alexandre M. Veloso e Thais Cristina Bailão (Rio Preto)

Houve duas participações de olimpienses, a do piloto de moto Danilo Simões, que, competindo pela primeira vez, conquistou o 1.º lugar na categoria Moto Especial, e a de Omar Eduardo de Nadai (piloto), que, juntamente com o navegador Rogério Pagioro (navegador, de São José do Rio Preto), conquistaram o 2.º lugar na categoria mais disputada, que é a Master.

A premiação se deu na Barraca da Costela, com a presença do Secretário Municipal de Cultura, Esporte, Turismo e Lazer de Olímpia, Guto Zanette e de Paulo Duarte, presidente do 49.º Festival do Folclore de Olímpia.



O evento é realizado pela Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro, Prefeitura Municipal de Olímpia e Secretaria Municipal de Cultura, Esporte,

Turismo e Lazer, com apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e ProAC ICMS – Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo, e patrocínio do Guaraná Antarctica, Brahma e Guarani. Este projeto cultural foi elaborado pela Fama Produções e Consultoria.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 56

RAINHA DO 49.º FESTIVAL DO FOLCLORE



No dia 21 de junho de 2013, foi realizado o concurso para escolha da Rainha do 49ª Festival do Folclore de Olímpia/SP, no Thermas Olímpia Resort - Tuti Administradora, e teve início por volta das 21 horas.

Havia cinco candidatas, todas elas alunas da Escola Estadual Dona Anita Costa, cada qual representando uma das regiões brasileiras.

O júri foi composto pelo Procurador Jurídico da Prefeitura Municipal de Olímpia, Dr. André Nakamura, pela artista plástica Reunique Puttini e pelo Prof. Edward Marques da Silva, o Wadão. A Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, integrou a equipe de jurados, não tendo, porém, participado

da votação.



O Tiro de Guerra 02-025, com o chefe de instrução 1.º sargento de Comunicações Marco Aurélio, fez "a guarda" da entrada principal e, posteriormente, a entrada das bandeiras nacional, paulista e de Olímpia.

O Hino Nacional e o Hino a Olímpia foram entoados por Noêmia Mota Rodrigues Pereira e Shilton Valentin, respectivamente.

Houve também a participação do Coral Uniencanta, da Unimed de São José do Rio Preto/SP, que executou cinco canções.

A Administração Municipal esteve representada pelo Secretário municipal de Cultura, Esporte, Turismo e Lazer, Guto Zanette.

A seguir, teve início a apresentação das cinco candidatas: Cláudia Gemignani Porsionato representando a Região Norte; Juliana de Souza Flor, a Região Nordeste; Laila Maila Marcondes Ruiz, a Região Centro-Oeste; Maria Clara Vilarinho, a Região Sudeste e Tassiane Aparecida Hernandes, a Região Sul.

Cada candidata fez um número de dança destacando a região que representava e depois retornou ao palco, desfilando para os jurados. O júri fez a votação seguindo três que sitos: originalidade, simpatia e passarela.

A estudante Tassiane Aparecida Hernandes foi eleita a Rainha do 49º Festival de Folclore de Olímpia, realizado entre os dias 20 e 28 de julho deste ano.

Coordenação: Dr. Gilsom Carlos Miranda.

DESFALQUES PARA O FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

ANTONIO CARLOS DA SILVA, "TONY BOY"

Filho de Antonio Margues da Silva e de Ilhercina de Oliveira e Silva, natural de Pradópolis-SP, nascido aos 13 de junho de 1.964, Antonio Carlos da Silva faleceu em 22/04/2014. Era a voz predominante no conjunto musical que acompanha o GODAP - Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça". Cantor e compositor. Antonio Carlos da Silva, "Toninho", "Tony Boy", passou a ser integrante do GODAP em 1980. Participou do 16.º ao 39.º Festival do Folclore de Olímpia com o mencionado grupo, o qual acompanhou também no Festival Internacional de Folclore em Laguna -Tenerife - Ilhas Canárias - Espanha, bem como nos Festivais Internacionais de Folclore no México, no Chile, no Japão, na Itália e na Espanha, tendo participado ainda das 7 edições do Festival Internacional de Folclore de Olímpia, em meio a outros inúmeros eventos. É autor, entre outras, da música "Orgulho Paulista", cuja letra é



do advogado e também integrante do GODAP, Márcio Eugênio Diniz, sempre cantada pelo grupo em suas apresentações, e que, aliás, muito será ouvida neste 50° FEFOL, em que o Estado de São Paulo é o homenageado. Alegre, dinâmico, talentoso, prezava muitas amizades, inclusive a nossa, pois chegamos a ser também vizinhos. Sua súbita partida, tomando a todos de surpresa, muito entristeceu os integrantes do GODAP. Sua bela voz, a cantar as músicas que acompanham as danças apresentadas pelo GODAP, não mais poderá ser ouvida ao vivo, mas será sempre lembrada nas apresentações do grupo.

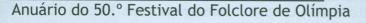
REGINA CÉLIA POMPÊO

Servidora pública municipal por mais de 30 anos, foi nomeada como tal em 1982, iniciando o exercício de suas funções na Biblioteca da Escola "Dr. Antonio Augusto Reis Neves", depois no SENAC, e, finalmente, na Biblioteca Pública Municipal "Fernando de Barros Furquim", em que era a Bibliotecária. Trabalhadora, atuante, organizou a Biblioteca Municipal de Severínia/ SP em 1993, e, em 2003, o acervo bibliográfico doado ao município de Olímpia pelos familiares do Prof.

José Sant'anna, por intermédio de Clarismundo Sant'Anna. Publicou nos Anuários do Festival do Folclore de Olímpia os seguintes artigos: "Três



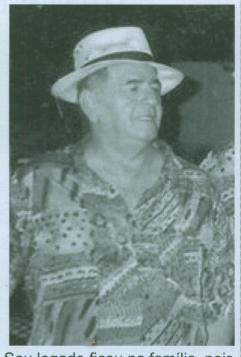
Página 58



Histórias Contadas por Jocelino Cipriano Leal" (41.°), "Mensagens na Cidade Eletrônica" (44.°), "Novas Mensagens" (45°), "Mensagens e Contos" (47.°). Pessoa culta, bem humorada, inteligente, que, mesmo quando não se encontrava bem emocionalmente, tinha sempre palavras otimistas, incentivadoras, encorajadoras, para colegas e amigos em dificuldades. Recordamo-nos com grande saudade de muitas que ouvimos. Difícil acreditar que tão cedo partiu. Nascida em 13/01/1958, faleceu em 01/05/2014. Deixa uma filha, Lorena Pompêo Roncatto, deixa saudades, deixa tristeza pela sua prematura partida, mas também deixa muito boas recordações a seus familiares e amigos, que com ela tiveram o prazer de conviver.

JOSÉ MILTON AQUINO DE CASTRO

"Natural de Antônio Diogo - Redenção-CE, José Milton Aguino de Castro nasceu no dia 15 de maio de 1937 e faleceu no dia 28 de abril de 2014, com 77 anos bem vividos, deixando esposa, cinco filhos e netos. Milton era um músico nato, mas se aperfeiçoou em São Paulo. Tocava acordeão, teclado, e foi membro da banda em Fortaleza dos Brasas Seis como baixista e acordeonista do Grupo Parafolclórico do SESI, do Grupo da Cidade onde nasceu, o Grupo Parafoclórico 25 de Março e, posteriormente, do Grupo Parafolclórico 'Terra da Luz', por vários anos. Em sua trajetória musical acompanhou vários cantores e cantoras famosos, em atividades sócio-religiosas, alegrando em restaurantes casas de show, missas, casamentos, aniversários. Atualmente tocava na Assembleia de Deus, na Barra do Ceará. Costumava dizer: 'eu toco até em velórios', e dava aquela gargalhada, porque além de grande músico, tinha o espírito de humor.



Viveu a vida intensamente e deixou muita saudade. Seu legado ficou na família, pois um dos seus filhos (Humberto) é um excepcional violonista. Zé Milton Aquino de Castro, meu primo irmão e meu grande incentivador na arte de tocar e cantar. A despedida foi repentina e sem volta. Hoje você está na companhia de Deus, mas viverá eternamente em nossas lembranças", relata Maria Rosiléa Moura, prima de José Milton.



SAMUEL ROMUALDO BOMFIM

Integrante do Reisado Sergipano de Guarujá/ SP, Samuel Romualdo Bonfim, faleceu no dia 31 de maio do ano em curso. Nascido em 23/04/1943, foi componente do mencionado grupo folclórico por cerca de 22 anos, junto ao saudoso Mestre Zacarias, e participou de inúmeras edições do Festival do Folclore de Olímpia.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 59



SÃO PAULO

ESTADO HOMENAGEADO NO CINQUENTENÁRIO DO FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

André Luiz Nakamura Departamento de Folclore - Olímpia

m 1532, a fundação da Vila de São Vicente, por Martim Afonso de Sousa, na área que hoje constitui o Estado de São Paulo, deu início à colonização portuguesa nas

terras então recentemente descobertas, lembrando que o povoamento do Brasil partiu no sentido litoral-interior e os portugueses instalaram-se inicialmente na região litorânea, onde permaneceram "como caranguejos a rondar as praias". Paulatinamente, em razão do interesse em explorar as riquezas das terras, realizaram expedições organizadas pelo governo português cujo propósito era explorar o sertão, expedições estas denominadas "As Entradas", e perpetradas nos limites do Tratado de Tordesilhas (divisão imaginária das terras da América entre portugueses e espanhóis). Além dessas expedições oficiais, havia também



outras, chamadas "Bandeiras",

organizadas por grupos particulares, as quais geralmente partiam da Vila de São Paulo, razão pela qual a localidade ficou conhecida como a "Capital dos Bandeirantes". As

"Bandeiras" ultrapassavam os limites estabelecidos no Tratado de Tordesilhas de modo a contribuir para a ampliação do território brasileiro.

Os primeiros habitantes da região fundaram a cidade de São Paulo de Piratininga, em 1554, com a construção de um colégio jesuíta, inaugurado no dia 25 de janeiro, mesmo dia da conversão do apóstolo Paulo de

Tarso. Por esse motivo, o nome "São Paulo" foi escolhido.

No início do século XVII, os bandeirantes encontraram ouro na região de Minas Gerais. Pouco depois, foi travado o confronto conhecido como a "Guerra dos Emboabas", em que se disputou o direito à exploração das jazidas, contrapondo os paulistas, de um lado, e, de outro, os portugueses e os migrantes de outras partes do país (pejorativamente apelidados de "emboabas" pelos bandeirantes). Após o conflito, os paulistas seguiram para o Centro-Oeste, onde também encontraram ouro, nos primeiros anos do século XVII.

Não obstante a intensa mobilização dos bandeirantes, com a descoberta de ouro e pedras preciosas, São Paulo não foi favorecido economicamente pelo governo português, e, pouco a pouco, se foi formando uma oligarquia com interesses distintos dos de Portugal, e, no início do século XIX, os paulistas, organizados por



José Bonifácio de Andrade e Silva, têm papel muito relevante na conspiração pela independência do Brasil.

Na segunda metade do século XIX, o Estado passou a ter sua importância nacionalmente reconhecida com a riqueza gerada pelo desenvolvimento das plantações de café (e pelo desenvolvimento industrial que então se iniciava), força esta que sustentou a liderança dos paulistas no movimento republicano e no primeiro período da República.

Juntamente com a expansão da agricultura, São Paulo iniciou extraordinário desempenho na indústria de transformação (aço, cimento, máquinas e componentes) e, notadamente, na de bens de consumo não duráveis (tecidos, alimentos, remédios, higiene e limpeza) e duráveis (automóveis e eletro-

domésticos), de maneira que, no século XX, São Paulo se estabiliza como o polo de desenvolvimento do país e assume a dianteira na industrialização e modernização da economia nacional, concentrando grande fluxo de investimentos de grandes empresas norte-americanas e europeias. A geração de empregos proporcionada por esse desenvolvimento atrai considerável fluxo migratório positivo, aumentando e consolidando a força econômica de São Paulo, que passa a ter a maior parcela do PIB nacional.

PANORAMA*

São Paulo (SP) é o Estado mais populoso e com o maior parque industrial do país, líder na produção econômica. Com acentuada influência da cultura e do comportamento indígenas até o fim do século XVIII, mescla a seguir forte contribuição de imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, judeus, sírios, libaneses e, no século XX, de migrantes nordestinos, que ajudam a construir sua riqueza, sua história e seus costumes.



Da mistura dos povos ibéricos com indígenas vêm as maiores influências na alimentação. Os índios contribuem com as farinhas de milho e de mandioca e o peixe defumado, os europeus com o trigo, a horticultura e o pastoreio. Os escravos africanos também deixam sua marca, dando novos sabores, cheiros e cores à mesa paulista, como o uso das pimentas e do coco. Entre os pratos típicos, há o virado à paulista, o cuscuz paulista, o pirão de peixe e as farofas e, ainda sob a influência de imigrantes, os pastéis, as pizzas

e o macarrão.

São Paulo ocupa cerca de 3% do território nacional, mas é o Estado mais populoso, com 43,663 milhões de habitantes em 2013. Parte de seus 645 municípios está distribuída em três regiões metropolitanas: de Campinas, da Baixada Santista e da capital. O mercado de trabalho é caracterizado por maior exigência de mão de obra qualificada. Segundo o IBGE, em 2012, 63,8% da população economicamente ativa da região metropolitana de São Paulo possui 11 anos ou mais de estudo, a segunda taxa mais elevada do país entre as regiões metropolitanas pesquisadas, atrás de Salvador (65,2%). A participação do Estado no PIB nacional está em queda – e passou de 37% em 1990 para 32,6% em 2011.

A indústria compõe 27,4% do Produto Interno Bruto (PIB) estadual em 2011. O vigoroso parque industrial do Estado abastece grande parte do Brasil e é diretamente afetado quando há crises econômicas e, recentemente, com a redistribuição das indústrias para outros estados. Em 2012, a atividade da indústria paulista registra queda de 4,5%, pior resultado com exceção de 2009, quando o índice cai 7,2% em virtude da crise internacional de 2008, segundo a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

A taxa de desemprego total na região metropolitana de São Paulo passou de

11,3% em setembro de 2012 para 10% no mesmo mês de 2013, segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Pela primeira vez no ano, em setembro de 2013 o volume de trabalhadores da indústria é maior do que no mesmo mês do ano anterior, 1,668 milhão contra 1,664 milhão.

De 2002 a 2011, a renda média dos trabalhadores negros na região metropolitana de São Paulo cresceu cinco vezes mais que a dos brancos e amarelos, com aumentos de 14,8% e 2,9%, respectivamente. Porém, em média, os negros ainda recebem salários 61% menores. Os dados são da Seade e do Dieese.

A região metropolitana da capital paulista reúne 39 municípios e concentra boa parte das indústrias do Estado, apesar do crescimento industrial no interior a partir dos anos 1980. Uma das áreas que mais se beneficiam dessa tendência é a região metropolitana de Campinas. Ali se instalam empresas de informática, telecomunicações e petroquímica, que convivem com centros de pesquisa e grandes universidades. Outro grande polo industrial fica no Vale do Para-íba, com uma indústria diversificada que produz desde produtos de higiene até carros e aviões. Em São José dos Campos está localizada a Embraer, uma das mais importantes fábricas de jatos regionais do mundo. A agropecuária representa apenas 2,1% do PIB do Estado em 2011, mas detém a liderança no cultivo de cana-de-açúcar e laranja e está entre as maiores de grãos, café, leite, aves e ovos. O setor de serviços e comércio responde por 70,5% da economia do Estado.

MEIO AMBIENTE

Em São Paulo existem dois tipos de vegetação: as florestas e o cerrado. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, em setembro de 2012 o Estado possui 191 unidades de conservação, das quais 135 públicas (federais, estaduais e municipais), somando 5,08 milhões de hectares protegidos. Destacam-se o Parque Estadual da Serra do Mar, com 303.340 hectares (no litoral e planalto litorâneo), e os parques Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar), Carlos Botelho e Intervales (ao sul), que compõem um contínuo de 120 mil hectares de Mata Atlântica. No sul, um conjunto de 25 áreas litorâneas preservadas nos municípios de Iguape, Cananeia e Peruíbe foi declarado, em 1999, patrimônio natural da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).



Entre 2011 e 2012, o total desmatado foi de 190 hectares, de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em conjunto com a organização SOS Mata Atlântica. O que resta do bioma representa apenas 13,9% da vegetação original do Estado. O cerrado, no norte e noroeste de São Paulo, continua a ser desmatado, e resta menos de 1% desse bioma, que chegou a cobrir um quinto do território.

POPULAÇÃO

1

A elevada população se reflete em números também superlativos, como a maior quantidade de detentos (190.828),



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 62

37% do total do país. Em setembro de 2013, circulam no Estado 24,2 milhões de veículos, sendo 15,4 milhões de automóveis, número três vezes maior que o do segundo colocado em número de frota de automóveis, Minas Gerais.

CAPITAL

São Paulo tem uma infraestrutura cultural cosmopolita, com grande número de museus, teatros, casas de espetáculos e cinemas. A cidade é também a capital brasileira do turismo profissional e de negócios, motivação de 693 mil turistas em 2012.

A região metropolitana de São Paulo tem a maior participação no PIB brasileiro entre as regiões metropolitanas. No setor de serviços, por exemplo, que é sempre a maior fatia percen-



tual de PIB de todos os estados, em 2013 ela re-úne 163 shopping centers (53 deles na capital), um terço dos 492 shoppings do país. A região concentra quase metade da população economicamente ativa (PEA) do Estado e 41,7% da PEA das seis maiores regiões metropolitanas do país. Sexta mais populosa megalópole do mundo em 2011, segundo dados das Nações Unidas, a região metropolitana enfrenta desafios como a saturação das estruturas de transporte, a poluição do ar, pela emissão de gases dos veículos, e dos rios, por esgoto domiciliar e industrial, além da produção crescente de lixo.

A capital recebeu a abertura e jogos da Copa do Mundo no novo estádio Arena de São Paulo, que oferecerá 65.807 lugares durante o mundial.

DADOS GERAIS

GEOGRAFIA: Área: 248.222,8 km2. Relevo: planície litorânea estreita limitada pela Serra do Mar, planaltos e depressões no resto do território. Ponto mais elevado: Pedra da Mina,

na Serra da Mantiqueira (2.798,4 m). Rios principais: Grande, Mogi-Guaçu, Paraíba do Sul, Paraná, Paranapanema, Pardo, do Peixe, Piracicaba, Ribeira de Iguape, Tietê, Turvo. Vegetação: mangues, cerrado, Mata Atlântica e floresta tropical no resto do território. Clima: tropical atlântico no litoral, tropical de atitude no interior. Municípios mais populosos: São Paulo (11.821.876), Guarulhos (1.299.249), Campinas (1.144.862), São Bernardo do Campo (805.895), Santo André (704.942), Osasco (691.652), São José dos Campos (673.255), Ribeirão Preto (649.556), Soroca-



ba (629.231), Mauá (444.136) (est. 2013). Hora local: a mesma de Brasília. Habitante: paulista. **POPULAÇÃO:** 43.663.672 (est. 2013). Densidade: 175,9 hab./km2 (est. 2013). Cresc. dem.: 1,1% ao ano (2000-2010). Pop. urb.: 96,4% (2012). Domicílios: 14.113.000 (2012). Carência habitacional: 1.495.542 (2010). Acesso à água: 96,3%(2012). Acesso à rede de esgoto: 93,1% (2012). IDHM: 0,783 (2010).

SAÚDE: Mort. inf.: 11,2‰ (2012). Médicos: 25,3 por 10 mil hab. (2013). Leitos hosp.: 1,4 por mil hab. (dez./2013). EDUCAÇÃO

Educ. infantil: 1.931.684 matrículas (67,2% na rede pública)(2013). Ensino fundamental: 5.635.164 matrículas (82,2% na rede pública)(2013). Ensino médio: 1.891.609 matrículas (85,4% na rede pública) (2013). Ensino superior: 1.573.684 matrículas (15,7% na rede pública) (2012). Analfabetismo: 3,8% (2012); analfabetismo funcional: 11,5% (2012).

GOVERNO: Governador: Geraldo Alckmin (PSDB). Senadores: 3. Dep. federais: 70. Dep. estaduais: 94. Eleitores: 31.253.317 (22,2% do eleitorado brasileiro) (mai./2014). Sede do governo: Palácio dos Bandeirantes. Avenida Morumbi, 4500, Morumbi, São Paulo. Tel. (11) 2193-8344. Site: www.saopaulo.sp.gov.br.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

ECONOMIA: PIB: R\$ 1,3 trilhão(2011). Participação no PIB nacional: 32,6% (2011) Composição do PIB: agropec.: 2,1%; ind.: 27,4%; serv.: 70,5% (2011). PIB per capita: R\$ 32.449 (2011). Export: (US\$ 59,3 bilhões): máquinas e equipamentos (13%), açúcar, principalmente de cana (13%), veículos automotores e autopeças (11%), aviões e aeropeças (8%), produtos das indústrias químicas (8%), materiais/aparelhos elétricos e eletrônicos (5%), suco de laranja (3%), produtos siderúrgicos (3%), carnes (3%), álcool etílico (3%), petróleo e seus derivados (2%), outros (28%)(2012). Import: (US\$ 77,8 bilhões): máquinas e equipamentos (21%), produtos das indústrias químicas (15%), materiais/aparelhos elétricos e eletrônicos (14%), petróleo e seus derivados (9%), veículos automotores e autopeças (6%), plástico e seus produtos (4%), produtos farmacêuticos (4%), alimentos (4%), outros (23%) (2012).

TELECOMUNICAÇÕES: Telefonia fixa: 15,2 milhões de linhas(abr./2014). Celulares: 65,9 milhões (mar./2014). Domicílios com computador: 8,7 milhões(2012). Acesso à internet: 7,8 milhões (2012).

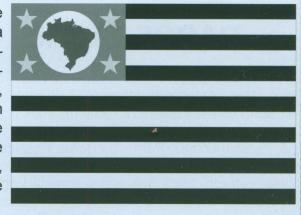
CAPITAL: São Paulo. Habitante: paulistano. População: 11.821.876 (est. 2013). Veículos: 7.073.604 (mar./2014). Prefeito: Fernando Haddad (PT). Nº de vereadores: 55. Data de fundação: 25/1/1554.

*Textos e dados publicados pelo Almanaque Abril 2014, Editora Abril, p. 704.

SÍMBOLOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

BANDEIRA

Instituída pela Lei Estadual nº 145, de 03 de setembro de 1948, segundo a qual "a Bandeira do Estado de São Paulo e a tradicional de uso popular e consagrada na Revolução Constitucionalista de 1932, cuja descrição, na terminologia heráldica, é a seguinte: em campo burelado de treze peças de sable e de prata, um cantão de goles com um círculo de prata figurado na silhueta geográfica do Brasil, de blau, e acompanhada de quatro estrelas de ouro, acantonadas" (art. 1.º).



BRASÃO



O Brasão do Estado de São Paulo, instituído pela mesma Lei, é assim descrito heraldicamente: "em escudo português de goles uma espada com o punho brocante sobre o cruzamento de um ramo de louro à destra e um de carvalho à sinistra, passados em aspa na ponta, e acostada em chefe das letras S.P., tudo de prata; timbre: uma estrela de prata; suportes: dois ramos de cafeeiro frutificados, de sua cor, passados em aspa na ponta; divisa: em listel de goles, brocante sobre o cruzamento dos suportes, 'PRO BRASÍLIA FLANT EXIMIA', de prata" (art. 3.º).

HINO



O Hino do Estado de São Paulo, também denominado "Hino dos Bandeirantes", foi instituído pela Lei Estadual nº 337, de 10 de julho de 1974, que revoga o artigo 3º da Lei Estadual nº 9854, de 2 de outubro de 1967, estabelecendo

como letra do hino o poema "Hino dos Bandeirantes", do poeta Guilherme de Almeida (o hino não possui uma música oficial).



Paulista, para um só instante, Dos teus quatro séculos, Ante tua terra sem fronteiras. O teu São Paulo das "bandeiras"! Deixa para trás o presente, Olha o passado à frente, Vem com Martim Afonso a São Vicente. Galga a Serra do Mar! Além, lá no alto, Bartira sonha sossegadamente. Na sua rede virgem do Planalto. Espreita, entre a folhagem de esmeralda, Beija-lhe a Cruz de estrelas de Grinalda! Agora escuta! Aí vem, moendo o cascalho. Botas de nove léguas, João Ramalho; Serra acima, dos baixos da restinga, Vem subindo a roupeta. De Nóbrega e de Anchieta! Contempla os campos, De Piratininga! Este o colégio,

Adjante está o sertão Vai, segue a Entrada! Enfrenta, Avança, Investe! Norte, Sul, Leste, Oeste! Em Bandeira ou Monção, Doma os índios bravios. Rompe a selva, abre minas, vara rios! No leito da Jazida. Acorda a pedraria adormecida, Retorce os braços rijos, E tira o ouro, de seus esconderijos! Bateia, escorre a ganga, Lavra, planta, povoa! Depois volta à garoa! E adivinha, atrás dessa cortina. Na tardinha, enfeitada de miçanga, A Sagrada Colina, Ao Grito do Ipiranga! Entreabre agora os véus, Do cafezal, Senhor dos Horizontes! Verás fluir por plainos, vales, montes, usinas, gares, silos, arranha-céus!

FESTAS, FOLGUEDOS E DANÇAS

"São Paulo é o Estado com maior número de festas e eventos do Brasil. São

mais de 250 mil ações por ano, entre celebrações festivas (sociais, culturais, esportivas e religiosas), pequenos e grandes eventos (congressos, convenções, seminários, simpósios, feiras, encontros, jornadas etc.), com média superior a 20.000 por mês e 700 por dia", é "o Estado mais festeiro do Brasil", conforme consta do Calendário Oficial do Estado de São Paulo, 2014/2015,



"Festas e Eventos" (publicação do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Turismo, p. 6).

Merecem ênfase, nesta abordagem, as relacionadas à cultura popular, principalmente as de cunho religioso, em que se verificam, por exemplo, levantamento de mastros, quermesses, leilões de prendas, comidas e bebidas típicas etc.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 6

FESTA DA CARPIÇÃO

Realiza-se no mês de agosto, em Guarulhos, no bairro Bonsucesso, ocasião em que, para os populares, a terra em torno das igrejas adquirem propriedades milagrosas, sendo retirada em meio a orações e cortejos. Participam também tropeiros e violeiros. É também realizada em Jacareí e São José dos Campos.



FESTAS À IEMANJÁ



As festas dedicadas à Rainha do Mar são realizadas em várias cidades do litoral paulista, geralmente no mês de dezembro, em datas variáveis. As mais exuberantes são as de Praia Grande, Santos e São Vicente. O objetivo principal são as oferendas dedicadas à lemanjá (rosas, perfumes, velas, pequenas embarcações, entre outras).

FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Festa promovida em agosto em cidades litorâneas de São Paulo, sendo a mais tradicional a de Cananéia, na qual, além de quermesses, há leilão, queima de fogos e uma procissão náutica.



FESTA DE SÃO BENEDITO



Festa em homenagem a esse santo fortemente cultuado, um dos padroeiros das Congadas e Moçambiques, realizada em vários municípios paulistas.

FESTA DE SANTA CRUZ

Realizada, anualmente, na primeira semana de maio, em Carapicuíba/SP, é "uma das principais manifestações da tradição paulista", segundo Gustavo Côrtes: "originária do interesse jesuítico na catequização dos índios, compõe-se de uma parte religiosa, com novenas, missas e procissão, e outra profana, com alvorada, mastro, cantos, danças e jogos. A Dança de Santa Cruz é o ápice da festa, realizada diante do san-



Cruz é o ápice da festa, realizada diante do san- to cruzeiro e das cruzes colocadas nas portas ou erguidas diante das residências" ("Dança, Brasil", p. 45, Ed. Leitura).

Ponto alto da Festa, é a Dança de Santa Cruz, realizada após as louvações e reverências à cruz, possivelmente de origem indígena, cujos movimentos basicamente se executam em roda, girando numa e noutra direção. O dia 3 de maio foi escolhido para celebrar a descoberta da verdadeira Cruz de Cristo, em Jerusalém, pela mãe do imperador Constantino, a imperatriz Helena, que iniciou as comemorações em 326 d.C.

FESTA DO DIVINO

Das mais tradicionais no Brasil, a Festa do Divino é celebração dedicada ao Divino Espírito Santo, realizada em vários municípios paulistas, a exemplo de Mogi das Cruzes e São Luis do Paraitinga.



A festa teria sido idealizada pela Rainha Isabel, mulher do rei Dom Dinis, na ocasião em que se construiu uma Igreja em louvor ao Divino Espírito Santo, em Alencar, Portugal, no limiar do século XIV.

Foi trazida ao Brasil, pelos portugueses, no século XVI, com o nome "Império do Divino" (alusão ao altar montado na casa do festeiro, ou seja, do "imperador do Divino).

Entre nós, a festa se propagou, e ainda hoje é cultivada em quase todas as regiões brasileiras, ampliando-se cada vez mais, com a participação de grupos folclóricos e parafolclóricos.

À frente da festa, que, aliás, envolve toda a comunidade do local, está a "Folia do Divino", ou seja, o grupo de músicos, cantadores, que acompanham o cortejo.

Em busca de donativos para a realização da festa, os membros da Folia, levando consigo a "bandeira do Divino", percorrem as casas. Aceita a visitação, a exemplo do que fazem as Companhias de Reis, eles passam com a bandeira por todos os cômodos da morada, para que Espírito Santo a abençoe e, bem assim, aos que nela vivem.

Nas Festas do Divino, realizam-se novenas, missas e quermesses. Outros santos também são louvados.

O ponto alto da festa é o cortejo, realizado após a missa.

No início do cortejo, em geral, afigura-se o componente que representa o imperador, devidamente ornado, com cetro, coroa e o que mais "mandar o figurino", sendo acompanhado, inclusive, de rainhas e princesas, um cortejo imperial infantil. Seguem-se pajens, alferes, crianças vestidas de anjos, entre outras personagens, e várias pessoas portando bandeiras do Divino, encimadas com a coroa, muitas delas adornadas com flores e fitas. Após, desfila, apoteótico, um andor, ricamente ornamentado, tecido vermelho, flores e adereços cintilantes, configurando condignamente a bandeira do Divino Espírito Santo, cujo símbolo é uma pomba branca, bordada com fios dourados.

FOLIAS DE REIS

O primeiro e o mais cultivado folguedo folclórico em Olímpia, que já chegou a ter mais de 30 Folias de Reis em atividade.

Dentre os mais representativos folguedos do ciclo natalino, encontram-se as Folias de Reis, também conhecidas por Companhias de Reis. É na região Sudeste que esse folguedo pode ser mais apreciado. De origem portuguesa, derivam elas dos festejos realizados no Dia dos Reis Magos, tendo sido introduzidas no Brasil, no século XIX. Celebram o nascimento

de Jesus Cristo e a visita que lhe fizeram os Três Reis Magos. Entre 24 de dezembro e 6 de janeiro (dia dos Reis Magos), as Companhias de Reis, visitam as casas da redondeza em busca de donativos para a realização da festa, no dia 6 de janeiro, levando consigo a bandeira dos Santos Reis. Sendo aceita a visitação,

os membros passam com a bandeira por todos os cômodos da residência, para que os Santos Reis a abençoem e os que nela habitam. Essa é a chamada "peregrinação". A indumentária dos integrantes das Folias de Reis é, em geral, mais simples. São trajes comuns, usados uniformemente pelos membros das Companhias. Destacam-se os "palhaços", que usam máscaras que lhes ocultam todo o rosto e chapéus em forma de cone, enfeitados com fitas e flores. A presença desses palhaços tem origem em muitas estórias. Uma delas conta que eles representariam os Reis Magos, que se disfarçaram na ocasião da visita ao menino Jesus, para fugirem à perseguição do Rei Herodes. Cânticos em louvor a Deus, a Jesus e aos Santos Reis são entoados ao som de violas, violão, cavaquinho, pandeiros, entre outros. Os participantes são chamados foliões e o grupo recebe as seguintes denominações: Folia de Reis, Folia de Santos Reis, Companhia de Reis, Companhia de Santos Reis, Terno de Reis ou Tripulação de Reis. Quase todos têm denominação específica, como Companhia de Reis "Magos do Oriente". Alguns preferem ser chamados "Companhias de Reis", por considerarem depreciativa a palavra "folia". Realizado em inúmeros municípios paulistas.

CAVALHADA

Reminiscência das tradições da Cavalaria Medieval, a Cavalhada é um folguedo que rememora as históricas batalhas travadas entre os mouros invasores da Penín-



sula Ibérica _ e os cristãos, que lutavam pela reconquista desse território, sob a liderança de Carlos Magno. Os fatos históricos, permeados por várias lendas, tiveram ampla repercussão no Brasil no século XVIII, com a tradução portuguesa do Livro "História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares da França". Realiza-se ao ar li-

vre, em espaços amplos. Formam-se dois gru- pos, posicionados em pontos opostos, representando os mencionados adversários. Luxuosamente vestidos (de azul, os cristãos, e de vermelho, os mouros, todos com capas bordadas e adornos cintilantes), portam espadas, lanças e pistolas. São vários os componentes, chegando, eventualmente, a quase uma centena de figurantes. Insultos e ameaças são trocados entre as partes em conflito, até que iniciam a simulação dos combates, fazendo-se uso das já mencionadas armas. Os mouros terminam subjugados, convertidos ao Cristianismo. Após, a parte lúdica se inicia, na qual os cavaleiros exibem sua destreza, tendo destaque a prova da "argolinha" (atravessar com a lança uma pequena argola suspensa em uma trave). A apresentação dura, às vezes, três dias. Esse folguedo é também realizado em municípios paulistas, a exemplo de São Luís do Paraitinga.

CONGADA

Congada, Congado ou Congo é folguedo de formação afro-brasileira. É uma reminiscência da antiga coroação dos "Reis-do-Congo", praticada pelos escravos no Brasil, e incentivada pelas autoridades para tranquilizar um pouco as senzalas,

promovendo a coroação de seus reis negros. Esse título decorre de um reinado fictício, institu-



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 68

ído na África pelos portugueses no século XV. No Brasil, passou a se "atribuí-lo" aos escravos, desde o século XVII. É uma reminiscência dessa prática na região Sudeste, onde o folguedo é mais difundido. Antigamente, as Congadas também rememoravam as lutas entre mouros e cristãos, nas denominadas "embaixadas", que hoje são raras. Algumas ainda exibem coreografias, representando manobras guerreiras, com o uso de espadas, mas atualmente prevalece o aspecto religioso, a louvação aos santos católicos, especialmente Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os grupos são chamados "Ternos de Congada", "Ternos de Congo", "Guardas de Congos", entre outros. Há uma grande diversidade entre os grupos com relação à indumentária utilizada, aos cantos e às danças. Alguns até se vestem de marinheiros. Muitos grupos usam chapéus com fitas coloridas, geralmente ornados com espelhos, que devolveriam eventual mau--olhado recebido. Em cada localidade em que é cultivada, a dança apresenta-se com características diversas. Há informações de sua existência desde 1711.

Em Olímpia, onde temos o Terno de Congada Chapéu de Fitas, no dia 13 de



maio, realizam-se "festejos religiosos em louvor a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário". Nesse dia, os integrantes do mencionado Terno de Congada olimpiense, em procissão, visitam os festeiros (colaboradores do grupo que recebem a congada, muitas vezes em cumprimento de promessa) e comparecem à praça da Igreja de São Benedito, onde ocorre o levantamento dos mastros com imagens dos mencionados santos. O grupo percor-

re a Avenida do Folclore, a principal do Jardim Santa Ifigênia, até o Quartel, residência do primeiro capitão do terno. Do cortejo, além dos integrantes da congada, participam devotos e simpatizantes. No decorrer da dança, o conjunto executa vibrante música, com a cadência marcada pelos bumbos. À porta do Quartel, um casal coroado, simbolizando o antigo rei do Congo e sua real consorte, acompanha com serenidade o desenrolar do folguedo. E assim prossegue a festa, que vai continuar o dia todo e só termina ao anoitecer. Eventualmente, participam da festa ternos de congada de outras localidades.

MOÇAMBIQUE

"Dança popular em São Paulo, Minas Gerais e Brasil Central", informa Câmara Cascudo ("Dicionário do Folclore Brasileiro"), que prossegue citando Renato Almeida:

... bailado conhecido em São Paulo, Minas e no Brasil central, em geral, é o dos Mocambigues, que dizem ter sido levado pelos escravos negros que foram trabalhar na mineração do ouro". Muito ligada aos Congos, tornou-se também dança de intenção religiosa, que louva santos católicos, muito embora seus dançarinos inspirem medo, visto que o folguedo é tido como atividade relacionada a práticas mágicas.

A exemplo das Congadas, não há uniformidade entre os grupos com relação ao figurino, aos cantos, às danças e também aos personagens. Destaca-se a presença dos reis, da bandeira e de diversos outros personagens, que variam dependendo do grupo e do local onde se exibem, a exem plo do mestre, contramestre, caixeiro, capitão, general, tocadores e dançadores. Muitos grupos usam lenço na cabeça, trazendo atados em seus tornozelos latas com chumbos que produzem um alto barulho quando dançam os moçambiquei-

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 69

ros. De um local para outro, características diferentes se apresentam nessa manifestacão.

Há em Olímpia, o Terno de Moçambique "São Benedito", do Jardim Santa Ifigênia, "um folguedo folclórico, uma embaixada mista (homens e mulheres), que louva os padroeiros São Benedito, Santa Ifigênia, Nossa Senhoria do Rosário (protetora dos homens de cor) e Santa Isabel", o qual, "no dia 13 de maio, realiza festa maior do Terno de Moçambique, há uma série de dramatizações e, entre elas, o casamento de São Benedito com Santa Ifigênia", informa o Prof. José Sant'anna, acrescentando que há no Brasil dpos tipos de Moçambique: com manejo de bastões e sem manejo de bastões. O Terno de Moçambique 'São Benedito', pelos seus elementos estruturais, é Moçambique sem manejo de bastões, assemelhando-se a um grupo de Congada" (Anuário do 14.º Festival do Folclore).

"DANÇA-DE-SÃO-GONÇALO"

Dança de intenção religiosa, praticada geralmente em cumprimento de promessa, por devoção a São Gonçalo, repleta de variantes pelo Brasil. Em São Paulo é dan-

çada, em forma de cortejo, uma fileira de mulheres, outra de homens. "Em Olímpia, esta dança é realizada e não se restringe a um só grupo. Há grupos que, ao dançá-la, sapateiam e outros somente curvam os joelhos. Essas são as diversificações. Essas são as diversificações (...) A dança é realizada em duas filas diante de um altar. Do lado esquerdo dançam as mulheres e, do outro, os ho-



mens. O conjunto musical é formado por duas violas de dez cordas, únicos instrumentos existentes, pois a dança é em louvor ao padroeiro dos violeiros" (José Sant'anna, "A dança-de-são-gonçalo em Olímpia", Anuário do 34.º Festival do Folclore, p. 65).

FANDANGO



Usa-se o termo "Fandango" para designar uma série de danças populares. Em São Paulo, no litoral, Fandango compreende uma série de danças compreende uma série de danças de pares mistos; no interior, é uma dança que muito se aproxima da catira ou cateretê, por causa do sapateado, dançada só por homens, que usam chapéu e lenço ao pescoço e botas com chilenas de duas rosetas. Destaca-se nesta modalidade uma variante pratica-

da com tamancos rústicos, vista, por exemplo, em Capão Bonito.

JONGO

O Jongo, de proveniência africana, tem algumas semelhanças com o Batuque e teria surgido em regiões de cultivo de café. No Estado de Minas Gerais, é denominada de "caxambu", termo que também designa um dos

instrumentos (um tambor grande) utilizado na dança. Os participantes revezam-se no meio da roda, fazendo evoluções marcantes, com grande remelexo. O ritmo, ora é lento, ora é célere. Há versos impro-



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 70

visado, que chamam de "pontos", muitos deles, aparentemente, sem muita unidade e propósito. Não há trajes específicos nem período próprio para sua prática. Os jongueiros, pelo que constatou Alceu Maynard Araújo, "gozam de uma auréola de mágicos e feiticeiros" ("Folclore Nacional", Vol. II, "Danças * Recreação * Música", pág. 221, Ed. Melhoramentos).

CORDÃO-DE-BICHOS DE TATUÍ/SP

É um folguedo muito interessante que foi idealizado pelos operários de uma fábrica, de famílias nordestinas que fixaram residência em Tatuí/SP. Inicialmente, denominou-se "Arca de Noé" e se apresentava apenas no carnaval, com seus componentes usando máscaras de aves e outros bichos. Posteriormente, passando por transformações, a denominação foi alterada para "Cordão- de-Bichos". São mais de cinqüenta componentes e diversas figuras: sapos, tartarugas, ara-



nhas, bois, tigres, porcos, tatus e outras figuras humanas caricaturadas.

CAIAPÓS



É um folguedo popular cujos integrantes se fantasiam de índios, trajando roupa de capim-barba-de-bode e muitos adereços, inclusive penas de aves, como galinha ou peru. Pintam o rosto com uma tinta azul. As evoluções, sob o comando da figura do "pajé", são executadas ao som de cuícas, tambores, pandeiros, violões, entre outros. O grupo não canta. Alguns grupos apresentam um enredo, sem cantoria, em que se encena o rapto de uma bugrinha (alusão ao rapto de uma bugrinha por

portugueses, no período da colonização, segundo a tradição oral indígena). Há duas bugrinhas, uma de roupa azul (batizada), outra de vermelho (pagã). Os "Caiapós", então, em algazarra, representam a busca da bugrinha e do raptor. Grupos de Caiapós são encontrados em São Paulo e em Minas Gerais.

BATUQUE

Batuque é um vocábulo com que os portugueses designavam genericamente as danças de origem africana, acompanhadas de cantorias e de instrumentos de percussão. O Batuque se realiza em uma grande roda, em cujo centro os dançarinos improvisam passos, individualmente ou em dupla. O remelexo dos quadris é fortíssimo. Ao som de atabaques e tambores, os parti-



cipantes batem pés e palmas e estalam os dedos rapidamente, como castanholas. O passo mais marcante do Batuque é a "umbigada", movimento também presente em outras danças, no qual os dançadores barriga pra frente, peito pra trás

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 71

_ batem ventre contra ventre. Realizada entre homens e mulheres, a umbigada indica o momento de substituição do dançarino solo ou o encerramento da apresentação, se se tratar de um par de dançantes. Muito conhecido em Olímpia é o Batuque de Piracicaba, que sempre participa do nosso Festival do Folclore. Há dançadores de batuque em várias localidades paulistas: Botucatu, Capivari, Itu, Laranjal, Limeira, Pereiras, Porto Feliz, Rio Claro, São Pedro, Tatuí e Tietê.

SAMBA-LENÇO

É uma dança em louvor a São Benedito, introduzida pelos negros no Estado de São Paulo. Um único grupo a preserva, em Mauá, cidade paulista. Branca e vermelha são as cores predominantes no figurino. Os homens vestem camisas xadrezes, das referidas cores e calças brancas, chapéus de palha e lenços no pescoço. As mulheres usam vestidos longos com babados nas barras, decotes e mangas,



com babados nas barras, decotes e mangas, acompanhados de anáguas, nas cores vermelha e branca, às vezes xadrezes, às vezes não. Usam chapéus comuns ou bordados (naquelas cores), lenço na cabeça, anéis, colares, brincos, broches, pulseiras. Membranofones e idiofones marcam o ritmo do samba-lenço, que, enquanto é dançado, apresenta melodias breves, simples, repetitivas e cantadas em coro pelos que assistem à apresentação do grupo. Muito querido pelo Mestre José Sant'anna, o Samba-lenço de Mauá/SP se apresenta no Festival do Folclore de Olímpia desde 1966.

DANÇA DOS VELHOS

Vestindo roupas "mal ajambradas" ou antigos fraques e cartolas, e usando um bastão "à guisa de bengala" e longos cabelos e barbas postiças, os dançadores apresentam-se nas ruas, humoristicamente, arrastando os pés, num ritmo valsado. Alguns se fantasiam de mulher vestindo batas e saias. Encontrada em algumas localidades paulistas, a exemplo de São Luís do Paraitinga.

CANA-VERDE DE PASSAGEM



Das mais difundidas no Estado de São Paulo, especialmente no meio rural. Formam-se duas filas laterais, uma de rapazes, outra de moças. Os rapazes ficam batendo palmas, enquanto as moças se dão as mãos, formando um "cordão", passando depois, em ziguezague, sob os "arcos" formados pelos braços erguidos e mãos dadas dos rapazes, após o que, cada uma vai parando diante de seu par. Os pares, então, se enlaçam e dançam, giran-

do em torno de si próprios. Formam-se duas rodas concêntricas, uma girando no sentido contrário ao da outra. Há trocas de pares, bailados soltos, formação de duas, fileiras em cruz, entre outros movimentos.

DANÇA DO BAMBU

É uma dança de origem indígena, proveniente da América Central, praticada por ocasião das chuvas. É popular em São Paulo, especialmente na cidade paulista de Ibitinga, onde já era dançada em remotas épocas, nas festas juninas. A prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, coordenadora do GODAP - Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", pesquisou essa dança na década de 60, estilizou-a e a integrou no rol das



danças apresentadas pelo grupo. Oito bambus de cerca de quatro metros são estendidos no chão. Quatro pares de dançarinos, cada casal posicionado entre dois bambus, iniciam a dança. Os dançarinos se revezam, trocando de pares, movimentando-se entre os bambus, portando tochas acesas em uma posterior etapa da dança.

CAFÉ



No século XIX, o café se expandia pelo Brasil, enquanto se reduzia a capacidade das minas, principalmente nas searas que futuramente se denominariam região Sudeste ("civilização do café"). Os movimentos coreográficos dessa dança imitam os que os lavradores executam ao colher, mexer, sacudir e amontoar o café. As peneiras, indispensáveis ao exercício dessas funções, são também usadas pelos dançarinos na apresentação.

BALAINHA

É uma dança paulista, da qual só participam mulheres, portando arcos ornados de fitas e flores ou envoltos em papel crepom, a exemplo da variante mineira da dança de São Gonçalo. O principal momento da coreografia é aquele em que os arcos são unidos pelas dançarinas, formando a balainha. É muito apresentada em festas juninas.



MITOS E LENDAS

CANHAMBORA

Homem negro, grandalhão, feio, com cabelos compridos até os pés. Às vezes é citado como tendo, ao mesmo tempo, forma humana e animal, metade cavalo e metade homem.

Ele é detentor de poderes capazes de ressuscitar os animais mortos pelos homens brancos, a quem persegue e agride. Diz o povo que o Canhambora é assombração de escravos mortos a pancadas a mando de seus senhores, aos quais, posteriormente, volta para assombrar.

MOÇA DE BRANCO

Moça vestida de branco que à noite aparecia pedindo carona aos caminhoneiros na antiga estrada Rio-São Paulo.

Os motoristas de caminhão, sempre solícitos com mulheres, estacionavam o veículo e abriam a porta para o ingresso da bela jovem.

A viagem prosseguia. A moça, retraída, estranha, sombria, calada; limitava-se a responder com monossílabos ao que lhe perguntavam.

Entretanto, algum tempo depois, os motoristas se arrepiavam de pavor ao notares que a moça havia simplesmente desaparecido.

Contavam os caminhoneiros que ela fora morta atropelada por um caminhão ao dirigir-se à igreja no dia de seu casamento.





CHIBAMBA

De origem africana, e conhecido em São Paulo e Minas Gerais, é um negro velho que se veste com folhas de bananeira, ronca como um porco e está sempre a dançar, em ritmo compassado.

Ele amedronta crianças choronas: "Olha esse choro, que a Chibamba vem te pegar; ele papa criança". Acredita-se que ele foi um velho escravo que morreu no tronco, de tanto chicotada.

Segundo alguns autores, ao Chibamba também se atribuía a fama de suprimir a dor dos escravos açoitados, atraindo-a toda para si quando o invocaram.

CHUPA-CABRAS

É relevante registrarmos esse, haja vista sua relativa atualidade. "Novo ser mitológico", segundo Hitochi Nomura.

O Chupa-cabras teria aparecido nas áreas rurais de municípios vizinhos à cidade de Campinas, por volta de 1997. Os habitantes da mencionada região atribuíram súbitas e misteriosas mortes de ovelhas e bois a uma estranha criatura notívaga.

O jornalista Paulo San Martin, na edição de 8 de junho de 1997 do jornal A Tribuna, de Campinas, relata na matéria intitulada "Chupa-cabras: agora ele se tornou

histeria coletiva" que as marcas deixadas pelo bicho não se confundem

com a de nenhum predador conheci- do, não encontrando o seu ataque referência na zoologia e na biologia. "Praticamente todo o sangue é drenado e as feridas são

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia



inconfundíveis, como se tivessem sido feitas por garras longas e afiadas, semelhantes a navalhas. Em alguns casos são retirados, com precisão cirúrgica, órgãos e glândulas nobres".

A história foi, na época, muito divulgada pelos meios de comunicação.

Uma babalorixá campinense, que afirma tê-lo visto, o descreve como uma criatura peluda apenas da cintura para cima, com poucos pelos nas pernas, e com focinho semelhante ao de um lobo.

MÃO-DE-CABELO

Fantasma que assombra, em São Paulo e em Minas Gerais, as crianças que uniram na cama. Tem forma humana, envolta num lençol branco. Suas mãos são feixes de cabelos louros, que este fantasma passa pelo órgão sexual das crianças que urinaram enquanto dormiam, acordando-as, ameaçando mutilá-lo. É comum a advertência de que "se mijar na cama, a Mão-de-cabelo vem te pegar".

Há uma variante, bem menos conhecida, apesar de registrada por Alceu Maynard Araújo ("Folclore Nacional", vol. 1): "Quando não se consegue dormir, uma velha magra, alta, vestida de branco, cujos dedos são macios como cabelo, vem passar as mãos no rosto para que se concilie o sono".

Prevalece, no entanto, o propósito disciplinador, visto que a versão assombrosa é, de longe, a mais conhecida.

Acrescente-se, ainda, que esse mito foi mencionado por Gilberto Freyre no Clássico "Casa Grande e Senzala".



A MOÇA DE ANEL DE BRILHANTES

"Na usina, na ponte, justamente no lugar onde existiu em São Luís do Paraitinga a primeira fábrica de algodão do Estado de São Paulo, havia uma aparição. À noite, nessa ponte, surgia uma linda moça vestida de branco e mostrava o dedo com um anel de brilhante. Às pessoas que por ali passavam, ela pedia que lhe tirassem o anel. Nunca se soube que alguém tivesse coragem de fazê-lo" (Alceu Maynard Araújo, "Folclore Nacional", Vol. 1, 2ª edição, Melhoramentos, p. 437).

A LENDA DO ANHANGUERA

"Bartolomeu Bueno da Silva, bandeirante, seguia com muita gente corajosa e alguns escravos pelas trilhas que iam abrindo pelos sertões de São Paulo e Minas Gerais. Seu objetivo era explorar as minas de ouro descobertas por Borba Gato. No percurso conseguiram achar um pouco de ouro, abriram estradas, deixaram os alicerces de vilarejos que se transformariam um dia em grandes cidades. Enfrentaram os portugueses, no que se chamou a 'Guerra dos Emboabas' e trataram de adentrar as terras de Goiás, onde parecia menos

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 75



arriscado caminhar. Porém, deram de cara com os índios goianenses, que não quiseram lhes contar onde estavam as minas de ouro com que se enfeitavam. Foi quando o bandeirante, colocando fogo em uma vasilha com álcool, prometeu pôr fogo em todas as águas dos rios e lagos dos índios. Assombrados, eles lhes contaram onde estavam as sonhadas minas e Bartolomeu Bueno da Silva foi aclamado como Anhanguera, ou seja, Diabo Velho. Eis a origem do 'jeitinho brasileiro'" (Iseh Bueno de Camargo, Anuário do 45.º Festival do Folclore, p. 92).

CANCIONEIRO

São Paulo, embora apresente ampla diversidade musical, tem na cantiga sertaneja, também chamada caipira, um dos pontos mais relevantes de seu cancioneiro. Cornélio Pires, no final dos anos 20, realizou as primeiras gravações desse tipo de música, promovendo cantores populares do interior que interpretavam cantigas de origem folclórica. Ele dedicou-se à pesquisa e à coleta de contas, piadas, cantigas, especialmente toadas que versavam sobre a vida na roça, e foi graças a ele que a música caipira teve produção fonográfica e se tornou ponto de referência cultural.





CULINÁRIA

Os paulistas, conquanto tenham adotado influências e assimilado pratos oriundos de diversas partes do mundo, manteve alguns bem típicos, a exemplo do tradicional Virado, o arroz com suã, um sanduíche tipicamente paulista, o bauru, além de diversificados subprodutos do milho, da pamonha ao licor. Podemos conhecer mais sobre "Cozinha Paulista", no artigo seguinte, de Ineh Bueno de Camargo.

Ocasião propícia para se homenagear o Estado de São Paulo é a celebração do

Cinquentenário do Festival do Folclore de Olímpia, que se situa nesta pujante Unidade da Federação.

Considerando-se as vitais funções cardíadas para o corpo humano, em comparação com a pulsante importância deste Estado para o país, em vários as-

pectos _ com "orgulho ser paulista" _ apropriado se nos afigura metaforizar∴o coração do Brasil é São



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

COZINHA PAULISTA Pirangi estava em festa



Município comemorava 79 anos de existência. Comecei a ver grupos de cavaleiros, cada um com uma vestimenta diferente dos demais. Cores bonitas, vistosas, coloridas, berrantes, cavalgando belos cavalos rumo ao centro da cidade. Resolvi sair de casa e começar a perguntar ao povão de onde era cada grupo, o que pretendiam, para onde se dirigiam. A todosaos quais eu perguntava, a resposta era sempre a mesma:vinham de cidades próximas a Pirangi, rumo à

> Festa do Peão que aqui se realizava. Chapelões brancos, bonitos, usados por quase todos os membros: homens, mulheres e até por crianças. Foi por esse motivo, conversando com uns e outros, que pensei em escrever, neste ano, algo sobre os cavaleiros, antigos tropeiros. Perguntar e pesquisar sobre como os grupos se formavam, quem dirigia cada grupo, como agora dispunham, ao redor, até de fazendas que lhes ofereciam quase tudo de que precisavam: comida, água e até pousada, caso fosse necessário, por um dia, para que descansados chegas-

Principalmente, eu perguntava se comiam como os antigos tropeiros das grandes boiadas que percorriam nossas cidades e Estados. Assim surgiu o que agora escrevo, tendo muito ainda a pesquisar com pessoas já inteiradas do assunto, além de navegar na internet.

Pesquisando na internet, encontrei muito sobre este assunto. Vejamos: "Recheada com as mais variadas culturas, sotaques e tradições, a gastronomia paulista agrega fatores diferenciados entre a capital, o litoral e o interior. Claramente influenciada pelo mar, a culinária praiana abusa



de elementos da cultura portuguesa (bolinhos, caldeiradas, ensopados). No interior, encontra-se a tradição caipira, entre a população mais simples,

evidente nos costumes afro-indígenas misturados aos hábitos portugueses e à culinária dos tropeiros que, apesar de ter praticamente desaparecido, ainda sobrevive em pratos típicos como mandioca frita, o arroz carreteiro, o feijão gordo. E hoje, em muitas cidades do interior, partindo das cavalgadas de Barretos ou rumo a Barretos, surgiu a famosa "queima do alho", com uma galinhada feita em buracos ao lado das pousadas onde os cavaleiros (homens, mulheres e crianças) param para descansar. Esse prato consiste em fritar bem os pedaços de galinha caipira nesse fogo de buraco, com bastante alho queimado.



Só o cheiro delicioso serve para abrir o apetite dos cavalgadores, fazendo com que mais depressa sintam vontade de caminhar, trotando em seus cavalos, rumo ao ponto desejado. Em Pirangi, essas cavalgadas se repetem mais e mais, ano a ano, principalmente quando começam os preparos para a Festa do Peão que, tomando sempre ares das Festas do Peão de Barretos, começam a incentivar cavaleiros de toda a região. No entanto, há muita singeleza nesses encontros. Muitos trazem suas violas, suas vontades de cantar à volta dessa já famosa "queima do alho". O cheiro gostoso cobre toda cidade convidando a todos que saiam de suas casas, vindo a essa ainda inusitada queima cheirosa. Muitos tocam, cantam e dançam ao som de acordes das violas, violões e sanfonas. A alegria é geral, e todos ficam felizes nesses encontros e nos que ainda virão.

Em Pirangi, chegam cavaleiros de Taiaçu, Turvínia, Botafogo, Bebedouro, Colina, Severínea, Jaboticabal, Monte Alto, Taquaritinga, Vista Alegre, Ariranha, Pindorama, Catanduva e outras tantas cidades ao nosso redor. Muitos gostam de dançar a catira ou, pelo menos, bater palmas e os pés. Outros preferem ficar ouvindo cantadores de viola, aplaudindo. Muitas vezes, participantes do grupo "Os Independentes" (formadores das Festas do Peão de Boiadeiro de Barretos e, consequentemente, da "queima do alho")



comparecem a Pirangi durante nossa Festa do Peão, que já se tornou anual e recebe grandes e renomados cantores.

De acordo com Roberto Tonim (grande interessado no assunto), o interior de São Paulo foi importante na culinária paulista, com pratos tropeiros, fogo de chão, fogão a lenha ou no tucuruva, fogão que era improvisado no meio dos cupinzeiros. Neles eram preparados doces de banana, abóbora, goiaba e frutas diversas, tudo



aprendido com índios ou escravos. Com o tempo, foram aparecendo também pratos feitos com içás fritos, com formigas diversas, como o afogado (prato feito em caldeirões). As carnes usadas eram de várias procedências. As mais duras eram cozidas e colocadas no fundo desses caldeirões, e em seguida vinham as carnes mais moles. Os temperos eram colocados sobre cada camada, até a última de carnes mais moles, e no final eram comidas por todos os boiadeiros ou festeiros em festas religiosas, com arroz ou mandioca cozida.



Tive a oportunidade de, em Guararema, participar desses encontros religiosos e gastronômicos e provar desse prato que leva o diferente nome de "afogado". No seu caminhar, os tropeiros precisavam de alimentos que aguentassem longas cavalgadas sem estragar, carregavam carne de sol, carne-seca, farinha de mandioca e milho. Foi nesse processo que nasceram pratos como o virado à paulista, feijão tropeiro, a paçoca de carne-seca e o famoso cuscuz.

Mais tarde, já no período da economia cafeeira, os escravos introduziram o azeite de dendê, o leite de coco, o açúcar e o uso, na culinária, de animais domesticados ou não, como veadinhos novos e os porcos selvagens, além das rãs, dos jacarés e de inúmeros pássaros que faziam a delícia de todos. Era comum o uso de insetos como larvas brancas, lagartas, gafanhotos, bichos de taguara e formigas, sendo que as içás eram as preferidas pelos tropeiros ou pelos moradores de várias regiões.



Com o decorrer dos tempos, entraram nessa dança de comer o que aparecesse. Assim, deixaram sua influência graças à introdução de pratos usados em suas terras de origem, como polentas, mortadelas, chás, arroz, soja, receitas de quibes, esfihas e doces variados, como goiabadas, doce de abóbora, bananada, pamonha, curau, milho assado, cozido, doce de laranja, mamão e tantos outros. Os imigrantes italianos trouxeram todas as suas belas massas; outros, como os árabes, trouxeram (além das esfihas, como já dissemos) o pistache, as amêndoas, as nozes e o

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 79

uso do mel em muitos preparos. Nas saladas, houve o aparecimento do grão-de-bico e tantos outros temperos. Com os japoneses, houve o estímulo da produção e consumo do chá, do arroz e hortifrutigranjeiros, além do uso da soja, do tofu, shoyo e outros que são utilizados até hoje pelas colônias japonesas, pelos chineses e coreanos, mui-



tos sediados no bairro da Liberdade, em São Paulo, ou nas adjacências. Um grande grupo de japoneses se bandeou para o noroeste paulista, influenciando muito nos costumes, na culinária, nas danças, na música, nos esportes e na maneira de viver.

Também na Aclimação, na Escola Caetano de Campos, quando eu era diretora da escola nos anos 80, principalmente os japoneses cujos fi-

Ihos eram alunos da escola, participávamos das danças junto com os pais e as avós, sendo que às vezes eram em número superior a cem pessoas. Na Festa das Nações, além das danças havia barracas onde a culinária era totalmente japonesa, para regalo de todos os participantes. Muitas vezes até o Secretário da Educação, Chopin Tavares de Lima, se fez presente. Ele adorava os pratos japoneses e também os que eu e todas as mães dos alunos preparávamos, como vatapá, acarajé, cuscuz e tantos outros pratos da cozinha brasileira feitos nas barracas de cada Estado ou país. Também nessa época, trazendo danças de vários lugares do Brasil e de outros países, lá estava a hoje Coordenadora do Festival do Folclore de Olímpia, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, que era sempre convidada por mim para ensinar danças e músicas folclóricas aos nossos alunos do Curso do Magistério. Permanecia alguns dias na escola, ficando em casa de alunos ou mesmo no camarim do Auditório. Depois, voltava para Olímpia com os participantes de seu Grupo de Danças GODAP, que já representou Olímpia em países como Itália, França, Espanha, Alemanha, México e muitos outros.



Não podemos nos esquecer de que, além da influência dos imigrantes de muitos povos que aqui aportaram, os escravos também exerceram grande influência sobre a culinária brasileira, sobretudo a culinária paulista dos tempos de nossas avós e suas grandes fazendas, quando a convivência no casarão era sempre muito grande. Sabemos que pratos como o tutu de feijão, a feijoada, o cuscuz, o azul marinho, a paçoca de carne-seca e tantos e tantos outros pratos que fazem a delícia de nossas receitas

até hoje, já no século 21, foram ensinados às sinhazinhas por nossos escravos. E, assim, a nossa culinária ainda tem muito a nos ensinar, principalmente quando queremos falar sobre tudo aquilo que herdamos e estamos ávidos por aprender a fazer e a degustar. Assim, deixamos aqui receitas de alguns pratos, deixando de

lado alguns como: cuscuz, vatapá, moquecas e tantos outros que podem ser encontrados em Anuários de anos anteriores, principalmente no do ano passado que, por certo, ainda estarão à venda no Recinto do Folclore deste ano de 2014.

Pelas bandas de Caraguatatuba e Ubatuba, existiam as grandes fazendas e também, é claro, os cavaleiros que tocavam as boiadas. Por certo, todos apreciavam um belo tutu de feijão, uma carne-seca e um "azul marinho", prato dos caiçaras.

Azul-Marinho

(prato brasileiro, principalmente dos caiçaras)



Ingredientes

1 quilo de peixes em postas (garoupa, namorado ou cação)

3 cebolas médias, batidinhas, 6 tomates sem pele e sementes, batidinhos. 1 cabeça de alho grande, batidinha, 1 xícara(chá) de óleo ou azeite; 1 xícara(chá) de salsa, cebolinha,alfavaca ou manjericão; sal e pimenta do reino ou pimenta ardida a gosto; 1 xícara e meia de farinha de mandioca; 8 bananas nanicas verdes.

Modo de Preparo

Limpe bem o peixe; frite no óleo ou azeite: coloque o sal e a pimenta; Junte o tomate, mexa bem sem desmanchar as postas; cubra com água e deixe ferver por cerca de 20 minutos; junte a farinha, ocheiro verde e experimente o tempero e, se faltar, acrescente; coloque o peixe em um pirex. Cubra com papel alumínio e reserve. Amasse a banana e jogue-a na panela fazendo um pirão; Experimente. Coloque o pirão no meio



do pirex e as postas ao redor. Sirva bem quente, acompanhado pelo arroz.

Em Ubatuba e Caraguatatuba existem bons restaurantes que servem o azul marinho, no entanto é sempre bom passar por um deles e reservar seu prato, principalmente se for na época das férias ou em feriados emendados. Não se assuste com a cor do prato que você vai pedir, pois ele fica com cor azulada devido a banana...

Feijão Tropeiro



Ingredientes

Meio quilo de feijão cozido, 200g de toucinho defumado picado em cubinhos,250g de linguiça de porco, 1 cebola grande picadinha, 1 cabeça de alho socado, 1 maço de salsa e cebolinha picados, sal e pimenta do reino e vermelha a gosto, óleo para fritar, cerca de 8 folhas de couve limpas, cortadas bem fininhas, farinha de mandioca.

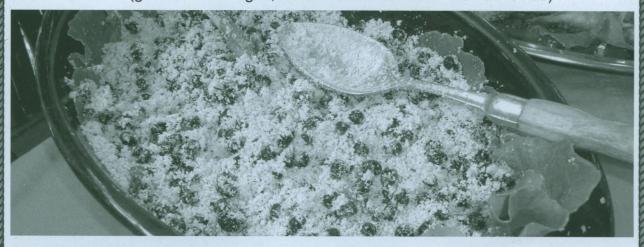
Modo de Preparo

Cozinhar o feijão sem deixar muito mole. Fritar separadamente o toucinho e a lingüiça, Fazer um refogado com a cebola, o alho e o cheiro verde. Fritar a couve juntamente com esse tempero. Acrescentar tudo ao feijão cozido, separando com um garfo para não grudar. Colocar a farinha aos poucos e não deixar grudar. Sirva com arroz branco e, se quiser, com costela de vaca cozida e ovos estrelados.

Esse prato não faltava nos encontros de tropeiros.

Farofa de Içás

(gordinhas formigas, fêmeas aladas das saúvas vermelhas)



Ingredientes

- 1 colher grande de banha de porco, óleo ou azeite
- 2 xícaras (chá) de içás (sem ferrão, asas, pernas e cabeça)
- 1 cebola grande batidinha
- 1 cabeça de alho grande batidinho

Sal e pimenta a gosto

Cheiro verde ou alfavaca ou manjericão a gosto

Farinha de mandioca o quanto baste



Modo de Preparo

Esquentar a banha ou óleo em uma frigideira, em fogo baixo.

Jogar as içás e mexer bem. Acrescentar todos os temperos e mexer para que não grudem no fundo da panela. Antes de colocar os temperos, devem estar crocantes.

Jogar a farinha de mandioca (mais ou menos 1 copo grande, que deve ser colocado aos poucos).

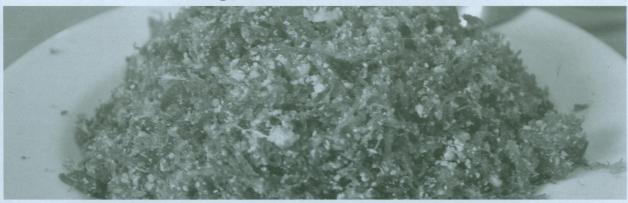
Não deixar tostar, muito menos queimar.

Colocar em um prato, e cada comensal vai se servindo.

Obs.:Garanto que no começo será difícil, mas, no final, não haverá quem não goste.

Em Pirangi, nos anos 30 e 40, o doutor Canabrava, grande amigo de nossa família, adorava comer as tais içás. Muitos de seus amigos sempre lhe traziam inúmeras içás, e ele se regalava com elas. Hoje, porém, elas rarearam muito devido à derrubada das florestas em todos ou quase todos os municípios.

Paçoca de Carne Seca



Ingredientes

Meio quilo de carne-seca dessalgada, pré-cozida e desfiada
Meia xícara (chá) de azeite
2 cebolas médias cortadas em rodelas
6 dentes de alho socados
250 gramas de farinha de mandioca
Sal e pimenta a gosto
2 bananas-prata em rodelas
Ramos de alfavaca ou manjericão

Modo de Preparo

Se tiver um pilão, vá amassando a carne-seca já desfiada. Caso não tenha o pilão, pode bater no processador. Caso contrário, vá batendo até quase dissolver a carne. Esquente o azeite e refogue o alho e a cebola. Acrescente a carne, deixando que ela fique crocante. Mexa por 3 minutos. Coloque sal e pimenta a gosto, junte a alfavaca ou manjericão. Sirva com arroz. Em muitos lugares, como nos velhos tempos, muita gente come a paçoca ainda com as mãos. Enfeite uma travessa com a paçoca, com as bananas fritas.

Obs.: Em muitas cidades em casas de artesanato, são vendidos os famosos pilões, como por exemplo, em Poços de Caldas, Campos de Jordão, Serra Negra. Em muitas fazendas ou sítios ainda existem pilões. Tenho sorte, pois em São Paulo tenho uma amiga que me empresta o dela. Nos velhos tempos de Pirangi, em quase todas as casas, o pilão era obrigatório, pois ninguém ficava sem a paçoca...

Estas receitas de doce que estou apresentando aqui estão para amenizar um pouco os pratos salgados e cheios de gordura que acima apresentei.

Bolinhos de chuva

(ou espera marido) também aprendidos com nossas avós no século passado.



Ingredientes

1 ovo

1 xícara de chá de açúcar

Farinha de trigo o quanto baste

1 xícara de chá de leite

1 colher de sopa de fermento em pó

Óleo para fritar.

Preparo

Bata o ovo com o açúcar, e bata muito bem. Junte o leite e vá colocando a farinha, mexendo bem até conseguir uma massa homogênea. Acrescente o fermento. Frite às colheradas. Se gostar, passe os bolinhos pelo açúcar cristal ou refinado, acrescentando pitadas de canela em pó.

Arroz Doce

(da dona Dulce Martorelli, que por certo aprendeu a fazê-lo com sua avó ou bisavó, ainda no século passado. Aqui, às vezes faço pequenas interferências nas receitas.

Vemos que o uso de tanto leite na receita é porque, naqueles áureos tempos, nos sítios, fazendas, e até nas chácaras, o leite era abundante devido à criação de vacas. Hoje, como a escassez é maior, faríamos essedoce com bem menos leite, mas o gosti-

nho do passado sempre nos dá vontade de experimentar a receita como aprendi com ela.

Ingredientes

3 litros de leite

1 copo de arroz (do tamanho do copo de requeijão)

- 1 lata de leite condensado
- 1 xícara de chá de açúcar
- 3 ovos bem batidos no liquidificador canela e açúcar para salpicar.



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia



Coloque o arroz em uma panela (de preferência panela de ferro, se houver). Cubra com leite mexendo sempre com 1 colher de pau. O leite vai secando, coloca--se mais leite. Quando este terminar, por certo o arroz estará cozido. Não deixe de colocar o acúcar e o leite condensado e, em seguida, os ovos batidos e bem misturados ao arroz. Salpique com a canela. Fica uma delícia.

Doce de abóbora em panela de pressão



Ingredientes

1 quilo de abóbora madura (pode ser cabochá) cortada em pedaços

700 g de açúcar

4 dentes de cravo

2 paus de canela lavados.

Modo de Preparo

Colocar os pedaços da abóbora na panela de pressão. Por cima, colocar o açúcar, a canela e o cravo. Fechar a panela e deixar descansando até o dia seguinte. Ligar a panela e esperar dar pressão. Deixe no fogo por mais 5 minutos. Desligue e espere esfriar. Coloque o doce em um pirex ou vasilhame de louça.

- E por hora ficam apenas essas receitas. Quem sabe, no próximo ano eu escreva sobre as Folias de Santos Reis e seus pratos prediletos, servidos em suas festas anuais.



PREÂMBULO: **ETNOGRAFIA** E FOLCLORE

José Carlos Rossato Departamento de Folclore - Olímpia

ubordinado ao título em cima estas linhas, João Dornas Filho, assíduo perquiridor mineiro, burilou, com segura visão, apreciados comentários acerca de curioso exemplar do abecê dobrado, colhido na região de Diamantina, em seu Estado natal. onde, conforme palavras suas, é gênero de poesia popular bastante difundido entre os trovadores que habitam aquela região.

Documento singular e interessante de nosso rico populário, o "abecê do casado" é uma espécie de cantoria dialogada, entre marido e mulher, num recíproco mimoseio de mofas e duetos a extravasar zombaria e escárnio; nele. em cada estrofe proferida, e abrindo o período, aparece, repetida, à guisa de mote, uma das vinte e seis letras do alfabeto português. Sua contextura popular e a linguagem trivial empregue denunciam, logo à primeira ter sido improvisada por um desses violeiros, rudes e simples, cantadores experimentados de folquedos da boa gente brasileira.

Gênero assaz cultivado em todo o nordeste brasileiro, como o atestam inúmeras referências encontradiças em vários autores, antigos e modernos; incluindo Euclides da Cunha, vem, por isso mesmo, enriquecendo o fabulário nacional, renovado e repetido sempre nossos indígenas. Atestam-no quadrilhas colhidas em "Violeiros do Norte" do conhecido folclorista Leonardo Mota. Exemplo:

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Eu fui aprender a ler Numa carta de a b c, As letras que mais gostei Foi o k e do g

Manjericão miudinho Salpicado de a b c, Meu coração só me pede Que eu me case com você.



Lampião teve o seu ABC, onde foi cantada Maria Bonita, que cortou o sertão com o seu homem e por ele deu a cabeça bem próximo a Própria/SE, escreve Jorge Amado num livro que dedicou a Castro Alves. E num ABC louvação foram rememorados os episódios romanescos de Rosa Palmeirão, Besouro e outros facínoras das caatingas nordestinas.

No Folclore Goiano, de J.A. Teixeira, vem registrada uma variante do gênero através do linguajar tópico do caboclo de Itaberai, cantando o ABC do Amor.

Aliás, a via oral, sempre fluente, nos dá notícia do assunto renovado constantemente em trovas e desafios, nos entreveros do cateretê regional.

Há pouco tempo, recebemos esplêndida e talvez desconhecida peça etnográfica - o ABC do São Bom Jesus de Matozinhos, colhida alhures, e de autor anônimo, que aqui transcrevemos, "ipsis literis," para conhecimento de todos os que cuidam dessas ninharias que nada rendem...

Abecê quero escrever Em louvor do Bom Jesus; Bom Jesus, alumiai-me Com vossa divina luz.

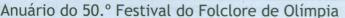
Amoroso Bom Jesus: Venho aqui vos visitar; O prazer que me oferece Eu não vos posso explicar.



Como não hei de sentir Grande dor no coração?... For vossa misericórdia, Bom Jesus, dai-me perdão.

Eu sou um romeiro vosso; Que a vós venho em romaria; Peço-vos, meu Bom Jesus, Que andeis sempre em minha guia.

Guiai-me por bom caminho, Bom Jesus de compaixão Por vossa misericórdia Livrai-me da tentação!





Imaculado Cordeiro, Imolado à salvação Dos humanos pecadores, tende de mim compaixão!

"Kalendário" vou contar De duas de terna ausência Deste templo, deste altar, Que habitais em complacência!

Mas eu tenho uma esperança De outro prazer alcançar... Bom Jesus, favorecei-me, Que eu espero cá voltar!

Oh! quantos milagres vejo Que não se podem contar! Bom Jesus, vosso remédio A todos pode curar!

Que exemplo fizestes a quem O rosário abandonou!... Maria, cobra ao pescoço, Bom Jesus foi que a tirou!

Só viestes ao mundo Para remir o pecador... Bom Jesus, misericórdia Por vosso divino amor.

Uni-nos ao vosso peito Pela lança transpassada Para que por vosso amor Nós sejamos perdoados.

"Xegando"-me a vossos pés Com o coração rendido, Bom Jesus, me perdoai Quanto vos tenho ofendido.



Zéfiros brandos e brisas, Auras plácidas e aragem, Nos mandai às nossas velas Pra virmos de romagem.

Bem me custa vir vos ver. Nesse trono assim atado! Bom Jesus, tantos tormentos Por causa do meu pecado!

Divino, meu Bom Jesus, Divina consolação!... Por vossa misericórdia Livrai-me da tentação.

> Falai à minha retentiva Para que possa continuar-me Por vossa Divina luz Bom Jesus, alumiai-me!

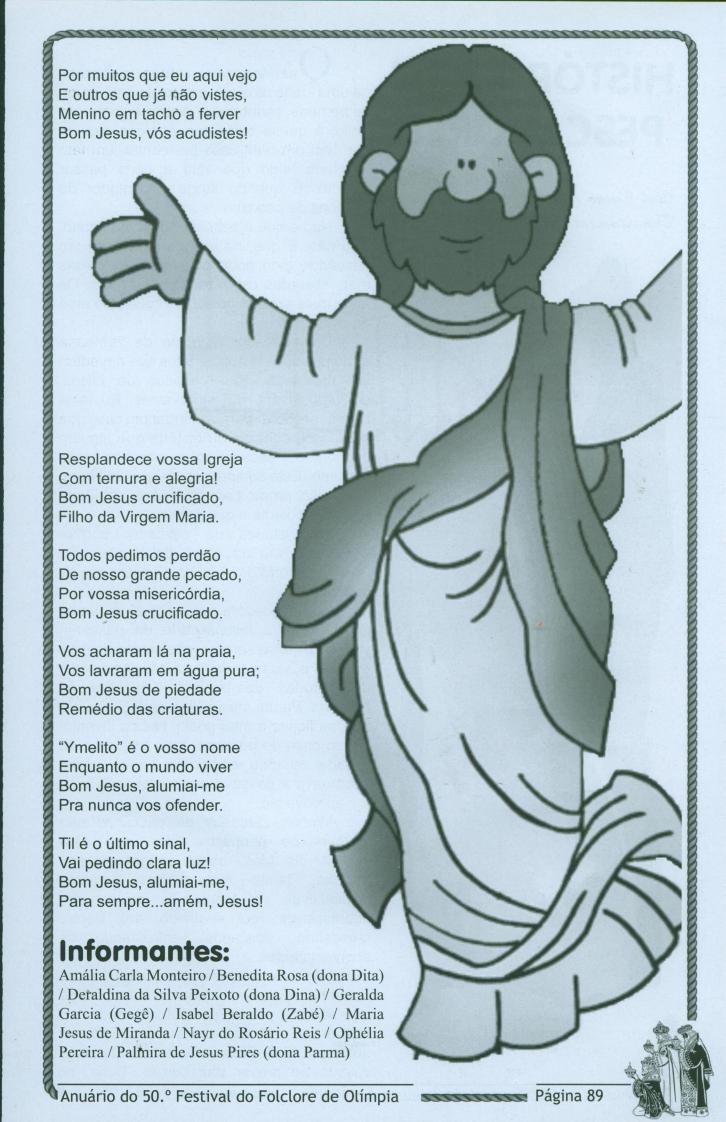
Hoje... aqui já imagino... A vossa imaginação!... Bom Jesus, quando me for A triste separação!...

Já tenho de mim tristeza No meio desta alegria; Bom Jesus, vossa lembrança Vai na minha companhia.

Lembrar-me-ei eu de vós Em quaisquer longas alturas; Bom Jesus de piedade, Remédio das criaturas

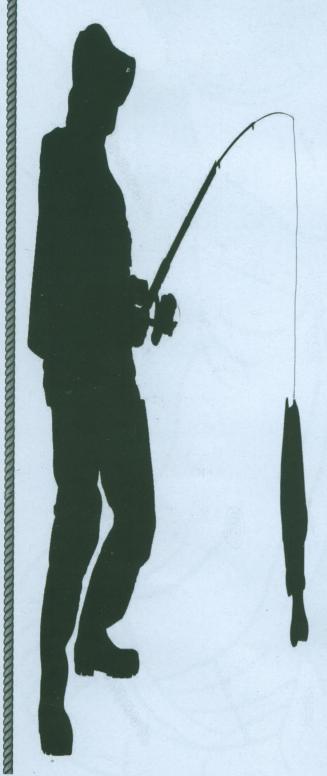
Nem por isso vos custou Como a mim mal parecia... O Bom Jesus me ajudou, Venho em sua companhia.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 88



HISTÓRIAS DE PESCADORES

Iseh Bueno de Camargo Departamento de Folclore - Olímpia



Quando se vê um grupo de pessoas de uma idade próxima, especialmente grupo de homens, senhores já, alguns velhotes no meio, é quase certo que aparece alguém que tem um bom caso pra contar, um fato inusitado, algo que vale a pena passar adiante. É quando surge o contador de histórias de pescaria.

Não é que o pescador seja mentiroso, isso não. É que, na vidinha mansa de um pescador, tudo pode acontecer. As coisas mais absurdas estão reservadas a ele. Os fatos mais sem propósito, as coisas do arco da velha.

Um pescador é vítima de zombaria gratuita e suas histórias, fatos que deveriam ser históricos, são rotulados de falsos, de impossíveis, de improváveis. Eu já vi pescador chorar para confirmar um caso que se passou com ele ou história que alguém lhe contou. Pescador sofre, mas não perde o prumo. Está sempre pronto para ouvir um bom caso, pronto para apreciá-lo, estudá-lo e passar adiante o que puder.

As histórias de pescador correm o mundo. Não há quem delas não haja falado um certo dia, não há ninguém que as desconheça.

Sou pescadora nata; Aos cinco anos, já praticava a milenar arte da pescaria, voltando, quase sempre, nos braços do meu pai. E já ouvia falar da fama dos contadores de histórias de pescaria. Adorava as histórias. Punha mais achas na fogueira e a história ficava a meu gosto. Nunca inventei um só caso de pescaria, tudo caía de mão beijada no meu embornal, eu só ouvia, saboreava e passava adiante quando bem me aprouvesse.

Minhas centenas de pescarias são repletas de peripécias que você diria impossíveis Mas, como jamais pesquei sozinha, tenho testemunhas oculares e auditivas de todas. As coisas iam acontecendo, eu seguindo em frente, crescendo, pescando, enfrentando os acontecimentos.

Há uma história que ouço desde pequena. Já a ouvi contada por outra pessoa que se fazia passar por autor da façanha, mas a que valia era a minha conhecida. O autor era Nhô Elias, sitiante falante, mas valente no provar das coisas. Tinha, no



rio Tabarana, um bom poço onde os peixes pululavam. E lá estava ele uma tardinha, embornal pesado, quando percebeu a chegada de um temporal. Não pensou duas vezes, juntou a tralha e partiu depressa, esquecendo-se de pegar um relógio estimado que havia dependurado no galho de uma arvorezinha para melhor ver as horas. O temporal foi feio, árvores tombavam, raios, trovões, mas ele chegou antes em casa. Não deu por falta do relógio a não ser daí a alguns dias, quando decidiu que seria inútil procurá-lo após o vendaval. Os anos se passaram e lá um dia voltou ao poço. Ficou cismado com um ruído estranho, um tique-taque solene. E, para sua alegria, ali estava o mesmo relógio que perdera há mais de dez anos. Firme, marcando as horas e minutos.



Mas essa não foi nem comigo nem com ninguém da família. Boa é uma do mano lleh, quando vivo e grande pescador. Um amigo dele era dono de terras do lado esquerdo do rio Tocantins. Ele, hóspede de outro amigo do lado direito. O da esquerda reclamava que um bicho comia grande parte do seu mandiocal todas as noites. E ele, pescador noturno, cansou-se de procurar o bicho. Nada. A mandioca sendo comida. Até que uma noite, sem querer, deu com o nó da questão. Enquanto tentava pegar uma pirarara de primeira, viu a boca escancarada de uma planta que entrava rio adentro, Era uma mandioca tão grande que atravessava o rio. A capivara entrava por uma banda, comia a se fartar, voltava pelo mesmo caminho, ninguém a via. Mas nessa noite acabou-se o seu reinado, comeu-se capivara em vez de mandioca.

Fui pescar com o mano lveh, que teria uns sete anos e eu mais de dez. Sentada no barranco do rio Tabarana, comendo coquinho, um pouco de lanche, eis que vejo meu irmão e, atrás dele, uma cobra grande com o bote armado. Fiquei apavorada, queria falar e só emitia sons guturais, hã

hã hã... Ele, pensando que eu estivesse ficando lelé, curvou o corpo, a cobra deu o bote e caiu dentro do rio. Eu e ele, duas indômitas figuras, fugimos sem levar varas, bornais, lanches, nada. Nosso pai que foi atrás dos pertences.

Já meio velhusca, professora

em fins de carreira, fui pescar uma tarde com um casalzinho de ex-alunos,

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

um amor de par. A pesca seria na Cachoeirinha e lá ficamos até a noite para pegar bagres, o que para os dois não era comum. Mas tudo dando certo, alguns piaus durante o dia, uns lambaris, até um papa-terra de pequeno porte. A noite chegando, decidi ser a hora de lanchar. Lanchamos. Arrematei com boa caneca de café de garrafa térmica. A jovem pediu-me emprestada a caneca e, apesar de não gostar de dividir o que é meu,

emprestei. Tomou seu café e, quando foi jogar um restinho fora, jogou tudo, xicara e café. Ai virei um cão. Que a caneca era de estimação, o diabo a quatro. Bem, o jeito é filosofar – o que está feito, feito está, e toque o bonde. Mais uns mandis, uns bagres raquíticos, má pescaria. Resolvi que era hora da partida. O rapaz pediu: espera um pouco, há um bagre me tentando! É um dos grandes. Esperei e lá veio, do fundo do rio, a minha amada caneca fisgada como mandava o figurino.



E não é prosa de pescador, os dois comprovam.

Essa foi com o mano lleh. Fomos pescar na Tabarana pra variar, atrás de bagres. Foi boa a caçada, voltamos com uns oito de bom tamanho; ao passarmos por um riacho de alta ponte, ele captou o som de rãs; como bom caçador de rãs, não pôde passar sem atender ao apelo. E, sem pressa, desceu pelo barranco e foi parar lá no fundão. Conseguiu quatro rãs de bom tamanho, limpou no riacho e tentou voltar para a estrada. Vãos esforços. O barranco era alto demais. Escorregava com as botas altas, afundava.



E eu, aflita, tentava dar-lhe a mão, mas nada, tudo em vão. Quando o desespero era enorme, eis que surgem os faróis de um carro, coisa rara naqueles tempos. Abanei os braços, descabelada, um festim para o medo. E foi o que pensaram os ocupantes do carro. Fantasma! Pararam longe e lá veio o grito, Mãos para cima! Botei para cima, botaria pra qualquer lugar ou lado que pedissem. Depois de um quiproquó danado, resolveram ajudar, tiraram o lleh do buraco, viram as rãs, os bagres, "creram neles" e nos deram carona. Jantaram em casa, fartamente, zombando dos tolos que pegaram na estrada. - Xá pra lá, um dia é da caça, outro do caçador.

Ainda muito jovem, Iceh, grávida da segunda gestação (mais um sobrinho) e Marco Antônio, de uns 8 anos de idade, fomos pescar na lagoa. Era uma lagoa pequena, cercada de mato baixo por todos os lados, possuía belo pesqueiro que era do mano Iveh. Fomos de canoa até o pesqueiro, acomodamo-nos e começamos uma boa pescaria. Raramente tantos peixes como daquela vez. Só que lá pelas tantas, quatro ou cinco horas, armou um temporal dos feios e tratamos de nos pôr a caminhar. Pulamos na canoa, mas ninguém a fim de remar para o barranco. O remo passava de mãos em mãos sem o mínimo resultado. Eis que Marco, apavorado como Iceh e eu, decidiu ir pela orla, agarrado a galhos e folhas, com

o objetivo de nos deixar ilesas em terra firme. E o medo de cobra e jacaré era maior que o medo do temporal. E lá veio ele, uma criança puxando duas marmotas e seus tremeliques até o barranco final. Saímos pasto afora, sob forte aguaceiro e tivemos a sorte de dar de cara com o Jipe do Adriano Scardelato, que nos acolheu

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

ensopados e friorentos. E vai relâmpago!

Fomos pescar em lepê, o João Zago e irmãos, o mano lleh e um parente da cunhada Lourdes, que veio a ser prefeito da cidade. Mas a pescaria estava fraca, o terreno ao redor havia sido arado de véspera, estava um horror. Mal se chegava à lagoa ou lago. Mas nós teimando. Fiquei meio pra trás, quando enorme cobra apareceu. O parente gritou: Dá um nó na blusa! Sem entender o porquê, dei um nó bem dado e voei para a banda do bando. Blusa com nó apertado. E não é que a cobra ficou paradinha no lugar onde eu a vira, nada de fuga cinematográfica, paradinha. E ele, com um pau, deu cabo da baitela e pudemos pescar em paz. Nó na blusa para a cobra, pode ter certeza. É só experimentar.

Apescaria, desta feita, foi em riacho situado no sitio da Tilde cabeleireira. Estavam Jair, Heloisa, Iceh, eu e os dois menores, Newton e Murilo. O rio era pequeno, mas bom de peixe, afluente da Tabarana, e nós na vara e no anzol e desce cachaça goela abaixo. Cada peixe era festejado por um bom copo de cachaça. E neris com a isca nem lá grande coisa de peixe, uns minguados piaus, uns lambaris, pouco bagre. O jeito era dar o fora, já que a lua ia alta no céu, mau para pesca noturna. Foi então que, ao sair, escorreguei na pinguela e mergulhei de costas na folharada do fundo, uma boa cama para quem estava repleto de manguaça. Caí sim, me esborrachei, mas a garrafa não saiu da mão. Ficou gloriosa, estandarte puro erguida à natureza. E sair do buraco? Pedi que me esquecessem, que fossem todos embora que eu me viraria. Mas tantas fizeram que me retiraram do buraco sem perda de peixe, de tralha e de pinga. E Viva!

Esta foi uma pescaria infame. Pra começo de história, o rio Dueré, na cidade goiana de Dueré, estava transbordando e, de cara, Ineh desistiu da aventura e retornou à casa sozinha. Ficamos Iceh, eu e a mulher de um peão que já conhecíamos de velha data. A canoa era uma árvore cavada no meio, piroga, se não me engano. A mulher remava bem, deu certo, achamos um barranco e pescamos. Peguei até um pintado de pequeno porte. Tudo deu certo, muita pinga em jogo, eita pescaria boa! À hora do regresso, a remadora distraiu-se, a canoa virou e lá fomos nós pra dentro do

A hora do regresso, a remadora distraiu-se, a canoa virou e lá fomos nós pra dentro do rio, com tudo que havia no barco. E eu não me conformava em perder a caixa de pescaria, repleta de anzóis, chumbada, linha. O jeito foi a peoa descer por um galho, mergulhar e vasculhar o rio à caça da caixa. Depois de umas dez descidas, lá veio a dita cuja,

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

molhadinha mas incólume. Até os peixes retornaram à canoa, pois não fugiram do embornal. Valeu a pena, uai!



De novo, o lleh e eu, pescaria noturna na cabeceira da Tabarana. Tudo certo, certa paz, poucos peixes, mas de muito bom tamanho. À hora da saída, O lleh escorregou, caiu de mau jeito e ouvimos, na hora, o silvar de uma cascavel. O lampião apagou com o tombo, o jeito foi ele dar umas pancadas a esmo e gritar, pula pra cá, pula pra cá! Pulei no escuro, sem saber onde estava a cascavel. Chegamos a um lugar limpo, recuperamos o fôlego e tratamos de dar o fora. No dia seguinte, voltamos ao local do crime e lá estava a cobra mortinha da silva. morreu no escuro mesmo e nós aprendemos uma lição. Tomar mais cuidado ao andar pela mata, pelo menos manter aceso o lampião.

Desta feita foi com o Nelmo Serrato. marido da Iceh na época, Iceh, Ileh e eu, mais o Jair de Deus e o Francisco, um amigo

de São Paulo. Foi uma longa pescaria diurna e boa caça noturna, todos apinhados em caminhonete do Nelmo. Um estranho ruído surgiu na noite. Que será? Motor? Serra? Algo estranho. E caminha que caminha vimos, à luz dos faróis, milhares de grilos saltitantes e gritantes, dando lá seus cricris estrídulos. Era grilo pra ninguém botar defeito. Fechamos os vidros, mas eles achavam brechas para entrar, subiam pelas pernas, chegavam ao rosto, um horror, um furor dantesco. Grilo pra dar e vender. Enxurrada deles. E o seu cantar nos ensurdecia. Em casa, no Formoso do Araguaia, foi um inferno. Banho com grilos subindo e descendo, nem sei como conseguimos comer alguma coisa. Todos tínhamos

véus para cobrir as camas, menos o Francisco, que esquecera o seu. Foi uma noite das mil e uma noites. Grilo e mais grilo. E o Francisco a reclamar. Eu quero um véu! Eu quero um véu! Passou a noite em claro, como nós, pois dormir era impossível. No dia seguinte, o monte de grilos era enorme, foram fogueiras que cheiravam mal. Maldita noite dos

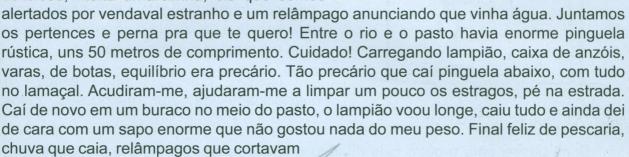
Pescaria noturna. Noite não muito propícia para boa pescaria, mas lá fomos nós. "Seu" Juca, peão da fazenda, Iceh e eu, armadas de facão contra os inimigos, botas altas contra cobras, blusões grossos contra a malta de pernilongos. De barco, o caseiro era "seu" Juca, negro rijo e ainda moço, uns 40 anos. Entre jacarés em profusão, conseguimos excelente resultado, piaus, piaparas, bons pintados, uns cascudos. Tantos eram os peixes que resolvemos comer um pouco, na casa do "seu" Juca. Após rápido

banho, marchamos para lá. A mulher do peão encarregada da fritura dos bichos limpos pelo marido. E, em torno de tosca mesa, realizou-se o banquete; ao redor, um bando de filhos que levantou ao cheiro de iguaria. E lá vai peixe pra goela. Que delícia. Em certo momento, já farta de tanto comer, fiquei olhando o fogo

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 94

arder no fogão e achei que vi a frigideira andar. Contei a proeza, logo a mulher explicou: Não é nada, não. Só baratas. Um inferno, acabo de fazer comida e é preciso comer na hora, senão as baratas levam tudo. Engasguei! Comi Barata? Pelo menos alguma asinha deve ter descido com o peixe. Doce, baratinado jantar!

Certa tarde, fomos pescar na Tabarana: Jair, Heloísa, Newton, Murilo e eu. Bem movidos para enfrentar a boca da noite. E vai pescaria, bagres de bom tamanho em todas as varas. Um lanche delicioso, muita amarelinha, eis que somos





São essas algumas pescarias que tiveram um final infeliz sob um ponto de vista, nenhuma daquelas em que fui e voltei "sapateira", isto é, não trouxe um peixe sequer. Foram muitas. No entanto, gosto de contar e recordar as "infelizes", pois mostram bem como é variada a vida de pescador. Tudo isso aconteceu de verdade. Infelizmente, Ileh, Iveh e Iceh já deixaram de pescar, mas eu, do alto de meus 91 anos, ainda estou firme e, no sábado passado, peguei sete peixes, tilápias, no pesqueiro de Taiaçu. Tenho provas!

Depois de tanta pescaria familiar, pondo em risco a credibilidade dos Camargo, vou contar outras de que não participamos, mas creio nelas. Ei-las:



A garça e as tilápias

Domingo cedo, eu e o Dudu resolvemos pescar no Pesqueiro do Ricardo, em Santa Branca, SP. São dois lagos grandes, água de mina, pássaros "pescadores" muito mansos, e ... muito mentirosos.

Começamos a pescar, mas só estavam saindo tilápias muito pequenas, do tamanho de lambaris. A cada peixinho que fisgávamos chegava uma garça grande esperando o "petisco". Impressionante a técnica da garça para engolir o peixe: ela o arremessava para cima e o engolia a partir da cabeça.

Nessa posição, não possibilidade de ser machucada pelos

espinhos, que ficam recolhidos.

Bom, passei para o outro lado do lago e pouco tempo depois o Dudu jogou uma tilápia de mais ou menos 400 gramas. A garça tentou engolir o peixe, pescoço alargado umas dez vezes, ficou cambaleante uns dez minutos, mas conseguiu engolir. Logo depois eu vi uma cena inacreditável:

A grande garça pegava migalhas de pão, jogava no lago com o bico e, em posição de sentinela, aguardava a subida dos peixinhos e dava o bote certeiro. Não errava uma.

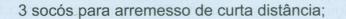


Com a imagem da garça e uma ideia na cabeça, fui falar com Toninho, meu cunhado. conhecido adestrador de cães, e colocamos em prática um plano de treinar a garça com o mesmo método de recompensa praticado no treinamento de cães.

Passamos a treinar a garça para jogar as rações (bolinhas) de pesqueiros e a cada três rações que ela arremessava era premiada com uma ração especial, maior, preparada com farinha de ossos de peixes. Deu certo, em seis meses ela ficou craque no "trabalho", não capturava mais os peixes e registramos a patente.

Hoje, minha "equipe de pesca esportiva" – de alto desempenho:

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 96



- 3 garças pequenas para arremesso de média distância;
- 2 garças grandes para arremesso de média e longa distâncias.

Na retaguarda, eu e Dudu com equipamento de "fly".

- Tá nervoso? Vai pescar!



O difícil está no treinamento do martim-pescador para jogar as bolinhas no meio do lago, mas vamos chegar lá.

A melhor isca!

Pescaria é coisa muito séria, um dos esportes que mais exigem do atleta, pois um pescador, para alcançar o *status* de milagreiro, deve reunir uma longa série de atributos que nenhum outro esportista tem.

O bom pescador deve possuir braços fortes, corpo viril, mente sã, paciência de mestres – mestre em artes marciais, em medita-

ção, em navegação e também, como nós, mestres cervejeiros, alambiqueiros, churrasqueiros e da ilusão (para não falar mentirosos).

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Enfim, há pouco tempo, eu e alguns amigos, grandes mestres, nos reunimos para uma pescaria ali no "Estiva". Alguns foram para exercer a arte maior da pesca, outros com a excelência da cerveja e do churrasco, e um, muito disposto na maestria da ilusão, um contador de "causos" de mérito, com mérito e não demérito.

As fábulas eram das boas, mentirinhas saudáveis, daquelas que unem ainda mais as pessoas, não estragam a amizade e a família, saudável, de caçador e jogador de truco. Assim, depois de pescarmos uma quantidade grande de peixes – suficiente para deixar o lago 6,2 cm abaixo do nível – resolvemos descansar e encostamos

o umbigo na churrasqueira para beliscar uma costela e contar uns "causos" de pescaria e pescador.

Falamos da imensa sucuri que comeu um dentista no Mato Grosso; do tucunaré de 15 kg, que arrastou o bote do mesmo dentista (ainda bem que o mentiroso já foi comido); de pescaria de pirarucu de 300 kg; de jacaré de 2m enrolado na rede; e, para finalizar, o que mais nos espantou foi a história da pirarara (bagrão da bacia amazônica) soltada por um dos compadres:

Ele começou falando das belezas da região onde morava e dos rios de terras vizinhas do Maranhão, onde por muito tempo pescou o bagrão. Na época, o segredo da fisgada era a isca, porém, contando, ninguém vai acreditar no cardápio do incauto peixão.

Segundo ele, não era minhoca, mandioca, massa, filé de peixe, mignon ou macarrão. O compadre jurou que no lugar só se pesca pirarara grande com "potranquinha"! Isso mesmo, de tão voraz e bocudo que o peixe é, por vezes foi fisgado comendo filhote de égua. "Fi duma égua"!

Rimos muito, inventamos lorotas, trocamos o potrinho por filhote de jegue, porém o rapaz insistia que era verdade, e na região todo mundo sabe que isso ocorre. Afirmava que o peixe é carnívoro e, se bobear, engole até gente.

Fim da pescaria. Cada um para sua casa, porém, na cama, não conseguia esquecer a receita, e a dúvida permaneceu em minha cabeça, já que sabia que no pesqueiro existem várias espécies da tal pirarara. Como mestre pescador, eu não poderia aceitar a questão e, acordando cedinho no outro dia, voltei ao pesqueiro para tirar os fatos a limpo. Ao chegar ao local, pedi, sem titubear, três potranquinhas, para fisgar o peixe de 30 kg.

Não vou dizer que deu certo, pois falhei em um detalhe: esqueci de reforçar a linha do meu equipamento, já que até o meiodia só havia fisgado e conseguido tirar da lagoa uma pirarara pequena, enquanto as outras duas iscas foram embora com anzol e tudo, pois a linha não aguentou.

Não é que pega mesmo?!





Piapara eletrizante



Rio Jaguari - Pedreira -SP.

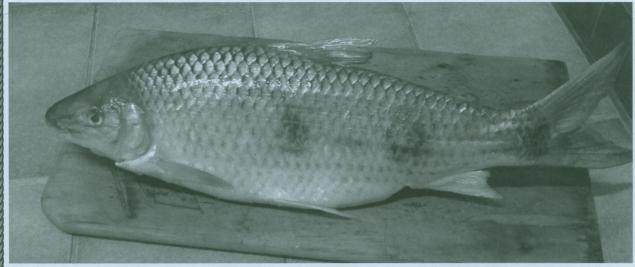
Moro em Pedreira (SP), e na minha cidade passa o Rio Jaguari, famoso outrora pelos grandes dourados que nadavam em suas águas. Antigamente, meu avô e professor de pescaria, Agostinho Gaita, primeiro vendia a rifa do dourado no bar do seu Luizão, para depois pescá-lo e entregá-lo ao seu ganhador, tamanha era a certeza de sua captura.

Felizmente, o rio ainda mantém alguns trechos piscosos, claro que não como antes, mas tem lá seus lambaris, piavas, curimbas, piaparas, e quem começa a dar o ar da graça novamente é o dourado.

Um dos lugares do Jaguari em que mais gosto de pescar fica próximo à usina hidrelétrica Macaco Branco. Assim, num sábado desses, convidei meu amigo Nenê para fisgarmos lambaris, piavas, e piaparas.

Tralha separada, chegamos cedo à barranca do rio e começamos a atividade, apesar do dia chuvoso. Havia adquirido naquela semana uma vara de fibra inteiriça, de ação média, com molinete de quatro rolamentos e linha 0,20mm. Com esse material pretendia arremessos longos e alcançar o atoleiro do outro lado do rio, já que era lá que as piaparas costumavam ficar.

Após os primeiros e certeiros arremessos, notei que a linha de pesca passava bem próxima à linha de transmissão que atravessa por sobre o rio. Porém, num dos arremessos acabei lançando a monofilamento por sobre essa linha, e o anzol e a chumbada acabaram alcançando o rio.



Nesse instante, percebi um clarão igual ao de um relâmpago que veio do fundo do rio. Comecei a recolher rapidamente a linha, e, para minha surpresa e do Nenê, uma linda piapara era içada do rio no anzol número oito, iscado com milho verde. Pasmem, estava saindo fumaça do peixe!

Como a linha de transmissão era descendente ao nosso lado, consegui trazer o bicho como quem recolhe uma roupa de varal de apartamento. Ao reti-

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 99



rá-lo, notei que ele havia sido eletrocutado pela linha molhada, por causa da garoa que ocorria naquela hora e que entrara em contato com a rede de transmissão.



Pedi então para o Cosme, vigia da hidrelétrica, que arrumasse um pouco de sal e limão.

Assim, pudemos imediatamente saborear aquela piapara, cujo sabor nunca havia provado antes.

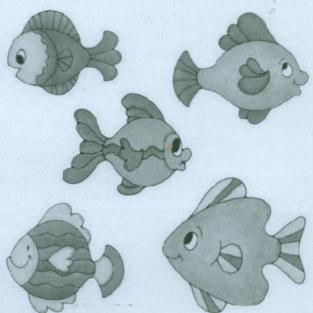
Se vocês duvidam disso, perguntem ao Nenê, que, assim como eu, é um grande e honesto pescador.

Pintado no buraco do tatu

Esse fato se deu em meados de outubro de 2010 e sei que muitos leitores da Pesca & Companhia vão achar que se trata de uma grande lorota, mas, como sempre pesco acompanhado, tenho como provar! Bem, como todos sabem, nessa época do ano chove muito e o Rio Paraná costuma encher bastante, tanto que as águas chegam até a

invadir as ilhas. Naquela ocasião, estava eu e meu companheiro de pesca, um mestiço japonês maluco por pescarias que conheço desde que nasceu, pois se trata de meu filho.

Estávamos apoitados desde cedo, esperando pelas piaparas, mas, já era perto das 14 horas, e nada das danadas. Foi quando tive a feliz ideia de convidar o Tuca para entrar em uma lagoa ali perto nas proximidades do Rio Bahia e tentar capturar alguns tucunarés para salvar a pescaria. Ele aceitou na hora, mas ao chegarmos à entrada da lagoa, devido aos muitos aguapés ali existentes, não conseguimos passar com o barco. Então, resolvemos amarrá-lo no barranco, apanhamos cada um de nós



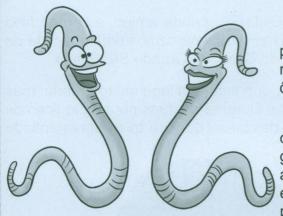
somente uma vara, algumas artificiais matadeiras e lá fomos em direção à lagoa.

No trajeto, andando com bastante dificuldade por causa do lamaçal ainda existente, ouvimos um barulho que vinha da direção de uma enorme figueira; novamente o barulho se repetiu, como se fosse algo se debatendo na água; então aguçamos o ouvido, quando o Tuca falou baixinho: "Pai, acho que é uma capivara", no que eu respondi: "Não, não é não! Deve ser um jacaré". Mas ao nos aproximarmos mais da figueira, cujas raízes estavam à mostra, constatamos tratar-se de um peixe que estava atolado em um buraco de tatu, em meio às raízes, com apenas o rabo de fora, se debatendo. Puxamos o peixe para fora, e, para nossa surpresa, era um pintado de aproximadamente uns 8 quilos. Mas a surpresa não parou aí: ouvimos novamente barulhos idênticos ao redor da figueira, quando o Tuca deu a volta e já gritou para mim: "Pai, cê não acredita, aqui cada buraco tem peixe!".

Resumindo, tivemos que fazer várias viagens para transportar os peixes até o barco. Confesso que, de todas as pescarias que fizemos, essa foi a mais fácil

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

e produtiva, a não ser aquela em que um dourado de 15 quilos saltou, e caiu dentro do barco, mas essa eu conto em outra ocasião. No momento, estamos pensando na próxima enchente.



Quem ri por último...

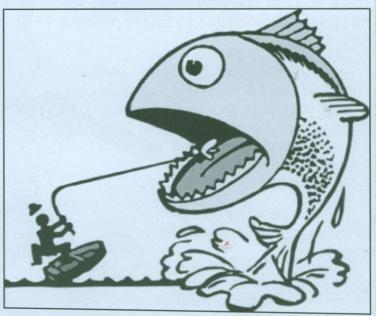
Para relembrar os velhos tempos em que pescava com o meu pai na represa Billings (SP), resolvi pegar a velha estrada de Santos e ir de ônibus até lá com dois amigos, Jorge e Sérgio.

Combinamos o horário e o local e nos encontramos cada um com sua tralha, menos o Sérgio. Ele disse que havia emprestado tudo a um amigo dele e pediu uma vara emprestada. Jorge e eu nos olhamos com um sorrisinho debochado, pois sabíamos que ele estava inventando descul-

pa, por não ter afinidade com o "mato".

Começamos a pescar e, ao olhar para o Sérgio, vimos ele com a lata de minhocas na mão só olhando lá dentro. Perguntamos se ele não tinha coragem de pegá-las e ele respondeu: "Tô acostumado, é que passei um remédio nas mãos e se eu pegar as minhocas vai sair". Mais uns olhares e risinhos e colocamos a minhoca para ele.

Daí a pouco vimos que ele segurava a vara apontando-a para o céu e com a isca somente uns dois dedos para dentro da água. Quando vi aquilo, falei: "Sérgio, assim você não vai pegar nada! Afunda o



anzol!". Com ares de entendido, ele respondeu: "Tô acostumado, meu tio me ensinou a pescar assim e desse jeito é melhor porque eu vejo o peixe pegar a isca".

Foram passando as horas e, enquanto o Jorge e eu já tínhamos pegado mais de uma dúzia. Sérgio sem fisgar nada. Foi quando, de repente, uma das bocudas agarrou no anzol dele. A bicha corria de um lado para o outro e ele, todo atrapalhado. Ao ver seu aperto, ofereci ajuda e ouvi a resposta com certo desespero: "Pode deixar, tô acostumado".



Quando ele percebeu que ela não vinha, catou pelo meio da vara e saiu andando para trás. Nós corremos para ajudar para que não escapasse e quando a pesamos vimos que dava mais de um quilo. Foi a maior gritaria de felicidade.

Sérgio respirava como se tivesse corrido uma maratona e, com um sorriso de vingança nos lábios, nós tivemos que escutá-lo gritando: "Tá vendo, tô acostumado, tô acostumado!"

Pescaria surpresa

Meu nome é Robson, e o que relato a seguir é apenas mais um dos casos que aconteceram comigo em pescarias. Muitos não acreditam, mas tudo é a mais pura verdade.

Eu tenho dois companheiros de pesca, o Gildasio, grande amigo, e o meu filho mais velho, o Gustavo. Estávamos com tempo livre, então marcamos uma pescaria de reconhecimento em alguns pesqueiros da região de Cotia, na Grande São Paulo.

Chegamos bem cedo ao primeiro pesqueiro, que tinha um lago muito grande, mas o curioso é que não víamos ninguém pescar nada. Durante as duas horas que ficamos por lá, não conseguimos nada, só achamos um descanso de vara que estava enfiado na terra.

Como para nós tudo é festa, decidimos ir conhecer outro pesqueiro ali por perto. O novo local também era grande, tinha quatro lagos. Decidimos ficar no segundo lago; alguma coisa me dizia que nele eu teria sorte. Ainda brinquei dizendo que só faltava pescar a vara.

Eu e meu filho preferimos pescar com boia, enquanto o Gildasio quis usar só o chumbo. Beleza; depois de uma meia hora de pescaria o Gildasio sentiu uma fisgada, e foi a maior festa.

Soltei um grito:

_ Eita pescaria boa, hoje ninguém volta de mãos vazias!

Quando o Gildasio começou a puxar a linha, ela enroscou na minha. Chegando mais próximo da margem, percebemos que

tinha uma terceira linha no enrosco. Ainda intrigados começamos a puxar a terceira linha.

Uma baita surpresa tomou conta de nós, quando descobrimos o que tinha na ponta da linha dentro do lago. Lá encontramos uma vara, completa, com molinete, linha e tudo mais.

_ Conseguimos pescar uma vara; incrível! _ gritei a plenos pulmões.

Depois disso, foi a maior festa, nem nos preocupamos mais em pescar algum peixe. Afinal, pra quem pesca até vara e molinete, o que são uns lambaris...

Ganhamos o dia e tivemos uma grande aventura. Um dia conto mais histórias; tem cada uma, como aquela do... Bom, isso fica para as próximas edições.

Remos pra que te quero

A história que contarei a seguir pode até parecer mais um causo de pescador, mas asseguro a vocês que não é, e realmente aconteceu comigo.

A origem de tudo foi a crise econômica que atingia o mundo naquele momento. Trabalhava em uma grande empresa da região onde moro, só que

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

devido à crise essa empresa precisou fazer alguns cortes, e eu acabei perdendo o meu emprego. Mas é como dizem: "Há males que vêm para o bem".

Meu tio que tem um rancho de pesca no interior de São Paulo logo que soube da minha demissão me ligou e combinamos uma pescaria.

Em plena segunda-feira (já que agora tinha uma vida de marajá), arrumamos toda nossa tralha, botamos o barco na carretinha e caímos na estrada. Depois de três horas de viagem chegamos ao nosso destino, com muita pressa descarregamos tudo e nos mandamos para o rio. Segundo os pescadores locais estava dando muitas corvinas e alguns douradinhos naquele dia.



Logo estávamos no meio do rio, fisgando nossos sonhados peixes. Uma, duas, três, quatro corvinas de grande porte já tinham animado nosso fim de tarde, mas foi aí que repentinamente o tempo começou a mudar. Meu tio tentou dar partida no barco e nada do motor responder, tenta de novo, mais uma vez e nada. Sem alternativas teríamos que apelar aos remos.

Foi quando começou o desespero. Com toda euforia e ansiedade que estava para pescar acabei esquecendo de pegar os remos. Pensa daqui, pensa dali, eis que tive uma ideia. Como o rio é muito conhecido por seus grandes mandis arrumei um molinete com uma linha bem grossa e um anzol 12/0. Usei umas três minhocas inteiras como isca e arremessei próximo a um poço que conhecíamos bem. Para minha surpresa não demorou muito para uma grande fisgada. A ponta da vara dobrava quase encontrando na água, e tome linha, briga de cá, briga de lá, e a linha quase no fim.

Depois de todo esse sufoco consegui embarcar o danado do mandi, e não é que ele foi a nossa salvação? De tão grande que o bicho era, usei uma faca e, com grande dificuldade, consegui cortar seus dois ferrões. Pronto, já tínhamos os remos para retornar ao rancho. Nos dias seguintes até nos esquecemos das corvinas e só pensávamos em capturar outros mandis.

E o par de remos, feito com os ferrões, ficou tão perfeito que agora quando vamos pescar só usamos eles.

O socorro de um lusitano

Em um encontro às vésperas de mais uma viagem, o amigo Mirão contou pela milésima vez que, em outra pescaria feita há dois anos no rio Piqueri (MT), fisgou um gigantesco jaú. Porém, depois de 50 minutos de batalha a linha que usava, uma 0,80 mm de boa qualidade, não suportou e quebrou, impedindo que ele visse a cara do bruto. Com entusiasmo, ele dizia estar mais bem preparado e que, no mesmo ponto, embarcaria o bruto. Estava lançado o desafio. Para isso, Mirão contava com a ajuda de um novato parceiro português, o alegre João "da Lusitana", que estava ansioso pela primeira pescaria no Pantanal. Partimos de Jales (SP) e passamos por Cuiabá, Poconé e Porto Cercado. De lá, navegamos em barco-hotel por 114 milhas náuticas. Descemos o rio Cuiabá, subimos o Piqueri, para então chegarmos ao tão esperado pesqueiro.

Levantamos de madrugada e os barcos encontravam-se amarrados em um barranco, onde pescaríamos no profundo poço do Puleiro. Todos se regozijavam com as belas fisgadas e brigas dos valentes jaús, mas ainda nada do gigante.



De repente a profecia do Mirão parecia estar se cumprindo. Com a fisgada, a fricção cantou o hino que os pescadores mais gostam de ouvir e o piloteiro gritava: "É peixe grande, vou soltar o barco!". A adrenalina tomou conta de todos e imediatamente passei minha vara para o piloteiro recolher a linha, enquanto pegava minha filmadora para registrar o delirante reencontro de Mirão e "seu jaú".

No vai e vem do peixão, a linha, que estava esticada ao limite, enroscou em dois anzóis de nossos companheiros, que se tornaram um perigoso obstáculo para o sucesso da captura. Durante a confusão alguém gritou: "Seu João, corte a linha!". Imediatamente Seu João "da Lusitana", super empolgado com o que via, na tentativa de socorrer o companheiro, pegou uma afiada faca e, quase caindo na água, cortou a linha.

Nesse momento, eu procurava enquadrar o barco do Mirão na minha filmadora e quando consegui fiquei impressionado com a cara de espanto que ele fazia, balbuciando triste e lentamente as palavras:

"Ele cortou a minha linha! Ele cortou a minha linha!". Ainda não seria dessa vez. Pobre Mirão.

Promessa é dívida

Há certo tempo, eu e meu colega de pescaria, o padre Jair Ramos, combinamos pescar em um tanque a 10 km de nossa cidade, Piedade (SP), repleto de carpas, tilápias, traíras e outras espécies. Animados, pegamos os equipamentos: vara de bambu, molinete, iscas...

Saí do trabalho e me encontrei com ele para pegarmos a estrada. No caminho, brincando, apostei que só deixaria de pescar se fisgasse um peixe de 9 kg. Conversa vai, conversa vem e logo estávamos cara a cara com o tanque. Na beira d'água, Jair tratou de arrumar toda a sua tralha no lugar em que estava acostumado a lançar isca. Coloquei a minha bem ao lado para aproveitar a claridade do lampião. E a minha aposta estava de pé: pegaria um de 9 kg!

Enquanto o padre estava a postos, eu nem tinha iscado as varas. Quando resolvi sentar e sossegar o Jair já tinha fisgado uma tilápia de bom tamanho. A tarde estava caindo, a fome batendo e eu ainda não tinha pescado um peixe. Paramos para comer e voltamos para a beira d'água já de noite.

Olho de um lado, olho de outro, e nada do meu peixe de 9 kg aparecer. De repente, quando menos esperava, minha linha começou a mexer bem devagar. Puxei o danado com toda a força. Na hora pensei que era uma carpa, mas logo surgiu um bagre daqueles africanos.

Já era noite quando ouvi peixes pulando em frente à minha vara. Falei para o Jair que ali estava o meu peixão. Nem bem terminei a frase, a linha esticou a uma velocidade incrível que quase não consegui segurar.

A adrenalina dominou meu corpo. Exaltado, gritei para o Jair me ajudar e ele, paciente, dizia para eu ficar calmo, Tentava seguir seu conselho, mas não conseguia – também, aquele bicho era tão pesado e puxava a linha com tanta força que qualquer um na minha situação faria o mesmo.

Os puxões iam para lá e para cá, mas nada do peixe aparecer. Após alguns minutos uma enorme carpa se aproximou da parte rasa do tanque e Jair lançou mão do puçá para tentar pegá-la. Foi aí que não senti mais o peso na linha, que num piscar de olhos arrebentou – mas a minha carpona não poderia

escapar! Não pensei duas vezes: pulei na água em cima dela. Agora, a briga seria na raça!

Agarra daqui, escapa de lá e, finalmente, consegui tirar a bela carpa da água. Saí emocionado com o belo exemplar nos braços – e o padre nem acreditava no que via. Corremos para pesá-la e, por incrível que pareça, a balança acusou exatos 9 kg! Pronto, agora sim poderíamos voltar para casa, afinal, lá estava a prova da minha promessa...

Conclusão

Peguei cerca de uma dezena de casos na internet, procurando algumas boas entre as centenas que encontrei. Gostei, espero que os autores gostem também. As minhas eu confirmo. As outras, bem, as outras são dignas de credibilidade, se você conhece algumas, passe-as para frente, refresca a memória e faz bem ao fígado. Espero.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

O Festival do Folclore de Olímpia e a Congada Chapéu de Fitas: recriações tradicionais no cenário contemporâneo

Estêvão Amaro dos Reis Universidade Estadual de Campinas estevaoreis@yahoo.com.br

uitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de pau a pique, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las era necessário apontá-las com o dedo. Todos os anos, pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava a sua tenda perto da aldeia e com um grande alvoroço de apitos e tambores, davam a conhecer os novos inventos.²

"Boa noite, senhor, eu cheguei de longe e avistei essa terra tão boa"³. Com esta saudação, cantada de forma alegre e festiva, acompanhada por instrumentos como a sanfona, pandeiros, tambores e triângulo, o folguedo tradicional *Guerreiros de Alagoas*⁴ inicia sua apresentação no palco do Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo (FEFOL). À sua volta, nas arquibancadas ou de pé em frente ao palco do anfiteatro, o público presente canta e dança alegremente respondendo em coro às suas músicas. Nas grandes barracas situadas ao redor e nas tantas outras espalhadas pelos quatro cantos do *Recinto do Folclore*⁵ o burburinho é constante. Em seu interior famílias inteiras conversam e festejam, divertindo-se com o jogo do bingo, tudo isso regado a bebidas e comidas típicas de quase todas as regiões do país.

Artigo elaborado a partir de trabalhos apresentados no X Congresso da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular (IASPM-AL) e no XXII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa em Música (ANP-POM) e é parte da pesquisa de Mestrado desenvolvida pelo autor junto ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Gabriel Garcia Marquez, em Cien años de soledad (2007, p. 9) Tradução nossa.

^{3 •} Trecho de canção do folguedo natalino Guerreiros de Alagoas.

Guerreiros – Auto popular do estado de Alagoas, pertencente ao ciclo do reisado. Usam chapéus imitando tedrais com espelhos e utilizam como instrumentos tambores, sanfonas, triângulo e pandeiros. (Cascudo 2001: 268).

Praça de Atividades Folclóricas Prefeito Wilson Zangilorami, posteriormente rebatizado Praça de Atividades Folclóricas Professor José Sant'anna, local onde hoje se realiza o Festival do Folclore de Olím pia. Nos dias de hoje, a população da cidade ainda se refere a este local como Recinto do Folclore.

É assim com os Guerreiros de Alagoas e com os mais de setenta gru pos folclóricos e parafolclóricos⁶ que anualmente se apresentam no Festival de Olímpia. Nos palcos do Recinto do Folclore e pelas ruas da cidade de Olímpia os grupos cantam e dançam ao som de seus apitos e tambores, contagiando a todos em seu caminho com um cortejo colorido e alegre. À semelhança dos ciganos de Melquíades que todos os anos desembarcavam em Macondo, aportam em Olímpia Catireiros, Folias de Reis, Congos e Moçambiques, Boi Bumbá, Bumba meu Boi, Fandangos, Maracatus, Bacamarteiros, Taieiras, Parafusos, Pastoris e Reisados para participar de seu Festival.

Dentre os inúmeros eventos denominados Festivais de Folclore e Encontros de Cultura Popular espalhados pelo país, podemos citar, além do Festival do Folclore de Olímpia, o Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe); o



Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo (Rio Grande do Sul); o Festival de Folclore de Blumenau (Santa Catarina); o Festival de Folclore de Toledo (Paraná); o Festival Internacional de Folclore de Anápolis (Goiás); A Festa de Agosto e o Festival Internacional de Folclore de Montes Claros (Minas Gerais); o FESTIVALE no Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais). Estes eventos possuem como característica comum o fato de reunirem em seu espaço⁷ grupos folclóricos para performances de música e dança.

Os festivais de folclore e os encontros de cultura tradicional têm representado um tipo de evento de caráter emblemático. Influenciados⁸ pelas primeiras pesquisas realizadas por folcloristas, nascem com o objetivo de salvaguardar as manifestações folclóricas que, de acordo com a visão destes pesquisadores, estariam em vias de extinção.

Glaura Lucas (2002) assinala que estas primeiras pesquisas eram de natureza essencialmente descritiva e que mesmo reconhecendo sua importância no que concerne ao levantamento de dados, à documentação e valorização pouco contribuíram "para compreensão do contexto sociocultural que as abriga e da concepção de mundo daqueles que as produzem."

> Uma das finalidades desses estudos era o aproveitamento do material coletado e documentado para futura reelaboração por artistas eruditos. Na medida em que o que motivou alguns desses primeiros estudos era uma busca pela construção de uma identidade nacional, brasileira, o "objeto folclórico" tornava-se o foco principal de atenção, em detrimento de seus produtores e toda a diversidade sociocultural que o conforma e determina. (Reily 1990 citado por Lucas 2002: 38-39).

No contexto do Festival do Folclore de Olímpia, os grupos parafolclóricos ou de projeção folclórica são compreendidos da seguinte maneira: tem nos grupos folclóricos uma fonte de inspiração e pesquisa e utilizam para a criação dos seus trabalhos artísticos os ritmos, os trajes e os passos de dança das manifestações folclóricas brasileiras.

Na definição de Milton Santos (1994, p. 41) espaço como "o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos"

Não negligenciando que a influência é bilateral, ou seja, que toda influência é uma via de mão dupla onde o que influencia é também influenciado. No contato entre as dinâmicas culturais é que as transformações se fazem perceptíveis.



Segundo Lucas (2002), a perspectiva desse tipo de estudo impregnou o termo "folclore" de uma conotação pejorativa, o que o fez ser evitado e questionado por alguns pesquisadores. Entretanto, no que se refere ao Festival do Folclore de Olímpia, constatamos que a utilização do termo folclore prevalece em relação à cultura popular. O festival é do folclore; os grupos participantes

se denominam grupos folclóricos; e os organizadores, os moradores da cidade, os visitantes e todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente se referem ao FEFOL no mesmo termo: folclórico. Por conseguinte, optamos pela utilização deste termo no contexto de nossa pesquisa e longe de considerá-lo impregnado de conotações pejorativas, outorgadas a ele por algumas linhas de pensamento, trata-se aqui de pensar este termo como uma forma legítima de apresentar um saber tradicional.

Vejamos o que diz a autora a respeito da natureza dos eventos originados a partir destas primeiras pesquisas.

Esse tipo de enfoque dispensado às tradições populares nas pesquisas será o mesmo que inspirará certos eventos de natureza "folclórica" promovidos pelos mecanismos oficiais de ação cultural, em que se observa normalmente uma descontextualização, um desvirtuamento de objetivos e uma descaracterização das funções básicas das manifestações tradicionais. (Lucas 2002, p. 39).

Essa linha de pensamento, sintetizado na citação acima, influenciou parte dos estudos relacionados às manifestações tradicionais brasileiras. Festivais de Folclore e Encontros de Cultura Popular normalmente são vistos como espaços de desvirtuamento das tradições, onde os saberes tradicionais seriam usurpados dos seus herdeiros legítimos, de modo que, desconfigurados e "espetacularizados" (Carvalho, 2004) seriam apresentados na forma de puro entretenimento.

Estamos cientes de que alguns eventos se orientam segundo essa lógica e conscientes da necessidade de considerar uma certa dimensão do poder e tudo o que ela implica em termos de abuso e opressão pelas quais passaram as comunidades detentoras destes saberes tradicionais, qualquer que seja a análise empreendida. Ainda assim, acreditamos não ser possível uma total submissão destes setores subalternos frente ao poder hegemônico.

O conceito de subalternidade a que nos referimos é assinalado por Marcela Caetano Popoff (2009).

Aquele que, "compreende a impossibilidade de alguns grupos de ter sua própria voz, isto é, de manifestar seu próprio universo cultural e legitimá-lo no contexto da diversidade: o "subalterno" como sujeito condenado ao silêncio e à invisibilidade por parte dos grupos "hegemônicos"." (Popoff, 2009, p 9).



Para Popoff (2009) é necessário relativizar o conceito de subalternidade, considerando que as instâncias do poder hegemônico e do poder subalterno (identi-

ficando o poder subalterno também como uma forma de poder) estão cientes, em maior ou menor grau,

de que esta condição é transitória. Isto implica que as duas instâncias de poder – o hegemônico e o subalterno – estejam em constante negociação.

O que está em jogo é o equilíbrio e a manutenção da ordem estabelecida. "Não é uma única ordem que é ameaçada, são duas ordens paralelas que, na trégua,

apenas mantêm um vulnerável e tácito contrato de uma pacificação ainda mais vulnerável" (Popoff, 2009, p. 4). E ainda, como salienta Nestor Garcia Canclini (2003), a "negociação" sempre foi uma estratégia muito importante utilizada pelos setores subalternos e na América Latina isso ainda ocorre constantemente, pois a modernidade (poder hegemônico) e os setores "populares" (poder subalterno) convivem lado a lado.

Neste sentido, entendemos que os Festivais de Folclore e os Encontros de Cultura Popular não podem ser vistos como locais destinados apenas ao entretenimento. No caso específico do Festival do Folclore de Olímpia, pudemos observar que o seu espaço funciona como um espaço de "negociação", um espaço catalisador das manifestações



folclóricas inseridas em seu contexto, fortalecendo-as e, em alguns casos, promovendo o seu "renascimento", como veremos na análise empreendida a seguir.

⁹ Para saber mais acerca da representação das relações de poder e o conceito de subalternidade ver: Popoff, em "As perversões ficcionais da representação: de Vaimaca Perú a Antônio Conselheiro." (2009).

Michel de Certeau ao referir-se a ação dos setores subalternos em relação aos setores hegemônicos denomina estas ações como táticas desviacionistas, fazendo uma clara distinção entre estratégias e táticas. As estratégias seriam empregadas pelos setores hegemônicos visando o controle dos setores subalternos e por sua vez, os setores subalternos se valeriam de táticas para driblar estas estratégias impostas de dominação. "[...] a tática é a arte do fraco". "[...] a tática é determinada pela *ausência de poder* assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder Astáticas são "[...] gestos hábeis do "fraco" na ordem estabelecida pelo "forte" [...]". CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.* Tradução Ephraim Ferreira Alves. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 101 e 104.

O grupo folclórico Terno¹¹ de Congada Chapéu de Fitas foi fundado em 1974 na cidade de Olímpia (São Paulo), por José Ferreira. Com quarenta anos de existência, completados em 2014, o grupo participa do FEFOL desde a sua fundação. A Congada Chapéu de Fitas possui uma característica bastante peculiar, que a liga de maneira intrínseca ao FEFOL: incentivado por José Sant´anna¹², o Terno de Congada Chapéu de Fitas deve o seu nascimento ao Festival do Folclore de Olímpia.



José Ferreira, natural de Lagoa da Prata, Minas Gerais, transferiu-se para Olímpia juntamente com a sua família no início dos anos de 1970. Pertencente a uma tradicional família de *congadeiros*¹³, Ferreira carrega consigo as tradições de sua família, mas não o Terno de Congo propriamente dito. Passa pelo Estado de Goiás e pela cidade de Uberaba antes de chegar a Olímpia, onde encontra as condições necessárias para dar continuidade às tradições herdadas de seus antepassados. Em Olímpia ocorre o encontro entre o Capitão Ferreira e o professor José Sant'anna e das conversas originadas a partir deste primeiro encontro, é criado o Terno de Congada Chapéu de Fitas, "resgatando" assim, o que o Capitão Ferreira testemunhara ainda criança em Minas Gerais.

Apesar de toda a tradição da sua família nos assuntos do Congado, o Capitão Ferreira chega a Olímpia sem o seu Terno de Congo, mas não completamente desvinculado das suas tradições. Traz consigo uma Companhia de Santos Réis formada por seus familiares, o que posteriormente motivou o seu encontro com o professor Sant´anna.

O Capitão Ferreira nos relata como se deu este primeiro contato, cujo desdobramento propiciou a criação do Terno de Congada Chapéu de Fitas. Nesse momento (1974), o FEFOL já se encontrava em sua décima edição.

Esse encontro foi através da Companhia de Santos Reis, que foi feita em promessa por motivo de doença, né? E quando eu vim pra mogiana, eu vim de Goiás já trazendo esse compremisso [sic] com Santos Reis. [...] depois calhou de mudar pra cá pra região de Olímpia. E mudando pra cá, a minha facilidade pra formar a Companhia foi maior aqui, aí nós criamos a Companhia, criamos essa Companhia e dois anos depois que nóis tinha criado a Companhia aqui, o Sant'anna me procurou pra cadastrar a Companhia na prefeitura e assim aconteceu. (JOSÉ FERREIRA, 2011).

¹¹ Ternos, como também são chamados os grupos de Congados.

José Sant'anna ou professor Sant'anna como ficou conhecido, nasceu no distrito de Ribeiro dos Santos em oito de julho de 1937 e faleceu em oito de janeiro de 1999. Foi um dos criadores e o responsável pelo desenvolvimento e consolidação do FEFOL. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, professor de português, pesquisador e folclorista criou o Departamento de Folclore de Olímpia e tornou-se membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore.

¹³ Congadeiros, como são chamados os integrantes do Congado.

Após esse primeiro encontro Sant´anna passa a observar a Companhia de Reis do Capitão Ferreira e a relação entre eles se estreita.

> E ele [Sant'anna], foi observando a nossa Companhia, ele fez uma pesquisa a meu respeito [...] Mas ele tentou em 1973, criar um grupo folclórico, eu lembro que ele precisava e não tinha esse grupo folclórico. Olímpia só fazia festa com os grupos que vinham de fora, de outra região do Estado de São Paulo, né? E de... do Estado de Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão, esse povo, né? Ceará, Bahia, esses grupos que vinham de lá, e ele [Sant'anna], queria um grupo autêntico. [grifo nosso] E ele queria um grupo autêntico pra.. dizer que era de Olímpia. (JOSÉ FERREIRA, 2011).

Deteremos-nos por um momento neste ponto, mais precisamente nesta frase do Capitão Ferreira, "ele queria um grupo autêntico". Vimos que Ferreira pertence a uma tradicional família de congadeiros de Minas Gerais e que após a sua transferência de Lagoa da Prata para a cidade de Olímpia, apesar de toda a tra-



dição congadeira da sua família, ele não consegue exteriorizá-la, mais especificamente, na forma de um Terno de Congo; "mesmo a gente sendo do Reinado, que dançava lá em Minas, depois mudou pro Estado de São Paulo, eu não deixei de ser congadeiro, eu distanciei dos congadeiros." (FERREIRA, 2011).

Desse modo, a tradição herdada de seus antepassados e que o acompanhou durante todo o processo de deslocamento de Minas Gerais, passando por Goiás, até chegar à cidade de Olímpia, permanece adormecida no novo local. É só a partir do seu encontro com o professor Sant'anna que se criam as condições para o surgimento de um grupo folclórico, cujas tradições se encontram ligadas ao Capitão Ferreira de maneira ancestral, como nos relatou posteriormente João Ferreira, filho de José Ferreira e atual Capitão da Congada Chapéu de Fitas, ao se referir à ancestralidade das Festas de Congado.

> Tem uma tradição secular aí, uma história de resistência, que muita gente... não conhece [...] a Festa do Reinado e a Festa do Congado é uma festa tradicional, característica pros grupos, onde reúne o pessoal ali, antigamente o pessoal dançava quinze dias direto, né? Hoje o Reinado tá em quatro dias, fora as novenas que tem de preparação, são as coisas que tem, né? Mais é... tem regiões ainda que ele permanece quase inalterado. (JOÃO FERREIRA, 2011).

Analisaremos este caso sob a perspectiva do conceito de "tradição inventada" discutida por Hobsbawm & Ranger (1997, p. 9), segundo o qual, "muitas das práticas que a primeira vista podem ser consideradas práticas tradicionalíssimas e ligadas a um passado imemorial, ao serem olhadas mais de perto, indicam que se trata na realidade de uma "tradição inventada".

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 111

De acordo com o autor,

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 1997, p. 9).



Nos chama a atenção o fato de o professor Sant'anna ter procurado o Capitão Ferreira para propor a criação do grupo somente após a constatação de que se tratava de uma família com vínculos diretos com a tradição do Congado. O relato, "ele [Sant'anna] queria um grupo autêntico", demonstra claramente a intenção de vinculação à um passado histórico, algo que pudesse dar maior sustentação a "invenção", e estivesse de acordo com os propósitos do Festival. O que Sant'anna buscava naquele momento, não era um grupo que apresentasse as manifestações do *Congado* e sim um grupo que representasse de maneira legítima essa tradição por estar diretamente ligada à ela. Os pontos comuns entre os dois interesses, de um lado Sant'anna buscando um grupo "autêntico" para representar Olímpia no FEFOL, e do outro o Capitão Ferreira buscando "resgatar" a tradição da sua família, convergiram e possibilitaram a criação, a "invenção" da Congada Chapéu de Fitas.

Ele trouxe um moço de São Sebastião do Paraíso, um menino bão, estudioso, jovem, muito educado, pra formar esse grupo, mas ela já tinha plano na mente dele, né? E acabou que não coincidiu as coisas, o que o Paulo queria e que o Sant'anna queria, ele pelejou mas não deu conta de fazer o grupo naquele ano, aí foi quando ele me procurou pra nóis podê fazê esse grupo. Aí ele me procurou, ficou sentado aqui nós conversamos, ele me ofereceu as vantagens pra formação do grupo, somente pra formação e eu alembrei que meu pai, que era Capitão de Congo lá em Minas Gerais, eu sempre escutava ele falá com minha mãe, às vezes escondidin da gente sabe? Que tinha fé de um dia ter o *Corte* dele, que ele comandou *Corte* de tanta gente e o dele, ele não conseguiu. (JOSÉ FERREIRA, 2011).



Ou seja, tanto neste caso, como em todo o processo de criação do FEFOL¹⁴, a "invenção da tradição" acontece a partir de uma tradição pré-existente que por vários motivos se encontrava enfraquecida. (HOBSBAWM & RANGER, 1997).

E o professor me fazer essas condições, eu alembrei disso, aí eu fui lá na cozinha e conversei com a minha mulher, ela falou: não, to aqui pra te ajudar, vamô fazê. E vim.. sentamo e conversamo, e fomo cuidá de cria esse grupo. É... essa conversa nossa, a última conversa nossa foi no dia dez de maio, quando foi... dia cinco de junho, nóis demo o primeiro ensaio aqui nessa casa, demo o primeiro ensaio... e foi o nascimento dessa Congada ali. E... nove de agosto de 1974, nóis fizemos a abertura do décimo Festival do Folclore, com nove componentes já prontos, como se fosse dançado de muitos anos, e daí pra cá nóis vem tocando. (JOSÉ FERREIRA, 2011).

De acordo com Hobsbawm & Ranger (1997), a "tradição inventada" pode surgir da ruptura com a "velha" tradição, quando uma sociedade transforma-se rapidamente debilitando ou destruindo os padrões sociais para os quais foram feitas e produz novos padrões para os quais essas "tradições" são incompatíveis. Na busca pelo preenchimento do vácuo existente, "inventam-se" novas tradições. Neste sentido, o Festival do Folclore de Olímpia, na figura do seu criador, o professor José Sant´anna, propicia as condições para a criação, para a "invenção" da Congada Chapéu de Fitas; um grupo folclórico "autêntico", nas palavras do seu Capitão.

[...] então quando foi em 74 com essa aproximação dele [Sant'anna], me deu condições de retomá, a minha origem de *congadeiro*, ele influenciou sim, sem dúvida nenhuma. Influenciou e foi um grande companheiro, nos anos que ele viveu, né? Pórque.. ele tinha um orgulho medonho por esse grupo. (JOSÉ FERREIRA, 2011).

A influência¹⁵ direta do FEFOL possibilita o "renascimento" das tradições familiares do Capitão Ferreira que, a partir de então e em um novo contexto, continuam a serem transmitidas de geração a geração.

Este fato fica evidente na fala de João Ferreira, filho de José Ferreira e atual Capitão da Congada Chapéu de Fitas. Ao se referir ao seu grupo o Capitão João Ferreira procura evidenciar que o Congado é uma instituição muito antiga, uma tradição ancestral que desde muitos anos vem sendo transmitida de pai para filho. Para as novas gerações da família Ferreira, a tradição do Congado sempre esteve presente em suas vidas e o que fazem é manter viva esta tradição, transmitindo-a as futuras gerações. Seguem os passos dos seus antepassados, porém, sem se preocupar se em algum momento da sua história, influenciados pelo Festival do Folclore de Olímpia – um festival urbano de folclore – houve a necessidade da "invenção" das suas tradições.

¹⁴ Cf. REIS, Estêvão Amaro dos. *O Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo: uma festa imodesta*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, UNICAMP. Campinas, 2012.

Não negligenciando que a influência é bilateral, ou seja, que toda influência é uma via de mão dupla onde o que influencia é também influenciado. No contato entre as dinâmicas culturais é que as transformações se fazem perceptíveis.

Ainda assim, a imagem do FEFOL e do professor Sant'anna permanecer intrinsecamente ligadas a história do grupo.

> Eu costumo dizer que o professor Sant'anna fazia com que as pessoas gostassem, porque ele fazia com que.. ele tinha a preocupação de fazê as pessoas entendê o que era aquilo, o significado daquilo, mostrá aquilo, entendeu? (JOÃO FERREIRA, 2011).



Figura 1. Terceira geração da Congada Chapéu de Fitas no palco do FEFOL. Fonte: Luís Fernando Rabatone [200-].

Atualmente, na Congada Chapéu de Fitas convivem três gerações da família Ferreira, e há treze anos o grupo realiza sua Festa em honra ao Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

A Festa da Congada Chapéu de Fitas, realizada no mês de maio, é um exemplo de como o FEFOL tem influenciado os grupos que dele participam, mediante um processo de hibridação. Para Néstor Garcia Canclini (2010), os processos de hibridação são,

[...] processos sócio culturais em que estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Esclarecendo que por sua vez as estruturas chamadas de discretas foram resultado de hibridações, e por este motivo não podem ser consideradas fontes puras." (CANCLINI, 2010, p. 14).

Canclini, (2010, p. 16) faz o seguinte questionamento: "Como a hibridação funde as estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas ou práticas?" E responde: "às vezes isto ocorre de maneira não planejada, ou é o resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas, frequentemente, a hibridação surge da criatividade individual e coletiva [...]."

Desse modo, o encontro do Capitão Ferreira com o FEFOL, aqui representado pela figura do professor Sant'anna, propicia as condições necessárias para que ocorra o processo de hibridação, "fundindo" a estrutura do FEFOL com as práticas culturais do Capitão Ferreira. Como resultado deste processo, Sant'anna "encontra" o grupo "autêntico" que procurava para o FEFOL e Ferreira logra "resgatar" as suas tradições. Valendo-se de estratégias de reconversão simbólica (Canclini, 2010), o Capitão Ferreira adapta os saberes tradicionais de sua família de congadeiros e o seu Terno de Congo "renasce", transformado pelo processo de hibridação ocorrido no novo contexto.

As Festas em Honra a Nossa Senhora do Rosário representam o ponto máximo de devoção para as guardas de Congo e Moçambique, pois é no momento da Festa que os congadeiros renovam sua fé no Reinado do Rosário. 16 Durante a Festa ocorrem os ritos, restaurando o tempo mítico para que o mito seja constantemente reatualizado. Sendo assim, dado a importância da Festa do Reinado do Rosário para os congadeiros.

Para saber mais sobre as origens das Festas de Congado, ver: Lucas, em Os Sons do Rosário, O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá. (2002).

é importante notar que a Congada Chapéu de Fitas, um grupo com quarenta anos de existência, somente há treze anos realize a sua Festa.

Quando perguntado sobre como e em quais circunstâncias tem início a Festa da Congada Chapéu de Fitas, o Capitão José Ferreira diz: "Ah, essa ideia eu já tinha ela na cabeça, só faltava amadurecer e ter oportunidade. Isso era antigo. É, então, eu achava falho, na segurança da fé do Reinado em si, a gente resolveu em 2000, criar essa festa."

[...]. (JOSÉ FERREIRA, 2011).¹⁷

A nosso ver, não é mera coincidência que a Festa da Congada Chapéu de Fitas se inicie exatamente um ano após a morte do professor José Sant'anna. O Capitão José Ferreira talvez acreditasse que a Fé no Reinado do Rosário estivesse ameaçada, a partir do momento em que se perde a pessoa que, através do FEFOL,



foi responsável por proporcionar à ele e ao grupo as condições necessárias para que a retomada das suas tradições de *congadeiro* fosse possível em um novo local, num contexto sócio cultural distinto.

Neste caso, após a "invenção da tradição" da Congada Chapéu de Fitas em Olímpia, novas tradições continuam a serem "inventadas" em relação ao próprio grupo, no intuito de fazer com que o que foi conquistado perdure e não se perca uma vez mais.

Ao proporcionar um espaço para que estes grupos folclóricos se expressem, onde dinâmicas culturais se encontram, e observando outros grupos semelhantes e sendo observados, por estes e pelo público, o FEFOL, valoriza estas manifestações tradicionais; tal valorização é percebida e experimentada por estes grupos, se estendendo para além das fronteiras do Festival.

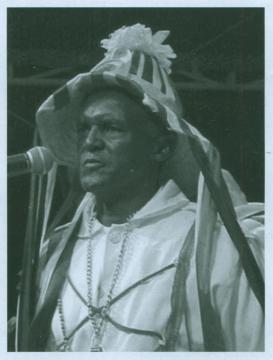


Figura 2. Capitão José Ferreira da Congada Chapéu de Fitas. Fonte: Luís Fernando Rabatone [200-].



CARVALHO, José Jorge. *Metamorfoses das Tradições Performáticas Afro-Brasileiras:* de Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento. In: Celebrações e Saberes da Cultura Popular. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN, Série Encontros e Estudos, 2004, p. 65-83.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad.* – 1ª ed. 3ª reimp. – Buenos Aires, Paidós, 2010.

HOBSBAWM; E. RANGER, T. *A invenção das Tradições*. Traduzido por Celina Cardim. 3ª ed. Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

POPOFF, M. L. C. As perversões ficcionais da representação: De Vaimaca Peru a Antonio Conselheiro. 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRAVASSOS, Elizabeth. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular in TEIXEIRA, J. G. J. C. (Org.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização.* Brasília: ICS – UnB, 2004.

Entrevistas

FERREIRA, João. Entrevista de Estêvão Amaro dos Reis em 16 de maio de 2011. Olímpia. Mp3. Casa do Capitão José Ferreira.

*

FERREIRA, José. Entrevista de Estêvão Amaro dos Reis em 16 de maio de 2011. Olímpia. Mp3. Casa do Capitão José Ferreira.



história urbana mostra que as transformações de ordem econômica e social se seguem à adequação das estruturas, das formas e das imagens das cidades.

Depois do processo de industrialização, as cidades transformaram-se radicalmente, adequando-se à sua nova condição de centro de produção material.

Atualmente, na economia "pós-revolução industrial", novas transformações estão em curso e a produção não-material as obriga, mais uma vez, a se "reinventarem".

Na cidade industrial, a necessidade era a de enfrentar os novos desafios, sempre buscando prever, direcionar e controlar as mudanças que fizeram surgir e desenvolver o urbanismo e o planejamento urbano.

Na cidade pós-industrial, as formas de intervenção vêm se difundindo, através de novos planos estratégicos e de projetos urbanos de culturalização.

No primeiro momento, visava-se à adequação da cidade à produção material; no segundo, à produção imaterial, ou seja, de bens não materiais correntes: serviços, informações, símbolos, valores estética, além de conhecimento e tecnologia.

Economicamente para a cidade industrial, o que importava era a proximidade com fontes de matérias primas e de energia, a disponibilidade de capital e de força de trabalho e principalmente de mercado.

Já para a nova economia, economia que deixa de ser "informacional" para se tornar "cultural", a "cultura como a sua nova mola propulsora" faz com que as exigências seiam radicalmente diferentes.

A utilização da cultura como instrumento de desenvolvimento revitalização urbana faz parte de um processo bem mais amplo que a mera utilização da cultura como instrumento de desenvolvimento econômico.

Para a sociedade, consideramse adequadas as áreas urbanas que disponham de bons meios de transporte,

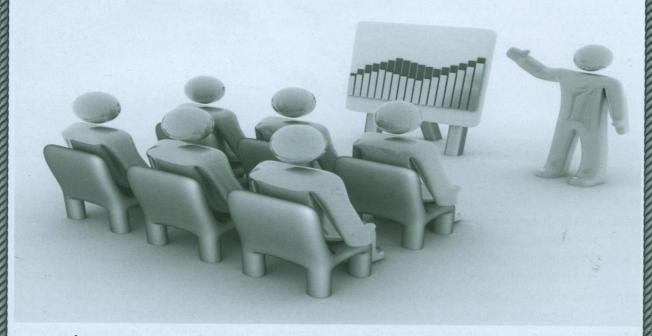
de comunicação, que apresentem nível excelente de qualidade de vida e um alto nível de oferta cultural e educacional. Estas qualidades são decorrentes, entre outras coisas, da busca por melhores condições, atração de novos capitais,



de investimentos, de empresas, de moradores, e, principalmente, de turistas. O atendimento a estas necessidades trará às cidades uma grande possibilidade de se tornarem administrativamente sustentáveis.

Neste processo de renovação, algumas zonas urbanas são mais privilegiadas, por já possuírem no seu espaço urbano um acervo que pode ser utilizado, tais como prédios históricos, sítios arqueológicos, antigas instalações ferroviárias etc..

As novas transformações do espaço urbano buscam reverter os efeitos danosos da economia pós-fordista e, assim, adequar o seu planejamento e a sua administração a este novo instrumento de desenvolvimento econômico.



As novas zonas de intervenção devem oferecer condições para a produção e o consumo cultural, visando ao turismo de uma maneira geral. Devem ainda atender às condições de desenvolvimento da economia simbólica, no sentido da produção de espaços e de significados culturais na cidade.

As transformações espaciais não serão consideradas somente nas suas dimensões físico, territorial e ambiental, mas devem envolver, em grau crescente, as ponderações de ordem simbólica, pois o lugar, a imagem, a identidade, e elementos profundamente ancorados na cultura local se tornam fundamentais ao processo de culturalização.

O mundo globalizado, onde a modernização gerou a estandardização e a homogeneidade, muitas cidades, neste momento, tiveram as suas identidades diluídas.

Desta forma, somente com a diferenciação através da pujança da identidade local se poderá levá-las a um lugar de destaque. Portanto, torna-se um trunfo essencial a identidade fortemente ancorada na imagem e na cultura local.

Neste sentido considera-se que é principalmente através da cultura que as cidades poderão se individualizar, acentuar suas identidades e marcar e manter o seu lugar no panorama nacional e até internacional.

A importância da economia cultural para a cidade envolve, destarte, aspectos diferentes e entrelaçados, em que se destacam a indústria cultural, a indústria do turismo e a economia simbólica.



Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 118



esde as últimas décadas do século passado temos nos empenhado com dedicação e entusiasmo recolhendo os étimos, ora expostos. A paciência e a persistência beneditinas foram as irmãs indispensáveis para atingir a meta proposta. Não é demais lembrar que não existe censura na conversa do nosso povo, porém muitas pessoas respeitam certos ambientes e ocasiões, mantendo-se fiéis à tradição.



A ferro e fogo - Radical.

A passo de boi - Devagar.

Abacaxi - Algo difícil, ruim. 2 - Problema.

Abafar - Furtar.

Abajur - Chapéu.

Abambado - Cansado

Abana-moscas - Preguiçoso.

Abananado – Apalermado.

Abarcar o mundo com as pernas -

Querer fazer tudo ao mesmo tempo.

Abatinado – Bolo de pão que, por falta de fermento, não cresceu.

Abelhudo – Curioso, atrevido, indiscreto.

Abisolado - Aborrecido.

Abre Caminho - Dinheiro.

Abrideira – A primeira dose de uma bebida alcoólica, geralmente como aperitivo.

Abrir a gaivota - Sumir.

Abrir a porteira para a manada passar

Deixar que passem todos em uma prova.

Abrir a tesoura – Fugir.

Abrir o bico - Confessar.

Abrir o compasso – Abrir as pernas.

Aca – Pinga de paladar ruim.

Acaculado - Repleto, transbordante, muito cheio.

Acafrão - Pessoa com amarelão.

Ação entre amigos - Rifa.

Achacador - Quem vive tomando dinheiro emprestado e não pagando.

Achar o prato feito - Nascer com sorte.

Aco – Arma Branca.

Açougue – Bordel.

Adeus, Lourenço! - Perda de esperanças.

Afanar – Furtar.

Afanar o mundo - Roubar valores de igreias.

Agente do Crime – Autor ou cúmplice do delito.

Agente secreto - Espião.

Agrado - Propina.

Água na Fervura - Ação que acalma a excitação.

Água que passarinho não bebe - Pinga. Água-morna – Pessoa fraca, molenga.

Água-suja – Desordem, discussão.

Alhada - Encrenca.

Alho - Velhaco.

Alhos e bugalhos – Confusão.

Alinhavar – Assassinar, esfaquear. Almoço de assobio – Refeição que

consta de café leite, pão e manteiga.

Amarra-cachorro – Empregado circense de nível inferior.

Amarrar a cara – Amuar, ficar amuado.

Amarrar a gata – Embriagar-se.

Amarrar o burro à vontade do dono -

Cumprir uma ordem tacitamente.

Ameixa - Bala de revólver.

Amigo da Onça – Amigo Falso.

Amigo Urso – Amigo fingido.

Amoitar - Esconder.

Amolecer - Subornar.

Andadora - Bicicleta.

Andar de mala às costas – Estar sem dinheiro.

Andar feito caramujo, com a casa às costas – Mudar-se de residência, frequentemente.

Andar na gandaia – Vadiar, vagabundear.

Andar na rabada - Ser o último.

Angola – Mulher que tem muitas sardas no rosto.

Angorá - Moça atrativa.

Angu - Assunto complicado.

Angu-de-caroço – Confusão.

Anguzeiro - Comilão, glutão.

Aninha - Pinga.

Anjinho - Criança.

Apalarmado - Palerma.

Apanhar moscas - Perder o tempo com futilidades.

Aparta-barulho – Cigarro de fumo de corda forte.

Apitado - Sem dinheiro.

Aporé – Cafetão, intermediário em transações ilícitas, não apenas sexuais.

Arame - Dinheiro.

Aramudo - Endinheirado.

Aranim - Prostituta.

Arapiraca - Pênis.

Arapuca – Local destinado a negócios ilícitos.

Arca de Noé - Casa de Penhores.

Arco da Velha - Arco-íris.

Areias gordas - Cemitério.

Argentina - Prostituta.

Argola – Algema. 2 – Aliança.

3– Anus.

Argola de laço – Bruto.

Arigó – Indivíduo

rústico.

Arma de São Francisco – Gesto de indignação chamado "banana".

Armazém de pancadas – Pessoa que apanha muito.

Arrancar cipó - Fugir para o mato.

Arranca-rabo – Desentendimento, tumulto.

Arranjar um par de botas - Entrar em dificuldades.

Arrasta-pé - Baile Popular.

Arriscar a pele - Expor-se ao perigo.

Arroz de festa – Indivíduo que, mesmo sem convite, comparece às mais diferentes festas.

Arroz doce de função – Idem

Artista – Quem vive bem.

As-de-copas – Nádegas.

Assembleia – Grupo de viciados fumando maconha.

Autópsia - Furtar bêbado.

Azaranzado – Perturbado, desorientado.

Azeiteira - Namoradeira, cafetina.

Azeiteiro – Gigolô, rufião, que vive à custa de mulheres.

Azular - Fugir.

Azulegada(o) – Pessoa que tem os olhos azulados.



Baba-de-moça – Doce preparado com ovos e coco.

Babau - Algo perdido.

Bacalhau – Pessoa magra demais.

Bacana - Elegante.

Bacia das Almas - Muito barato.

Bacular - Adular.

Bacuri - Leitão.

Bafafá – Bate-boca, discussão.

Bagarotes - Dinheiro.

Baiacu - Gordo.

Baião-de-dois – Iguaria de origem nordestina, preparada com arroz, feijão e toicinho cozidos juntos. É comum ser encontrado em nosso meio.

Baiola - Pederasta.

Baiúca - Antro.

Balacubaco – Apreciador de orgias

Baleia - Pessoa Gorda

Bamba – Admirado.

Banana – Fraco, sem energia. 2- Pênis. 3- Sem expediente.

Bandeira de misericórdia – Indivíduo

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 120

que protege quem não merece.

Banguela - Pessoa sem dentes.

Banzé - Desordem, discussão.

Barata Tonta - Estonteado.

Barbana - Amante de ladrão.

Bárbara(o) – Legal, bacana.

Barbeiro – Indivíduo que dirige muito mal.

Barnabé – Funcionário Público de categoria inferior.

Barriga - Notícia falsa.

Batata - Nariz chato e grosso.

Batata-quente - Situação complicada.

Bate-boca - Discussão.

Bate-pé – Arrasta-pé, baile.

Bater a bota - Falecer.

Bater as botas - Morrer.

Bater caixa – Contar novidades, elogiarse, fazer propaganda.

Bater com o rabo na cerca - Morrer.

Bater o trinta (ou trinta e um) - Idem.

Bavalô - Fazendeiro.

Beber chumbo derretido – Tomar qualquer bebida.

Bendito - Dinheiro.

Beriba – Pessoa desconhecida ou desconfiada que pratica malefícios.

Berrante - Arma de fogo.

Besta quadrada – Pessoa muito ignorante.

Bicanca – Chuteira. 2- Indivíduo desonesto.

Bico - Pequeno serviço.

Bife a cavalo – Ovo sobre o bife de carne de vaca.

Biga - Grande.

Bigorneiro – Comandante do jogo de baralho.

Bilhete corrido - Pessoa casada.

Binga - Isqueiro.

Biotônico - Amendoim torrado.

Biraia - Prostituta de baixa classe social.

Biriba - Capiau, jeca, simplório.

Birra – Maconha. 2- Choro sem motivo aparente e descontrolado.

Biruta - Amalucado.

Bisca - Velhaco, trapaceiro.

Biscate - Pequeno negócio avulso.

Bisolar - Olhar, prestar a atenção, vigiar.

Bitaca - Mula.

Bituca – Pessoa que faz dívidas e não paga.

Bitucar - Calotear.

Blefe - Burla, fraude, logro, engano,

simulação.

Boa - Mulher atraente, linda e vistosa.

Boa praça - Boa pessoa

Boate das estrelas - Local distante da iluminação e silencioso.

Bobis - Sem dinheiro.

Bobó - Bobo, boboca, palerma.

Bobo alegre - Despertador.

Boca da noite - Ao anoitecer.

Boca danada – Indivíduo maledicente.

Boca de boi - Vaso sanitário.

Boca de burro - Teimoso.

Boca de carga vazia – Boca muito grande.

Boca de chupar ovo – Boca pequena.

Boca de fogo – Pederasta.

Boca de inferno - Pessoa Maldosa.

Boca de moela - Boca sem dentes.

Boca de trombone – Delator.

Boca maldita – Local em que se fala da vida alheia.

Boca mole – Pessoa que fala de modo arrastado, de difícil compreensão.

Boca suja – Pessoa habituada a usar palavrões, que nem percebe quando os profere.

Boçal - Desqualificado.

Bochiche – Arrasta-pé, diversão de pessoas de baixa condição sóciocultural.

Bocó - Palerma, sem expediente.

Bocó de mola - Idem.

Bocuva - Bofetada.

Bodarrão - Mulato corpulento.

Bode - Briga, encrenca, conflito.

Bodejar – Perseguir, insistir em galanteios.

Bofe - Feio.

Bofe - Pulmão. 2 - Pessoa muito feia.

Bofete - Palerma.

Boi com folhagem – Bife com alface.

Boi de fogo – Isqueiro feito com a ponta de um chifre

Boi de lote - Touro.

Boi de ponta - Mau conselheiro.

Bóia - Refeição.

Boi-corneta - Boi de um só chifre.

Boiola - Pederasta.

Boiota- Bolo, tolo.

Boiote - Garrote.

Boitatá - Fogo-fátuo.

Bola fora - Gafe.

Bola Virada - Pessoa amalucada.

Bolacha - Órgão sexual feminino.

Bolachada - Bofetada.

Bolada - Muito dinheiro.

Bolinha - Droga.

Bolo - Conflito, barulho, encrenca.

Bolostroca - Algo mal feito.

Boludo - Endinheirado.

Bom garfo – Pessoa que tem bom apetite.

Bomba - Reprovação

Bonde italiano – Andar a pé.

Boneca de Pirata – Moça de rosto bonito e corpo feio.

Bonga - Dificuldades financeiras.

Boracoxô - Envelhecido

Borboleta - Prostituta de alta classe.

Borra-botas - Pessoa sem importância.

Borrar o mapa - Praticar ato impensado.

Botão - Policial. 2 - Ânus.

Botar a boca no trambone – Espalhar notícia.

Botar fogo na canjica - Apressar.

Botar o boné no marido – Esposa infiel.

Brabó - Pessoa sem inteligência.

Braceiro - Trabalhador braçal que tem

muita força nos braços.

Bracelete – Algema.

Bragança – Égua.

Branca - Navalha.

Branca de neve - Cocaína.

Branco da Bahia - Mulato.

Branquinha – Aguardente.

Branquinha - Cocaína. 2 - Pinga.

Brasa-escondida - Indivíduo

dissimulado, com segundas intenções, astuto.

Brefado - Zangado, furioso.

Brequefeste – Bate-boca, discussão, falatório.

Broa - Mulher gorda, feia e desajeitada.

Brocha – Indivíduo sexualmente impotente.

Bronca – Repreensão.

Broxote - Homem baixo, gordo e idoso.

Bruaca - Mulher feia, velha e prostituta.

Brucutar - Bravo, zangado.

Brucutu – Quebra de um objeto. 2 - Algo muito feio.

Bruxa – Velha magra, cabeluda, alta, enrugada, suja e andarilha.

Bucha – Qualquer pequena refeição para manter a fome pela manhã.

Bucho – Mulher de idade, sem atrativos nem beleza.

Bucho virado - Nervoso.

Buchuda - Grávida.

Buduna - Surra.

Bufador - Valentão.

Bufosa - Arma de fogo.

Bufunfa - Dinheiro.

Buldogue - Revólver de cano curto.

Bulhufas - Não entender nada.

Bumbum - Nádegas.

Bumbum - Nádegas.

Bunda-mole - Covarde.

Burrada - Negócio que rendeu prejuízo.

Burrista - Pivete.

Burudanga – Palavreado sem nexo – 2 - Mezinha de feitiçaria. 3 - Algo sem valor.

Buscar fogo – Visita que tem pressa de se retirar.

Buteiro – Homem que faz reformas de roupas.

Buzo – Jogo realizado com rodelas de cascas de laranjas.



Cabaça – Criança gêmea que nasceu em segundo lugar. O primeiro chama-se caçulo.

Cabeça baixa - Porco, suíno.

Cabeça cheia - Repleta de problemas.

Cabeça de Casal – Marido. Em certos casos, não é mais o que ocorre.

Cabeça de Coco – Desmiolado. 2 – Distraído.

Cabeca de Cuia - Distraído.

Cabeça dura – Não compreende nada.

Cabeça inchada - Apaixonado.

Cabeça seca – Policial militar, soldado raso.

Cabeça-chata - Nordestino.

Cabeça-de-pau – Não compreende nada.

Cabeça-dura – Pessoa pouca inteligente.

Cabeceira - O melhor.

Cabo de frigideira - Pênis de negro.

Caborá - Gente feia.

Caboré - Pessoa feia.

Caborje – Prostituta feia e velha.

Cabra sarado – Indivíduo astucioso,

esperto, experiente, valente.

Cabreiro – Indivíduo desconfiado, que alimenta dúvidas e suspeitas. 2 - Parceiro que furta no jogo.

Cabrero - Irritado.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Cabrilar – Faltar à aula.

Cabriteiro - Desonesto.

Cabu - Angu frio, cortado em fatias.

Cabuloso - Azarado, azarento, importuno.

Cação - Dinheiro.

Cacará - Perto, próximo.

Cachaço - Porco reprodutor.

Cachamorra - Cacete, porrete.

Cachamorrada – Cacetada.

Cachimbada – Tabaco posto no

cachimbo. 2 - bebida preparada com pinga e mel de abelha.

Cachimbo - Bebida feita

abelha e aguardente.

Cachorra - Mulher devas: 9 desavergonhada, dissoluta. 2 - Dor-decotovelo.

Cachorrada - Canalhada.

Cachorrinho - Delator.

Cachorro - Safado, indigno, ordinário, desleal, canalha. 2 - Nádegas femininas.

Cachorro chimarrão - Sem dono.

Cachorro-quente – Salsicha entre duas fatias de pão.

Cachorros de proa - Seios de mulher.

Cacimba - Cisterna, poço.

Cacumbu - Enxada velha, faca ou machado desgastado.

Cádaver – Bêbado dormindo vítima de furto. 2 - Credor.

Cadela - Prostituta.

Café com bucha - Café com pão.

Café com leite - Mulato claro.

Café com mistura - Café tomado com pão e bolo.

Café de benzedor – Café muito fraco. Café de chaleira – Café preparado em chaleira e que se bebe sem ser coado.

Café mastigado – Café bebido com bolo ou doce.

Café requentado – Homem sexualmente impotente.

Cafifa - Prostituta, 2 - Azarado.

Cafinfim - Piolho de galinha.

Cafona - Mau gosto.

Cafu - Café requentado.

Cafumango - Vagabundo

Cafundó - Lugar ermo e longínquo.

Cafundó do judas - Idem.

Cafungagem – Vida de assaltante.

Cafungo - Salteador.

Caga-raiva -- Pessoa irascível, briguento, irritado.

Caído – Apaixonado.

Cair na gandaia - Vagabunda

Cair como flecha de foguete ponta-cabeça.

Cair como um pato – Deixar se enganar.

Cair das nuvens - Decepcionar-se.

Cair das nuvens - Ficar admirado, surpreso, perplexo.

Cair de quatro – Deixar-se lograr.

Cair fora – Ir-se embora.

Cair limpo – Ser alijado de cima do animal.

Cair na boca do mundo – Ser difamada.

Cair na embira - Ser detido.

Cair na esparrela - Cair na armadilha.

Cair na goela do lobo - Perigo que podia ser evitado.

Cair na ratoeira - Ser vítima de armadilha.

Cair na rede - Fugir para o mato. 2 - Ser vítima de perseguições.

Cair na tigueira - Desaparecer, fugir.

Cair na vida - Prostituir-se.

Cair no anzol – Deixar-se enganar, deixar-se lograr, ser enganado.

Cair no mato – Desaparecer e fugir.

Cair no mundéu - Cair na ratoeira.

Cair no sereno - Fugir sorrateiramente, sair rapidamente.

Caixa de Catarro – Pulmões, o peito.

Caixa de comida – Estômago.

Caixa de fumaça – Nariz.

Caixinha – Soma de dinheiro angariado entre pessoas interessadas na defesa de seus interesses.

Cala-Boca - Faca ou revólver.

Calça-frouxa - Covarde.

Calcanhar-de-aquiles - Ponto vulnerável.

Caldeirão - Conspiração, trama, concluir para subornar futebolista.

Caldo requentado - Assunto Conhecido.

Camassada - Várias doenças venéreas.

Cambito - Perna fina e magra

Cambuquira – Ponta dos pés da ababoreira, que é utilizada como alimento, após limpa, temperada e refogada.

Camelar - Trabalhar.

Caminhão da sorte - Passador de maconha.

Caminheira - Diarréia.

Cana - Prisão. 2 - Pinga.

Cana-brava – Prisão em xadrez.



Cana-dura - Detenção em xadrez.

Cana-mole - Detenção, por pouco

tempo, em sala livre.

Canastrão - Péssimo ator.

Canela – Instrumento com que se tira uma chave da fechadura.

Canela - Perna.

Caneludo – Quem tem canelas compridas, grossas ou volumosas.

Cangonha - Maconha.

Canha - Esquerda.

Caninana - Mulher geniosa, zangada.

Canjanja - Menino ladrão.

Canjerê - Miolo mole e amaculado.

2 – Feitiço. 3 - Reunião de pessoas, geralmente de cor, para praticar feitiçaria. **Canjica** – Delícia.

Canoa - Caravana policial.

Cantar de galo - Considerar-se vitorioso.

Cantar Gogó – Falar à toa, sem objetivo.

Canto da sereia – Sedução.

Cão de fila – Chefe político da cidade.

Cão fraldigueiro – É o que vive nas saias das mulheres.

Cão tinhoso - Diabo.

Capadócio - Trapaceiro.

Capelas - Pálpebras.

Capeta - Buliçoso, inquieto.

Capiango - Larápio.

Capiau - Caipira.

Capim - Dinheiro.

Capivara – Lista de pessoas que praticam o jogo de bicho.

Cara a cara – Frente a frente.

Cara comprida - Cara de cavalo.

Cara de alho - Pênis.

Cara de boneca – Rosto pequeno e delicado.

Cara de desarmar - Muito feia.

Cara de fuinha - Rosto fino.

Cara de juiz - Semblante austero.

Cara de lua cheia – Rosto bem redondo.

Cara de mamão macho - Pessoa muito

feia. 2 - Rosto longo, chupado.

Cara de nó cego – Aborrecido, zangado.

2 - Pessoa antipática.

Cara de páscoa - Rosto alegre.

Cara de segunda-feira - Feia, má.

Cara de tacho – Desapontado. 2 - Semvergonha.

Cara metade - Cônjuge.

Cara-de-pau – Cínico, sem vergonha.

Cara-dura - Pessoa cínica.

Caralho - Pênis.

Cara-metade - Cônjuge.

Carango – Automóvel. 2 - Pessoa abatida por algum motivo.

Carcará - Pederasta.

Carimbamba - Charlatão.

Carne de pescoço – Carne de péssima qualidade.

Carne de vaca - Algo conhecido.

Caroca – Patranha, estória mentirosa.

Carrapicho - Complicado.

Carroça – Andar lentamente.

Caruncho – Pessoa esperta e pouco escrupulosa.

Casa da sogra – Local de desordens.

Casa da tia – Casa dirigida por mulher e destinada a encontros ilícitos.

Casa das primas - Bordel.

Casa de bagaço - Depósito de bagaços.

Casaca de pau - Caixão funerário.

Casar na igreja verde - Casar após o desvirginamento.

Cascabulho - Calouro.

Cascar a marreta - Falar mal de alguém.

Cascata - Mentira.

Cascateiro - O que conta cascatas.

Cascavel - Mulher de mau gênio.

Cascavel de vereda – Pessoa traiçoeira.

Casco - Vasilhame, frasco.

Cassununga – Pessoa de gênio violento.

Catatau - Pessoa pequena.

Catoto - Esconderijo.

Catuto - Esconderijo.

Cavação - Arranjo.

Caxias - Cumpridor dos deveres.

Cebola - Relógio grande de bolso.

Cebolão - Relógio grande de bolso.

Cedeéfe - Cumpridor dos deveres.

Cegante - Anel de brilhante.

Centopeia – Mulher idosa, muito feia e desagradável.

Cercar frango – Andar ziguezagueando, embriagado.

Chá de alecrim - Pancadaria.

Chá de bico - Clister.

Chá de pouco caso – Não tomar nenhum remédio.

Chá de vara de marmelo - Surra.

Chácara do Vigário - Cemitério.

Chamar Deus de compadre – Ser muito vaidoso.

Chamar nas canelas – Correr, fugir.

Chamego – Atração por alguém, namoro, amizade próxima.

1 01'

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 124

Chaminé - Pessoa que fuma exageradamente.

Chapa - Amigo.

Chapéu de couro - Investigador.

Charuto - Homem de cor.

Charuto escovado - Crioulo inteligente.

Chato - Inoportuno.

Chavaquista – Mulherengo.

Chegar a brasa para a sua sardinha -Procurar facilidades e vantagens para si próprio.

Cheio da nota - Rico.

Cheio das peles - Idem.

Cheio de nove horas - Repleto de minúcias

Cheta - Dinheiro.

Chiboca – Aguardente com limão.

Chica - Qualquer bebida alcoólica forte.

Chimbo - Cavalo sem dono.

Chincha - Maconha.

Chocar os ovos - Preparar o assalto.

Chorar as pitangas - Chorar muito até os olhos ficarem vermelhos.

Chorar pitangas - Fazer lamúria.

Chumaço – Cigarro de maconha.

Chumbado - Embriagado.

Chutado - Embriagado.

Chuvisco - Guaraná com cachaça ou outra bebida forte.

Cigana - Desonesta.

Cisne – Espião que fica à espreita, para que os ladrões ajam.

Cobaia - Servir para experiência.

Cobertor de orelha - Cônjuge

Cobicado - Dinheiro.

Cobra - Hábil especialista.

Cobre - Dinheiro

Cocada - Jovem linda.

Coco - Cabeça.

Cocoricó - Galo.

Coió - Bobo, palerma, tolo.

Coisa boa - Maconha.

Coisa comum - Arroz com feijão.

Coisa do arco-da-velha - Arco-íris. 2 -Inacreditável.

Coisa-feita – Feitiçaria.

Coisa-ruim - Diabo.

Coité - Cabeça.

Colarinho e gravata – Pessoa de classe social média ou alta.

Colégio - Cadeia.

Colete - Desprovido de dinheiro.

Colher de chá - Auxilio.

Com a barbeira na mão - Navalha na

mão.

Com a boca na botija – Flagrante.

Com a corda no pescoço - Achar-se em dificuldades financeiras.

Com luva de pelica - Com polidez.

Com os pés em duas canoas - Indeciso e desesperado. »

Come-fogo – Jogo de futebol entre Comercial e Botafogo, ambos de Ribeirão Preto/SP.

Comer bola – Ser subornado.

Comer cadeia - Ser preso.

Comer com os olhos - Cobiçar.

Comer como um lobo - Comer com voracidade.

Comer formigas - Amolar outro.

Comer frango – Diz-se do goleiro que deixou entra bola defensável.

Comer gambá errado - Ser enganado.

Comer mosca - Ser ludibriado.

Comer na gaveta - Ser sovina.

Comer o pão que o diabo amassou

com o rabo - Lutar muito pelo vida.

Comer o pão que o diabo amassou -Sofrer privações.

Comer ponta de embira -Sofrer

dificuldades e até miséria.

Comer queijo - Esquecer-se.

Comer rama - Dar-se ao vicio de bebida alcoólica.

Comes e Bebes - Salgadinhos, canapés, lanches acompanhados de refrigerantes e, às vezes, até bebidas alcoolicas.

Comigo é nove - Ninguém me vence.

Concreto - Dinheiro.

Contar os minutos - Aguardar com ansiedade.

Conto do vigário - Furto em que o ladrão passa para a vítima a ideia de que é otário.

Convento - Cadeia.

Coração de leão - Homem corajoso.

Coroa – Ultrapassada.

Correia de Chapéu – Angariar fundos.

Cortar a casaca - Falar mal de alguém.

Costela - Amásia, concubina.

Crente – Pessoa que leva muito a sério os seus deveres.

Criar mofo - Envelhecer

Crista de galo - Doença venérea.

Cristina - Cocaína.

Crocodilagem - Falsidade,

fingimento, hipocrisia, traição.

Cunha – Grande auxílio prestado



por alguém, graças ao posicionamento sóciocultural dessa pessoa.

Curiosa - Parteira não diplomada.

Curra - Violência sexual contra a mulher.

Curuba - Coceira, sarna.

Curuca - Problema.



Da noite pro dia - Muito rápido.

Danada - Pinga.

Danadinho - Não respeita as mulheres.

Dança de acordo com a música -

Cumprir tacitamente as ordens recebidas.

Dança-de-rato - Conflito, briga.

Dançar na corda bamba – Achar-se em dificuldades financeiras.

Dar as caras - Aparecer.

Dar às gâmbias - Safar-se.

Dar Cabeçadas - Praticar atos

condenáveis. 2 - Negócios que causaram prejuízo financeiro.

Dar com a língua nos dentes - Falar indiscretamente.

Dar de cara com alguém - Encontrá-lo de frente.

Dar de mão beijada - Dar sem nada receber.

Dar na veneta - Vir à idéia.

Dar o cavaco - Zangar-se.

Dar patada - Dizer asneiras.

Dar trela - Dar confiança.

Dar um beiço - Calotear.

Dar um furo - Divulgar a notícia em primeira mão.

De cabo a rabo - Do início ao fim.

De encher o olho - Ótimo.

De meia cara - Sem pagar, grátis.

De meia pataca - De pouco valor.

De meia tigela - Idem.

De meia-cara - De graça.

De noite todos os gatos são pardos - A noite encobre muitas coisas, sendo difícil distinguir os culpados dos certos, de noite.

De orelha em pé - Desconfiado.

Dedar - Delatar, denunciar.

Dedar - Denunciar.

Dedo-duro - Delator.

Deitar a carga - Vomitar.

Deixar na mão - Faltar a um compromisso.

Demerara - Tregueiro.

Dentada – Pedido de dinheiro emprestado.

Dentrosa – É a chave falsa para portas e cofres.

Dependura - Sem dinheiro.

Desabotar - Confessar.

Desbocado – Pessoa que só fala palavrões.

Descalçar a bota – Livrar-se de dificuldades.

Descarga de consciência – Não sentir remorsos.

Descobrir o mel de pau - Encontrar vantagens.

Desejado - Dinheiro.

Desembuchar - Confessar, desabafar.

Desfazer a meada - Encerrar uma intriga.

Desmancha-festa - Revólver.

Desmanchar a cara – Melhorar o aspecto.

Despejar o saco - Dizer tudo que sabe.

Destripar o mico - Vomitar.

Deus dá amendoim a quem não tem

dentes – Incompetente.

Dever os olhos da cara – Dever demasiadamente.

Dia de São Nunca – Nunca há de chegar, não existe.

Dia magro – Dia em que a igreja proíbe comer carne.

Dia santo - Buraco na meia.

Diacho - Diabo.

Dinheiro de judas – O preço da traição. Dinheiro de sacristão – Cantando vem,

cantando vai.

Direta - Diretor.

Disco voador – Nome de objetos aéreos não identificados.

Disputado - Dinheiro.

Dita - Casa de detenção.

Dito pelo não dito - Desfazer o trato.

Dobrar a língua – Falar com respeito.

Doença ruim – A incurável ou de rara cura.

Dois-de-paus – Pessoa sem importância, que não merece consideração. 2 – Sentinela.

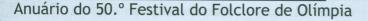
Dólar - Pequeno pacote de maconha.

Dona branca - Pinga.

Dona Dita - Casa de detenção.

Dona Inácia – O rigor disciplinar do regime militar.

Dona Justa - Polícia.



Dona Laura - Idem.

Dor de barriga não dá uma vez só -

Admoestação aos ingratos.

Dor-de-cotovelo - Ciúme.

Dorme-dorme - Dorminhoco.

Dormir de botinas - Deixar-se enganar.

Doutor da mula ruça - Charlatão,

curandeiro, falso médico.

Doutor Miguel - Cigarro de maconha.

Dragado - Armado.

Dragão - Receptador.

Duas caras - Hipócritas, fingido.

Duas pessoas não amarram as éguas

juntas - Inimigas.

Duquesa – Mulher com mania de

grandeza.

Duro - Sem dinheiro.

Duro de queixo - Pessoa teimosa.



É batata - Com certeza.

É marmelada – Algo sem autenticidade.

Economia de palitos - Economia

exagerada e improdutiva.

Editor responsável – Pessoa que fala da

vida alheia.

Elefante branco – Presente que não se conseque usar. 2 - Mansão sem

serventia.

Elixir - Maconha.

Em cima da hora - Nos últimos instantes.

Em duas palavras - Rapidamente.

Embarcar em canoa furada - Deixar-se

enganar. 2 - Entrar em negocio arriscado.

Embarrigar - Tornar-se grávida.

Embezerrar – Amuar.

Embonecado – Vestido com espalhafato.

Embromar – Enganar.

Embrulhão - Indivíduo de vida irregular.

Embuchado - Estômago muito cheio.

Emburrar - Zangar-se.

Embusado - Escondido.

Empacador - Gago.

Empada - Mulher molenga.

Empalamado – Amarrado.

Empilchar-se - Encher-se de dinheiro.

Empolado - Pomposo, repleto de

palavras mal aplicadas.

Empombar - Zangar-se

Empreiteiro de aluguel - Matador

profissional.

Empreiteiro de Cristo – Matador profissional.

Empurrar o vagão – Adiantado estado de gravidez.

Encamaçar – Preparar o baralho para enganar o parceiro.

Encambichado - Apaixonado.

Encantuar - Encurrular.

Encaramujado – Encolhido, triste, melancólico.

Enche-cabresto – Ladrão de animais.

Encher a barriga do corvo – Morrer.

Encher linguiça - Falar inutilmente.

Encher o bucho - Comer em demasia.

Encher o papo - Saciar-se.

Encher os olhos – Vistoso.

Enciclopédia - Sabichão.

Encomenda sem dinheiro fica no Rio de Janeiro – Não se compra encomenda

sem dinheiro.

Enfiar a cara no mundo – Fugir.

Enforcar-se - Casar-se.

Engambelar - Enganar.

Engasga gato – Comida de pobre, sem tempero.

Engazopador – Mentiroso.

Engolir a língua – Calar.

Engolir a pílula - Ser enganado.

Engolir as mágoas - Sofrer ocultamente.

Engomado - Bem vestido.

Engraxar - Subornar.

Engraxar as mãos - Subornar.

Engrossamento – Bajulação.

Engrupir - Enganar.

Enredeira - Intrigante.

Enrolar a língua - Calar-se.

Enrolar o dia com angu - Vadiar.

Ensinar pai-nosso a vigário – Ensinar o

que é conhecido.

Enterrar os ossos – Refeição em que se come e bebe o que sobrou da festa; soca.

Entrada de leão e saída de cão -

Descompromissar com a promessa.

Entrar de badu – Sem pedir licença.

Entrar de gaiato – Inocente considerado culpado.

Entrar em gelada - Estar em dificuldades.

Entrar na lenha - Apanhar.

Entrar na marreta - Idem.

Entrar nos cobres - Receber

dinheiro.

Entrar nos eixos – Endireitar.

Página 127

Entrar pelo cano - Sair mal.

Entre a cruz e a espada – Situação terrível.

Entre o martelo e a bigorna - Entre dois perigos.

Entregar a rapadura – Desanimado, darse por vencido.

Entruviscado - Turvo.

Envaretado - Encabulado.

Envergar a espinha - Falecer.

Enxerido - Intromedito.

Errar a conta – Embriagar-se.

Errar o bote - Fracassar.

Erva - Dinheiro. 2 - Maconha.

Esbórnia - Bebedeira exagerada.

Escafeder-se – Fugir, safar-se.

Escafeder-se - Fugir.

Esconder o leite - Ocultar o dinheiro.

Escova-botas - Proteção política.

Escrachada – Lista telefônica adulterada para se passar o conto do toco mocho.

Escrachado – Fichado e fotografado pela polícia.

Escrachista - Fotógrafo da polícia.

Escreveu, não leu, pau comeu -

Facilitou, ficou detido.

Escruchante - Ladrão arrombador.

Esculachado - Desmoralizado.

Esculachar - Surrar.

Esculacho - Pancada, surra.

Esfola-cara - Barbeiro ruim.

Esqurido - Esfomeado.

Espadista – Ladrão que age com chave falsa

Esparrela – Armadilha.

Espetador – Arma branca.

Espichar as canelas - Morrer.

Espinhar-se – Ofender-se.

Espiritado – Estar com o diabo no corpo.

Espírito das trevas - Diabo.

Espírito de porco – Indivíduo mal intencionado.

Espírito de porco – Indivíduo que se opõe a tudo.

Espírito imundo - Diabo.

Espírito santo de orelha – Quem nas provas escritas procura ajudar o examinando, murmurando-lhe as respostas possíveis.

Espírito Sedutor - Diabo.

Espirro de gente – Pessoa baixinha. Espoleta – Leviano.

Esponia – Leviano. Esponia – Beberrão.

Esquentar o corpo - Tomar um

trago de bebida alcoólica.

Estanhado - Irritado.

Estar com a cachorra cheia - Bêbado.

Estar com a sela na barriga - Estar faminto

Estar com meias medidas - Titubear, hesitar.

Estar com o rei na barriga - Soberbo.

Estar com ovo – Aborrecido.

Estar em ponto de bala - Quase no momento de realizar.

Estar meio lá, meio cá – Estar em situação incerta.

Estar na cara - Ser evidente.

Estar na Iona - Sem dinheiro.

Estar no mato sem cachorro – Situação aflitiva.

Estar no mundo da lua - Fora da realidade

Estar no pau - Estar deitado.

Estica – Ter dinheiro, andar bem vestido e possuir automóvel.

Esticar a canela - Morrer.

Esticar as gâmbias - Idem.

Esticar o passo - Rapidamente.

Estragar o pesqueiro - Causar prejuízo.

Estranhar a capadura – Não aceitar a passagem de uma situação agradável para outra desinteressante.

Estrepe – Mulher muito magra e feia.

Esturricado - Muito seco.



Facada – Pedido de dinheiro emprestado.

Fachada – Semblante.

Facho - Dinheiro.

Faísca - Valente.

Fajuto - Falso.

Falaco - Boato.

Falada - Reputação posta em dúvida.

Falastrão - Homem irreverente.

Falastrona – Mulher indiscreta.

Fandango - Baile.

Fanisco – Pessoa magérrima.

Faquear a guaiaca - Pedir dinheiro

emprestado.

Faquista – Quem pega dinheiro emprestado e não paga.

Fareleiro - Gabola.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Farelice - Presunção.

Faroleiro - Contador de vantagens.

Fatia – Mulher bonita.

Favas contadas – Ausência de dúvidas.

Faxina - Soldado que faz limpeza nas

Fazer cortesia com o chapéu alheio – Prestar favor a alguém à custa de outra

Fazer da noite dia - Trocar o dia pela noite.

Fazer e acontecer – Fazer ameaças.

Fazer fita – Simulação.

Fazer gato e sapato - Tratar alguém com

Fazer gazeta - Faltar à aula.

Fazer moca – Zombaria.

Fazer o feijão - Almoçar.

Fazer o quilo – Repousar após o almoço.

Fazer onda – Intrigar.

Fazer rasto de onça – Fazer ameaças.

Fazer sala - Velar defunto.

Fazer um sarilho - Provocar um conflito.

Fazer uma fezinha – Arriscar a sorte.

Fazer uma lingada – Farrear.

Fazer uma vaca - Cotizarem-se várias pessoas para saldar um despesa comum.

Febre de caroço – Peste bubônica.

Fechar os olhos - Ser indulgente.

Fedelho - Criança. 2 - Furto bem

planejado

Feijão - Suboficial comissário da armada.

Feijão pagão - Feijão cozido, sem

receber os temperos.

Felpa - Dinheiro.

Ferrabrás - Valentão.

Ferreiro - Cão de guarda.

Ferro - Dinheiro.

Fervida – Aguardente que se queima com

açúcar e gengibre.

Fiantã - Ânus.

Ficar a ver navios - Perder tudo.

Ficar bem convidado - Tomar uma

grande surra.

Ficar buzina – Zangar-se.

Ficar com a pulga atrás da orelha -

Desconfiado

Ficar com uma mão adianta e outra

atrás - Ficar sem nada.

Ficar fula da vida – Zangado.

Ficar onça - Encolerizar-se.

Ficar para galo de São Roque -

Solteirona, ficar pra titia.

Ficar por conta do Bonifácio -

Enfurecer-se, irritar-se.

Ficar reduzido a pó de traque -Inutilizado.

Ficar sujo – Desmerecer a confiança das pessoas.

Ficar tiririca – Zangar-se.

Ficar uma vara - Ficar irritado.

Ficume – Irmão.

Filho das ervas - Filho de pai desconhecido.

Filho do sol e neto da lua - Indivíduo que se considera descendente da elite e alardeia essa suposição.

Filho do vento - Enjeitado.

Filó – Indivíduo que promove encontros ilícitos de casais.

Filósofo - Jogador de futebol que se arrisca muito pouco durante o jogo.

Finca-pé – Não modifica a situação.

Fincar a faca – Cobrar muito pelo serviço.

Finória - Mulher pretensiosa a usar "status" sem tê-los.

Firostó – Ânus.

Foca – Jornalista inexperiente.

Fofar e deixar – Iniciar e abandonar.

Fofoca - Fuxico, intriga.

Foge-foge – Confusão.

Fogo - Revólver.

Fogo de palha – Entusiasmo passageiro.

Foguetice - Traquinagem.

Folha de parreira - Símbolo de castidade.

Fominha – Apressado.

Formigão - Quem come muitos doces.

Formigueiro - Multidão.

Fornalha - Nariz.

Forra-gaitas - Avarento.

Fósforo - "Penetra" em festas ou reuniões.

Fossa - Enormes dificuldades.

Frade da mão furada - Diabo.

Franja – Mentira.

Frenesi - Capricho.

Frete – Prostituta. 2 - Preço cobrado pela meretriz.

Fria - Complicação.

Fricote - Dengo, manha.

Frigideira - Vagina.

Frouxo - Medroso. 2 - Pederasta.

Fruta - Homossexual.

Fruta da paixão - Maracujá.

Fruto proibido - Maçã.

Fubá – Vulgar.

Página 129

Fubana – Meretriz.

Fubeca - Derrota.

Fubecada - Surra.

Fuça - Cara de animal. 2 - Rosto.

Fugir com o rabo à seringa - Esquivar-

Fula (o) - Furioso.

Fuleiro - Vagabundo.

Fulista - Falsário.

Fumo - Pênis.

Fumo brabo - Maconha.

Fumo de três cordas - Fumo grosso, forte.

Fumo forte - Dificuldade.

Furão – Desembaraçado.

Furbesco - Velhaco.

Furreca - Carro velho e em ruim estado de conservação.

Furundu (m) - Doce de cidra ralado, gengibre e açúcar mascavo.

Furupa - Mulher de vida fácil

Fusca - Garrucha. 2 - Automóvel da

Volkswagen.

Fute - Diabo.

Futre - Canalha.

Futrica - Intriga, fuxico.

Fuzarca - Farra.





Gabar a água na subida - Fazer julgamento otimista e apressado.

Gabiru - Conquistador.

Gado de frieira - Prostituta.

Gadunha - Mão.

Gafá - Disenteria.

Gafanhoto - Mulherengo. 2 - Pãozinho para acompanhar o café.

Gafieira - Arrasta-pé.

Gafona - Soldado raso.

Gagá - Velho.

Gaiola - Detenção.

Gaita - Dinheiro.

Gaitada - Gargalhada.

Gaiteira - Fanfarrão.

Gaitolina – Dinheiro.

Galã de bandeja - Comparsa.

Galdéria - Mundana.

Galeão - Espectador do jogo, conhecido também por sapo. Galego - Espanhol.

Galinha-choca - Pessoa buliçosa.

Galinhagem - Prostituição.

Galinha-morta - Algo fácil.

Galinheiro - Carro de presos. 2 - Gerais dos teatros.

Galista - Apreciador de briga de galos.

Galizé - Pessoa de pequeno porte, petulante, que perturba o ambiente

exageradamente.

Galo de briga - Indivíduo briguento, irritadico, provocador.

Galo doido - Pessoa tresloucada.

Galo enfeitado - Soldado do exército.

Galopante - Tuberculose forte que mata em pouco tempo.

Gamado - Apaixonado.

Gâmbias - Pernas.

Gambito - Perna fina e magra.

Gamela - Falso engenheiro.

Gandaia - Vida sem compromissos.

Ganga - Gaita. 2 - Dinheiro. 3 - Roupa

Gangolina – Trapaceiro.

Gangona - Senhora de respeito.

Ganhar de colher - Ganhar com

facilidade.

Ganhar o mato - Fugir.

Ganja - Basofila, empáfia.

Garrafada - Remédio preparado por curandeiro.

Garrancho - Letra ilegível.

Garrucha - Usurário, avarento.

Gasolina - Pinga.

Gasparinho - Fração de loteria.

Gastar mundos e fundos - Gastar

exageradamente.

Gata - Jovem.

Gatinho no peito – Asma.

Gato brabo - Ladrão.

Gato escaldado - Indivíduo que sabe se

livrar dos perigos.

Gato escondido com o rabo de fora -

Disfarce que não resolve.

Gato-pingado - Número reduzido. 2 -Funcionário que acompanha enterro.

Gato-preto - Capeta.

Gatosa - Embriaguez.

Gato-sapato - Ridicularizar.

Gatunar - Roubar.

Gaveta de sapateiro - Desordem.

Gavião - Pederasta.

Gazeteiro - Mentiroso.

Geada - Ladrão que furta roupas nos

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 130

varais dos quintais. 2 - Cabelos grisalhos.

Gelada - Cerveja. 2 - Mulher que não gosta de praticas sexuais.

Geladeira - Prisão cimentada ou ladrilhada no verão.

Gênio - Maconha.

Gereba - Prostituta.

Germânia – Gíria.

Gibi - Negrinho.

Gigolô - Quem é mantido por amante.

Gilete - Homossexual passivo e ativo.

Gimbar - Transportar pesos.

Gimbo - Dinheiro.

Gipira - Coceira.

Gira - Adoidado.

Girafa - Mulher alta e de pescoço comprido.

Giribita – Pinga.

Girote - Vagabundo.

Goela - Pessoa que fala demais.

Gogó - Garganta. 2 - Indivíduo que fala muito da vida alheia.

Goiaba - Vagina.

Gorja - Gorjeta.

Gororoba - Comida intragável.

Gravata - Golpe dado na vítima que é apertado o pescoço por trás com um braço.

Graxa - Propina.

Gringa - Trapalhada, embrulhada, intriga, algo mal feito.

Gringo - Estrangeiro.

Grogotó! - Acabou-se!

Grossista – Atacadista.

Grude - Comida ruim. 2 - refeição.

Grupista - Mentiroso, trapaceiro, semvergonha.

Grupo - Lorota.

Guacho - Animal criado sem a mãe. 2 chupim.

Guga – Homossexual.

Guicho - Lenço.

Guinga - Pederasta passivo e ladrão.

Guitarra - Máquina ilusória de fazer dinheiro.

Guru - Guia espiritual.

Hóstia - Fatia bem fina de queijo branco e fresco.

Hotel das estrelas - Terreno baldio.



Idolo negro – Ópio.

Inanimado - Ladrão que rouba com receio de ser detido em flagrante.

Indês - Ovo deixado no ninho.

propositadamente para atrair a poedeira.

Intruja - Agente de ladrão.

Invertido - Pederasta.

Ir às nuvens - Zangar-se de repente.



Jabaculê - Dinheiro.

Jacu - Caipira.

Janela - Aula vaga.

Januária - Pinga bem forte.

Jararaca - Mulher má e deseducada. 2 -Mulher maledicente.

Jasmim de cachorro - Fezes de cão.

Jatobá - Pênis.

Jereba - Prostituta. 2 Cafetina. 3 desajeitada.

Jeroma - Mulher de seios grandes.

João-da-cruz - Dinheiro.

João-dias - Cadeado.

João-ninguém - Pessoa sem importância.

Joça - Objeto qualquer.

Jogar a pedra e esconder a mão -

Praticar o mal e fingir inocência.

Jogar confete - Esforçar-se para agradar, sem que a pessoa realmente mereça.

Jogo puxado - Partida disputada.

m



Hora da xepa - Final de feiras-livres. Horizontal - Prostituta.

Lalacha - Vagina. Lalau - Ladrão. Lamba - Infelicidade. Lambão - Palerma, tolo.



Lambe-lambe - Fotógrafo que trabalha em parques.

Lambe-sola - Sapateiro.

Lambisgóia - Mulher bisbilhoteira, intrometida.

Lambuzão - Indivíduo mal vestido e sujo.

Lampaneiro - Falso, mentiroso.

Lampeão de esquina - Vadio, vagabundo.

Lançar fogo pelos olhos – Ter um olhar cheio de ódio.

Lancha - Pé muito comprido.

Lanterna apagada - Garrafa de bebida vazia

Lanterninha - Funcionário de cinema que indica os lugares vagos, após o início da sessão, com o auxílio de uma lanterna.

Lanzudo - Tolo.

Laracha - Mentira.

Laranja - Pessoa que passa por outra em relação comercial inescrupulosa.

Laranjeiro - Organizador de falsa empresa, visando a ganhar dinheiro desonestamente.

Largar a casca - Morrer.

Lavagem - Raspança, descompostura. Lavagem de espingarda - Café fraco e muito aguado.

Lavar a jega - Fazer bom negócio. Lavar a roupa suja - Levar ao público fatos da intimidade dos contendores.

Lavar as mãos - Eximir-se de responsabilidade.

Lavar cachorro sem sabão - Estar desempregado.

Lavar o coração – Confessar tudo o que sente.

Lavar urubu - Estar em situação difícil. Lavar-se em a água de rosa - Alegrarse.

Leão-de-chácara - Porteiro de casa de jogo. 2 – Capanga. 3 - Cão de guarda. **Lebréia** - Roupa mal feita e de tecido

Lei do cão - Regime rigoroso.

Lelé - Confusão, desordem, barulho.

Lelé da cuca - Tolo.

ruim.

Lena - Alcoviteira, cafetina, exploradora de prostitutas.

Lenço - Lembrança.

Leona – Mundana.

Leprego – Conversa fiada. Lero-lero - Idem. Lesco-lesco - Idem.

Levado da breca - Irrequieto, travesso. **Leva-e-traz** - Fuxiqueiro, intrigante, futriqueiro.

Levantar as mãos para o céu - Graças a Deus.

Levar ao pasto - Abandonar a namorada ou a amante.

Levar bomba - Ser reprovado.

Levar cascudo - Apanhar.

Levar na cabeça - Ser prejudicado. 2 - Tomar prejuízo.

Levar no papo - Convencer.

Levar pau - Ser reprovado.

Levar um furo - Notícias em atraso.

Levar um rabo - Sofrer grande prejuízo.

Levar uma manta - Enganado.

Levar uma tábua – Ser recusado para dançar.

Ligar a antena - Ouvir a conversa com atenção.

Ligeira - Mala de viagem.

Limpeza - Roubo total.

Lina - Cafetina.

Lindinha – Aguardente.

Língua de palmo e meio - Contra a vontade.

Linguado - Bolsa de dinheiro.

Linguarudo – Telefone. 2 – Mexeriqueiro.

Linha do vento - Direção do vento.

Linha dura – Intransigência.

Linheiro - Fino, elegante, esbelto.

Liró - Maconha.

Liso e sem babado - Pessoa correta, inatacável, impoluta.

Livro de cabeceira – Livro ideal, preferido.

Lobo – Indivíduo de maus instintos.

Loló - Nádegas.

Lomba - Preguiça.

Lombra - Intoxicação pela maconha.

Loque - Otário.

Lordeza - Ostentação.

Loro - Gatuno que denuncia.

Lorota - Mentira.

Losna - Indivíduo esquisito.

Lovia escorrida - Cerveja gelada.

Lu - Jogo carteado.

Lumbabeiro - Desordeiro.

Lumio - Pederasta passivo.

Lundu - Mau humor.

Lunfa - Ladrão.

Lunfa da pesada - Ladrão arrombador.

Lunga - Guarda-chuva.

Lunil - Falso policial.

Lusco-fusco - Mulato.

Lustra-botas - Puxa-saco.

Lustroso - Vadio.

Luxança - Excesso de luxo.

Luze-luze - Pirilampo, vaga-lume.



Má rosca – Trapaça.

Macaca - Carteira de dinheiro.

Macacada - Pessoal.

Macaco - Polícia militar.

Macaco velho - Experiente.

Macaco velho não mete a mão em

cumbuca - Experiente.

Macaco velho não trepa em galho seco

Experiente.

Macambira - Sem préstimo.

Macetuda - Mulher de idade.

Machucho - Chuchu.

Maciota - Devagar e com jeito.

Macorombo - Enfezado, irritado, zangado

Macumba - Feiticaria.

Madame - Cartomante.

Madre celeste - Alcoviteira.

Madruguista - Ladrão que rouba de

madrugada.

Madureba - Servil.

Mãe carinhosa - Ambulância.

Mãezeiro - Filho agarrado à mãe.

Mãezinha - Cafetina.

Mafabê - Pessoa sem valor.

Mafunda - Mulher que fala da vida alheia.

Magalaço - Patife.

Magrela - Bicicleta.

Magrinha - Tuberculose.

Mais-mais - Conversa fiada.

Maieró - Contrabando.

Major - Delegado de polícia que explora

os cidadãos que comparecem em seu gabinete de trabalho.

Mal de lázaro - Lepra.

Mal de santo antónio - Erisipela.

Malacas - Seios flácidos de mulher.

Malambas - Lamúrias.

Maldar - Suspeitar.

Maldito - Dinheiro.

Maldito - Dinheiro.

Malhar em ferro frio - Servil.

Malinação - Peraltice de criança endiabrada.

Maloca - Casa de malandro em favela.

Maludo - Briguento.

Malungo - Irmão de criação.

Malva - Maconha.

Mamado – Embriagado.

Mamãe-sacode - Aguardente.

Mamata - Negociata.

Mamparra - Lerdo.

Mancar - Faltar.

Manchúria - Prostituta.

Manco - Ladrão azarado.

Mandar alguém lamber sabão - Não

amole.

Mandar alguém pentear macaco -

Mandá-lo às favas.

Mandar para o dormitório – Mandar

para o cemitério.

Mandinga – Feitiçaria.

Mandria - Chuvinha.

Mandrieira - Ociosidade.

Maneirar - Acalmar. 2 - Agir com jeito.

Manga d'água - Chuva forte, porém

passageira e abrange pequena área. **Manga de colete** - Nunca existiu.

Manga rosa - Maconha.

Mangação - Zombaria.

Mangar - Vadiar.

Mangoga - Homem alto.

Manguaçeiro - Lento por estar

embriagado.

Manguari - Homem alto e magro.

Manguço – Desajeitado.

Manha – Fingimento.

Manja e papa - Rouba e vende o produto

conseguido.

Manja léguas – Desembaraçado.

Manja-balão - Ladrão que fica atento ao

sono de outrem.

Maniada - Conhecida.

Manjado - Conhecido.

Manjuba - Refeição.

Manobrista - Finório.

Manteiga - Dinheiro.

Manteiga derretida - Quem chora à toa,

pessoa sensível a tudo.

Manzanga – Indolente.

Mão amiga – Protetor.

Mão de ferro - Ditador.

Mão de finado - Pessoa azarada.

Mão de manteiga - Mão mole.

Mão escassa - Sovina.

Mão fechada - Sovina.



Mão furada - Pessoa esbanjadora.

Mão leve - Ladrão.

Mão pelada – Ladrão.

Mão pesada – Assaltante. 2 – Valentão.

Mão por baixo, mão por cima - Com cautela.

Mão-aberta - Ser muito generoso.

Mão-de-seda - Ladrão finório.

Mão-na-roda - Auxílio considerável.

Maquininha - Prostituta que recebe muitos clientes.

Maracujá de gaveta - Pessoa com rosto muito enrugado.

Marafa - Pinga.

Marafo - Feitiço. 2 - pinga.

Marafona - Prostituta.

Marajorengo - Delegado de polícia.

Marajuá - Caipira.

Maranhoto - Maranhense

Marca de Judas - Pessoa pequena e magra.

Marcavó - Até amanhã.

Marchar com os cobres - Pagar a despesa.

Marginal – Delinqüente.

Maria Isabel - Mistura de arroz e feijão.

Maria vai com as outras - Pessoa fraca que se deixa levar pelas outras.

Mariazinha – Prostituta comportada e com domicílio adequado.

Marica - Homossexual.

Maricas – Pederasta. 2 - Cachimbo para fumar maconha.

Marigonga - Maconha.

Mariguana - Maconha.

Marijuana - Cocaína.

Marimacho - Piano desafinado.

Marinheiro - Grão de arroz com casca.

Marinheiro da água doce - Marinheiro inexperiente, sem habilidade.

Marinheiro de primeira viagem -

Indivíduo sem experiência, inseguro.

Mariola - Pessoa sem dinheiro.

Mariposa - Prostituta de vida noturna, apenas

Mariquita - Mulher que põe defeito em outras.

Mariscadeira - Mulher que vive em busca de aventuras.

Marmanjo - Homem adulto.

Marmelada - Negócio inescrupuloso. Marmorista - Ladrão arrombador de cofre.

Marmuro - Estar aborrecido.

Maroco - Ladrão pobre.

Maromba - Astúcia, enredo, intriga.

Marosca - Trapaça.

Maroteira - Velhacaria, patifaria.

Maroteiro - Velhaco.

Marreco - Astuto, sagaz.

Marruá – Inexperiente. 2 - Pessoa muito forte.

Marrudo - Teimoso.

Marruêro - Pastor de gado.

Martelar um assunto - É dele falar insistentemente.

Maruamba - Maconha.

Marufo - Bebida alcoólica.

Marupama - Espertalhão.

Marupiara - Feliz na caça e na pesca.

Mascarado - Incapaz, incompetente que pretende demonstrar o contrário.

Mascate - Vendedor ambulante de tecidos e quinquilharias.

Mascavo - Mulato.

Mata-bicho - Aperitivo que anteçede as duas principais refeições.

Mata-bicho – Dose de bebida alcoólica forte, antes das refeições principais.

Mata-borrão - Quem bebe muito álcool.

Matacas - Nádegas.

Mata-cobra - Cacete grande.

Mata-fome - Bolo barato circular, de pessoas pobres.

Mata-mosquito - Funcionário da saúde pública destinado a destruir os focos de larvas de mosquito.

Mata-mouros - Valentão.

Matar a cobra e mostra o pau – Afirmar e provar.

Mata-ratos - Cigarro, charuto ou vinho péssimos.

Matinador - Gabola.

Matraca - Falador.

Matraca - Pessoa que fala da vida alheia.

Matungo - Cavalo ruim, sem beleza e sem valor.

Maturango - Mau cavaleiro.

Mauricinho - Bem arrumadinho.

Medir largo e cortar estreito - Ser tratante.

Medir o chão com o corpo - Estender-se no chão.

Meganha - Policial militar.

Meio-quilo - Pessoa pequena.

Meiota - Meia quantidade de maconha.

Mel de barro - Licor destilado pelo açúcar, na forma, quase purgado.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia Página 134

Mel de coruja - Conhecer os trabalhos e as dificuldades.

Mel de coruja - Engano, burla, fraude. Mel de dedo - Mel saboroso, que não adoça as substâncias a que se acrescenta.

Mel de engenho - Caldo de cana depois do cozimento.

Mel de furo - Mel que escorre do furo das forma, nos banguês.

Mel de pau - Mel depositado por certas abelhas nos buracos de árvore.

Mel do tanque - Melaço.

Mel silvestre - Fabricado no mato por abelhas.

Mel virgem - O primeiro a sair do favos. **Melado** – Sangue. 2 - rapadura liquefeita.

Melão - Futebolista principiante e ruim.

Melea - Algo gosmento.

Meloso - Individuo de voz doce, maneiroso e delicado.

Memória de galo - Fraca.

Menestra - Embrulhada.

Menina - Chave falsa.

Mentira de rabo e cabeça - Mentira exagerada.

Merepeiro - Velhaco

Merreca - Pouco dinheiro.

Mestre - Mestre de um bando de

marginais.

Mestre-cuca - Cozinheiro.

Metal - Dinheiro.

Meter a bordina - Surrar.

Meter a cara no mundo - Fugir.

Meter a catana - Difamar, falar mal.

Meter a colher torta - Intrometer-se.

Meter a rabeca - Maldizer.

Meter o malho - Censurá-lo.

Meter um bute na guitarra – Pontapé na barriga.

Meter-se em calças pardas – Entrar em complicações.

Meter-se numa camisa de sete varas – Entrar em aflicão.

Meu chapa - Companheiro.

Meu consolo - Pinga.

Meu irmão - Companheiro de prisão.

Mexer os pauzinhos - Pedir empenhos para conseguir resultado positivo.

Micagem - Trejeito.

Micha - Chave falsa.

Michado - Sem dinheiro.

Micheiro - Quem faz chave falsa. 2 -

quem rouba com micha.

Mico - Menor ladrão.

Mijar para trás - Arrepender do negócio

Milonga – Confusão.

Milonga – Mentira.

Mina - Amásia de ladrão. 2 - Mulher que mantém o amásio.

Mineirinha - Pinga.

Mineiro com botas - Panqueca de banana, queijo e açúcar. 2 - Sobremesa de queijo, banana e goiaba.

Mingote - Cigarro de maconha.

Minhocas - Manias, crendices e cismas.

Minólia - Prostituta.

Minota - Prostituta.

Miolo mole – Amalucado.

Misgo - Sovina.

Mixaria - Ninharia.

Moça leviana - Meretriz.

Moça(o) de recados - É o que recebe para levar e trazer recados.

Mocó - Esconderijo de bandidos e/ou de drogas.

Mocoronga – Matuto.

Mocorongo - Amante que explora a amásia.

Mocotó - Mão-de-vaca.

Modernosa (o) – Indivíduo que pretende ser moderno, sem, contudo, ter

condições.

Mofento - Diabo.

Moinho de vento - Pessoa desajuizada

Molenga - Fraco.

Molhar a mão - Dar propina.

Molhar a palavra - Beber enquanto se fala.

Mondubi - Amendoim.

Montar no porco - Envergonhar-se.

Monteiro - Xadrez.

Morder - Pedir dinheiro emprestado.

Morder os beiços - Ter inveja.

Mordida – Pedido de dinheiro emprestado.

Morixaba - Prostituta.

Morotó - Homem pequeno, porém forte.

Morrão - Cigarro grande de maconha.

Morrudo - Corpulento.

Mosquito - Diamante muito miúdo.

Mosteiro - Casa de detenção.

Motoca - Motocicleta.

Mover dinheiro - Esbanjá-lo.

Muamba – Contrabando. 2 –

Velhacaria.

Muamba - Mercadoria



contrabandeada. 2- feitiço.

Mucufa – Covarde. 2 - Metido a ser o que não é.

Muçunga – Preguiçoso.

Mudar o disco – Falar de outro assunto.

Mula - Doença venérea.

Mula de médico - Animal que para em todos os lugares.

Mula-sem-cabeça - Mulher amasiada com padre.

Mulatinho - Maconha.

Mulher da rótula - Prostituta de baixa categoria.

Mulher da vida - Prostituta.

Mulher da vida fácil - Meretriz.

Mulher do piolho - Mulher muito teimosa.

Mulher Fácil - Desonesta.

Mulher-içá - Prostituta.

Mundana - Prostituta.

Música - Carteira de dinheiro.

Muxiba - Sovina.

Muxibento - Pelancoso.

Muxinga - Sova, surra.



Na hora de pegar para capar - Momento decisivo.

Na hora H - No momento em que o fato aconteceu.

Na Iona - Sem dinheiro.

Na marra - À força.

Na pedra - Sem dinheiro.

Naca - Prisão.

Naco - Pedaco.

Nada mais canja – Nada mais fácil. Nadar como um prego - Não saber

nadar.

Nadar contra a corrente – Opor-se à opinião geral.

Nadinha - Um instante.

Namba - Maconha.

Namoradeira - Poltrona para duas pessoas.

Nanar - Dormir.

Não comer nada amanhecido – Não aceitar afronta.

Não comer nada amanhecido – Não levar desaforo para casa.

Não dar pelota - Não dar atenção.

Não dar ponto sem nó - Não fazer nada sem ter interesse.

Não fede nem cheira - Indeciso.

Não ir na onda - Não entrar na

esparrela. 2 - Não se deixar enganar.

Não poder com o gato pelo rabo -

Extrema fraqueza.

Não pregar os olhos - Insônia.

Não tem papas na língua - Falar sem rodeios.

Napo - Guarda-noturno.

Narciso - Ladrão menor e viciado.

Nariz de cera - Introdução desnecessária ao assunto.

Nascer outra vez - Escapar da morte.

Neca - Nada.

Nega (o) - Tratamento carinhoso.

Negar fogo - Falhar.

Nem amarrado - De maneira alguma.

Nem oito nem oitenta - Nem pouco nem demais.

Nem que chova canivetes – Jamais.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra

Sem exageros, equilíbrio.

Nem tico, nem taco - Nem isto, nem aquilo.

Nem todos os dedos são iguais -

Desigualdade entre as pessoas.

Neneca - Dinheiro insuficiente.

Nervo - Dinheiro. 2 → Pênis.

Nica - Bagatela.

Nicolau - Dinheiro.

Ninho - Lar.

Nó de porco - Nó difícil e até impossível de ser desmanchado.

Nó em pingo d'água - Ser esperto.

No mato sem cachorro - Com muitas dificuldades.

Nó na garganta - Violenta emoção que impede de falar.

Nobre - Ladrão que não mata.

Noé - Ébrio.

Nóia - Viciado em drogas.

Noite de cão - Passar a noite em claro.

Nome cabeludo - Palavrão.

Nome de guerra – Pseudônimo.

Norte de breu - Noite muito escura.

Nota falsa - Pessoa fingida.

Num abrir e fechar de olhos - Num instante.



Oco da gruta - Cadeia

Oco da peroba – Cadeia.

Oferecido - Penetra.

Óleo - Bebida alcoólica forte.

Olho clínico - Facilidade para

diagnosticar.

Olho comprido - Demonstrar cobiça.

Olho da rua - Fora!

Olho de boi - Espião.

Olho de gato - Placa que reflete a luz nas rodovias.

Olho de jabuticaba - Olho negro.

Olho de lince - Visão espetacular.

Olho de vidro - Policial novato.

Olho grande - Mau olhado, quebranto, quebrante.

Olho no olho, dente por dente

-Vingança correspondente à ofensa

Olho no padre, olho na missa - Atenção constante.

Olho no peixe e olho no gato - Atenção dobrada.

Onça - Mulher brava e horrorosa.

Onde o diabo perdeu as botas - Lugar bem distante.

Onze letras - Alcoviteiro(a).

Ópio de pobre - Maconha.

Orelha de macaco - Garrucha.

Orelha em pé - Prevenido.

Osso - Embaraço.

Ostra - Pessoa inoportuna.

Ouro - Dinheiro.



Paca - Mau pagador.

Pacaio - Charuto ou cigarro de má

qualidade.

Pachorro - Paciência.

Paçoca - Mistura.

Paçola – Preguiçoso.

Pacova - Banana.

Pacová – Jovem. 2 – Banana. 3 - Moça

(0).

Pacu – Capiau. 2 - Maço de papéis imitando o dinheiro.

Padaria - Nádegas.

Padi - Pavor.

Pagar o pato - Ser responsabilizado pelo que os outros fizeram.

Pagar sua dívida à natureza - Morrer.

Pagode – Divertimento.

Pai - Receptador.

Pai da mentira - Capeta.

Pai das queixas - Delegado.

Pai de todos - Dedo Médio.

Pai dos burros - Dicionário.

Paieiro - Mentiroso.

Paivo - Cigarro.

Palavra de Deus - Palavra de honra.

Palito de vidro - Termômetro.

Palmear - Roubar.

Paloma - Prostituta.

Pamonha - Mulher sem noção.

Pamonha - Pessoa molenga.

Pamonha azeda - Pessoa imprestável.

Pampa - Lista de loteria para o canto do toco-mocho.

Panaca – Ingênuo.

Pancadeiro – Arruaceiro.

Panela - Cárie dentária. 2 - grupo coeso existente em repartição pública prá ou contra o chefe.

Panelinha - Grupo de pessoas unidas em um único objetivo.

Pano da menina - Papel para fazer o cigarro de maconha.

Pão - Rapaz bem apessoado.

Pão e água - Sem as refeições habituais.

Pão-durismo – Sovinice.

Pão-duro - Sovina.

Papa gente - Escrivão de polícia.

Papa-defunto - Agenciador de sepultamentos.

Papa-fina - Magnífico.

Paparoca - Comida muito simples.

Papa-terra – Pênis.

Papel de cachorro - Ação indigna.

Papel queimado - Bilhete corrido. 2 - homem casado.

Papeleira - Carteira de dinheiro.

Papo furado - Mentira.

Para-brisa - Óculos para disfarce.

Para-brisa - Óculos.

Para-choque - Seios enormes.

Paraíba - Mulher disposta a todos os

trabalhos físicos.

Parangolé - Conversa fiada.

Pardal – Investigador. 2 - Policial

rodoviário paulista.

Página 137

Pardaloca - Mulher que vive falando da vida alheia.

Parece jabuticaba – Argumento contra uma idéia que parece boa.

Parentela (Parentalha) - Parentes.

Parruda - Negócio ilícito.

Pasquim - Jornaleco satírico e geralmente injurioso.

Passador de micha - Falsário.

Passar a conversa - Convencer.

Passar a ferro - Vender artigo roubado.

Passar a saliva - Convencer.

Passar de burro a cavalo - Ser elevado de posto.

Passar de cavalo a burro - Ser rebaixado de posto.

Passar graxa - Subornar.

Passar mel nos beiços de alguém -Adulá-lo.

Passar mundo e carona - Passar dificuldades.

Passar o beiço – Enganar.

Passar o fumo - Vender maconha. 2 – Copular.

Passar o pé diante da mão - Intimidade além do limite.

Passar o pealo – Enganar.

Passar os cincos - Roubar.

Passar um sabão - Repreender.

Passar um sabonete - Repreender.

Passarinho - Presidiário.

Pataca - Moeda.

Patação - Relógio grande de bolso.

Patarata - Ostentação.

Patati-patatá - Verborréia.

Patativa - Cantor(a) de voz agradável.

Patau - Porvo, simplório.

Patavina - Nada.

Patola – Mão.

Patota - Ladroeira. 2 - Amizade, amigos.

Patranha – Mentira.

Patrícia - Cachaça.

Patricinha - Moça bem arrumada.

Patriota - Mulher de grande seios.

Patrulha - Ronda militar.

Patureba – Ingênuo.

Pau d'água – Ébrio.

Pau de amarrar égua - Pessoa

desmoralizada.

Pau de arrasto - Cavalo pesado, que corre pouco.

Pau de fogo - Revólver, pistola.

Pau de sebo - Divertimento de festas, onde as pessoas tentam

subir em um pau ensebado, fixo ao solo.

Pau de vassoura - Pessoa magra/alta.

Pau de virar tripa - Pessoa magra/alta.

Pau furado - Arma de fogo.

Pau-de-arara - Caminhão que trazia nordestinos para o centro-sul do país.

Pau-mandado - Îndivíduo servil.

Pavão - Indivíduo vaidoso e presunçoso.

Pá-virada – Desordeiro.

Pé de borracha - Automóvel.

Pé de breque - Pessoa insignificante.

Pé de cabra - Alavanca de ferro, com a ponta fendida, semelhante ao pé de uma cabra, usada em arrombamentos.

Pé de cantiga - Pretexto.

Pé de chinelo - Pessoa pobre.

Pé de galinha - Rugas no canto externos dos olhos.

Pé de macuco - Porcalhão.

Pé de meia - Pecúlio.

Pé de ouvido - Pescoção.

Pé de pato - Diabo.

Pé de poeira - Mendigo.

Pé de valsa - Dançarino.

Pé de vento – Ventania.

Peão - Pederasta.

Peceta - Velhaco.

Pécora - Prostituta.

Pé-de-chumbo – Português. 2 - policial cumpridor dos seus deveres - Peso.

Pé-de-moleque - Docé feito de amendoim torrado e despedaçado juntando açúcar mascavo ou cristal.

Pedir penico - Acovardar-se.

Pedra - Praça pública central.

Pé-frio - Azar.

Pegar - Copular.

Pegar o feijão – Tomar refeição na casa de alguém.

Pegar um frango – Ser enganado.

Pegar um rabo de foguete - Situação complicada.

Pegar uma tela - Ir ao cinema.

Pé-inchado – Mendigo.

Peitar – Subornar, corromper compresentes.

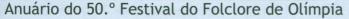
Peixeira - Faca grande.

Pejada – Grávida.

Pelanca - Pele flácida, mole e caída.

Pele - Dinheiro.

Penetra – Indivíduo que frequenta as festas sem ter sido convidado. 2 - Pessoa que participa de reuniões sociais, sem convite.



Penicilina - Pinga.

Penosa - Galinha.

Pensão - Penitenciária.

Pensar que o mundo vai acabar -

Gastar excessivamente.

Pente-fino - Ladrão que rouba tudo.

Penusca - Feijão.

Pé-queimado - Bêbado.

Pé-quente - Sorte.

Pé-rapado - Mendigo.

Perder a galeia - Desajeitar-se.

Perder o leme - Ficar sem saber o que fazer.

Perereca - Vagina.

Periguete - Adolescente que não se comporta adequadamente no meio social.

Perna de pau - Péssimo jogador de futebol.

Pernambucana - Faca de ponta.

Pessoa de calcanhar rachado -

Calcanhar de pobre.

Petardo - Chuva forte.

Pica-fumo - Lavrador pobre.

Pica-pau - Vagabundo.

Picar a mula - Fugir.

Pilantra - Bandido da pior espécie.

Pilão - Bebedeira.

Pilóia - Cachaça.

Pindaíba – Miséria.

Pinga-fogo - Pessoa intrigante,

irrequieta.

Pinga-mansa - Cachaça fraca.

Pingo de gente - Criança pequena.

Pinquelo - Pênis.

Pinicão - Beliscão.

Pinta brava - Mau elemento.

Pipoqueiro - Enganador.

Piranha - Sabichão. 2 - Prostituta.

Pirante - Menor viciado e ladrão.

Pirata - Sedutor. 2 - Bandido.

Piriquita - Vagina.

Piriri - Disenteria.

Pirituba - Aquardente.

Pirulim - Relógio.

Pirulitar - Fugir.

Pirulito - Pessoa muito magra.

Pisa - Surra.

Pisar em ovos - Andar cuidadosamente.

Pisar na lei - Cometer infração.

Pisar no calos – Ofender.

Pisar no tempo – Fugir.

Pistolão - Carta de recomendação assinada por pessoa influente.

Piteira - Pessoa que fuma muito.

Pivete - Ladrão de menor idade.

Pixo - Dinheiro.

Pixulé - Dinheiro miúdo.

Planta do diabo - Maconha

Pó - Cocaína.

Pobre como rato de igreja - Extrema

pobreza

Pobres - Falhas, mazelas.

Pobreza franciscana - Penúria.

Poço de cultura - Pessoa muito culta.

Podre de rico - Riquíssimo.

Poeira - Cocaína.

Poeta de assobio - Péssimo poeta.

Polenta - Molenga. 2 - italiano.

Pomba - Vagina.

Pomba sem fel – Criatura ingênua.

Pombal - Conjunto de casas populares. 2

- Prisão feminina. Pomboca - Incapaz.

Pombo-correio - Informante.

Pôr as manguinhas de fora - Ter

atrevimento.

Por detrás da cortina – Às escondidas.

Pôr nas nuvens - Elogiar.

Pôr o pé no pescoço de alguém -

Humilhá-lo.

Pôr o rabo no meio das pernas -

Encolher-se.

Poranduba – Estória.

Poranga – Cachaça.

Porco - Sujo.

Pororó - Dinheiro miúdo.

Pororoca - Chute forte na bola.

Porqueira - Covarde. 2 - pocilga.

Porrada - Pancada.

Porre - Bebedeira.

Porunga - Vasilha de barro para água,

como a moringa.

Positivo - Dinheiro.

Possuir a noite e o dia - Paupérrimo.

Pote – Xilindró.

Potoca - Mentira.

Pra frente – Moderno.

Pra trás – Retrógrado.

Prata - Dinheiro.

Prazo de égua - Ter o débito sempre

Preço pela hora da morte -

Excessivamente alto.

Pregar um sermão - Repreender.

Preguete - Cortado.

Presente de grego - Dissabores a

quem o recebe.

Presepada - Éstória inverídica.

Presepeiro - Quem se dá a



presepadas.

Procurando sarna para se coçar -

Procurando motivo para se aborrecer.

Prometer uma amostra de pano – Fazer ameaça.

Promombo - Pescaria noturna iluminada para atrair os peixes.

Pronto - Sem dinheiro.

Pulo-de-gato - Furto em jogo.

Punga - Furto de carteira.

Pura - Pinga.

Purgante - Pessoa inoportuna.

Pururuca - Pessoa irritadiça.

Puxa vida! - Exclamação de espanto.

Puxador - Viciado em maconha.

Puxando fogo – Embriagado.

Puxar maconha - Usar cigarros de maconha.

Puxar um fumo - Fumar maconha.

Puxa-saco - Adulador.



Quadrado – Antiquado, Retrógrado. **Quatreiro** - Ladrão de cavalos e de gado bovino.

Quatro-olhos - Quem usa óculos.

Quebra-cacos - Metido a valente.

Quebra-costela - Abraço apertado.

Quebradeira - Falta de dinheiro, falência.

Quebrado - Falido.

Quebra-louças - Desastrado.

Quebra-quebra - Depredações.

Quebra-queixo - Cigarro ordinário.

Quebrar a crista - Vencer.

Quebrar o galho - Contornar ou resolver

uma situação difícil.

Queimado - Zangado.

Queimador-de-campo - Mentiroso.

Queimante - Revólver.

Queimar o pé - Pisar em excremento.

Queimar-se - Zangar-se.

Queixo-duro - Teimoso.

Quem-quem - Formiga cortadeira.

2- mulher que se preocupa com a vida alheia.

Quenga - Guisado de galinha com quiabo, acompanhado de angu. 2 prostituta não estabelecida, avulsa. Quengo – Espertalhão. Querer abraçar o mundo com as

pernas - Ser egocêntrico.

Quico - Cigano.

Quido – Dinheiro.

Quipã - Coceira.

Quirela - Pouco dinheiro.





Rabo do Olho – O canto dos olhos. Rabo-de-galo - Golpe sinuoso de navalha. 2 - Cavalo ordinário. 3 – Coquetel.

Rabo-de-gato - Café frio, requentado, péssimo.

Rabo-de-saia - Mulher.

Rabo-de-tatu - Rebenque de couro transado.

Rabo-dos-olhos - Olhar disfarçado.

Rabo-quente - Automóvel pequeno com motor traseiro. 2 – Rádio que não tem transformador.

Rabudo - Capeta.

Rabugem - Impertinência.

Rachadeira - Falta de dinheiro.

Racha-pé - Sapateado.

Rafa - Muita fome. 2 - Miséria.

Ragu - Comida ordinária. 2 - Fome.

Raizeiro - Curandeiro que usa raízes.

Ramão - Ladrão.

Rameira - Meretriz.

Rampeira - Mulher de vida fácil.

Rançoso - Fora de época.

Rango - Comida.

Ranheta - Ranzinza, teimoso.

Rapa-cuca - Sovina.

Rapado - Sem dinheiro.

Rapariga - Mulher de vida airada.

Rapa-tacho - Comilão.

Rasga-seda - Exceder em gentileza.

Raspança - Repreensão.

Rata – Gafe.

Ratazana - Mulher que rouba.

Rato - Ladrão.

Rato de hotel - Indivíduo que rouba hotéis e hospedarias.

Rato de sacristia - Carola.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Reco - Soldado alistado há poucos meses.

Rei de terreiro – Galo.

Remar contra a maré - Trabalhar em vão.

Renca - Muitas (os).

Render o espírito - Morrer.

Repique - Repetir o furto contra a mesma vítima.

Resmelenque - Rabugento.

Retreta - Música de banda militar.

Revira-olho - Namoro.

Rifar - Dispensar.

Rinha - Briga de galo.

Rir-se do mundo - Desprezar a opinião alheia.

Riscar chão - Viajar.

Riscar com a faca - Esfaquear.

Riso amarelo - Riso forçado.

Roda da fortuna - Destino.

Rodar - Ser reprovado.

Rodela - Mentira

Roedeira - Ciúme.

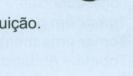
Romãozinho - Capeta.

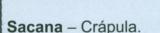
Rosa Maria - Maconha.

Rosca - Ânus.

Roseta - Vida alegre.

Rotola - Casa de prostituição.





Saco de broa - Barriga.

Saco de gatos - Associação com opiniões diferentes.

Sair à francesa - Retirar-se sem se despedir. 2 - Sair sem se despedir de ninguém.

access 2 access

Sair da tanga – Sem dinheiro.

Sair de badu - Sair sem se despedir.

Sair de banda - Escapulir.

Sair em missão - Roubar.

Saladinha - Facada.

Salseiro - Conflito.

Sanacuca - Maconha.

Sanfona – Carteira de dinheiro. 2 - Tira de papel dobrada, com matéria da prova.

Sangue Azul – Pessoa importante.

Sangue de barata - Não ter energia.

Sangue frio - Calma.

Sangue rico - Sangue onde predominam

os glóbulos vermelhos.

Sangue vivo - Sangue puro.

Sapata - Mulher que prefere outra.

Sapato de defunto - Herança de pequeno valor.

Sapatona – Mulher que prefere outra.

Sapear - Observar.

Sapeca - Saliente.

Sapituca - Embriaguez.

Sague - Mentira.

Saraca - Mulher muito magra e com as pernas finíssimas.

Sarambé - Tolo.

Saranja – Idiota.

Sargento - Galo.

Sarreco - Ineficiente.

Sebo-de-grilo - Resultado impossível.

Seco - Aflito, ansioso.

Seda - Papel para cigarros de maconha.

Segurar a vela - Proteger o namoro de alquém.

Seixo - Calote.

Sem linha - Ter a distinção exigida pela condição social.

Sem pé, sem cabeça - Sem sentido.

Semana solteira - A que não tem nenhum feriado.

Ser caju - Passar por tolo.

Ser da gema - Ser verdadeiro.

Ser de cabeça oca - Não ter juízo.

Ser passado na casca d'alho - Ser finório.

Ser saco sem fundo - Ser indiscreto.
Ser uma muralha chinesa - Obstáculo ao progresso.

Serelepe - Ardiloso.

Seringa - Seringueira.

Serrote - Facadista.

Sessão Espírita – Interrogatório com pancadaria.

Sete cães a um osso - Muitos

candidatos a uma coisa só.

Sete-virtudes - Pinga.

Sinhazinha - Cachaça.

Sinuca - Impasse, dúvida.

Socar canjica – Andar em montaria de trote muito duro.

Sorda - Dinheiro.

Soronga - Tonto. 2 - Baile.

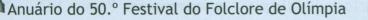
Soturno - Guarda-noturno.

Subir à serra - Zangar-se.

Suingue - Troca de parceiros

entre dois casais.

Sujão - Delator.



Suor-de-alambique - Pinga.

Supimpa – Legal.

Sururu - Confusão.





Tá em dia - Maconhado

Tá mamado – Estar embriagado.

Taba – Moça que recusa dançar com quem a convida.

Taboquear - Lograr.

Tábua – Mulher magra, de seios mirrados.

Tacada de Cego - Grande pancada.

Tacho - Relógio desregulado.

Taco - Pedaço.

Tala - Chicote.

Talagada – Gole de cachaça, tomado de uma só vez.

Taludo - Crescido.

Tambique – Cárcere.

Tampinha – Indivíduo baixo e gordo.

Tantã - Desequilibrado.

Tapiara - Patife.

Tatamba - Pessoa rude.

Teca - Dinheiro.

Teimosa - Pinga.

Telha - Cabeça.

Temperar a viola – Afiná-la.

Tempo do Zagaia - Muito Antiguado.

Ter as mãos leves - Ser paciencioso para fazer qualquer coisa.

Ter cara de nó cego - Ser antipático.

Ter coração de gelo - Pessoa

insensível.

Ter direito de um lugar ao sol – Fazer jus a certo cargo ou posição.

Ter ganja - Ser protegido.

Ter mãos largas - Ser generoso.

Ter o corpo fechado – Não ser atingido por males diversos. 2 - Estar livre de feiticos.

Ter o sexo na cabeça – Mulherengo.

Ter pulso - Ter energia.

Ter rabo de palha - Ter cometido atos desaconselháveis.

Terereca – Buliçoso.

Tesourar – Fala mal da vida alheia.
Testa de amolar machado –

Indivíduo com testa larga e comprida.

Tição - Negro retinto.

Tico-tico – Despertador. 2 - Ladrão de miudezas.

Tinideira - Pobreza.

Tirar da linha da miséria – Fartar-se.

Tirar farinha - Exigir explicações.

Tirar leite de vaca morta - Lamentar-se de algo irremediável.

Tirar linha – Namorar.

Tirar o corpo – Eximir-se de compromissos.

Tirar o corpo fora – Livrar-se de situação difícil.

Tirar o pai da forca - Excessiva pressa.

Tirar o pé do lodo – Melhorar de

situação econômica.

Tirar um cavaco - Conversar um pouco.

Tirar uma linha – Namorar.

Toco - Dinheiro de suborno, de propina.

Tomado – Embriagado.

Tomar benção de cachorro – Viver na miséria.

Tomar chá de cadeira – Moça que não é convidada para dançar.

Tomar na cabeça – Sofrer as consegüências.

Tomar um ganso - Fugir-se.

Tomar uma manta - Ser logrado.

Topete - Audácia.

Toquista – Policial que se deixa subornar.

Toró – Chuva forte, porém rápida. 2 - Temporal.

Tororó - Conversa fiada, lero-lero.

Torrado - Bêbado.

Torrar o dinheiro – Esbanjá-lo.

Tosse cumprida - Coqueluche.

Tostado – Moreno escuro.

Trabalhar a leite de pato - Trabalhar sem remuneração.

Trabalhar com enxada – Matar.

Trabalhar para o bispo – Atuar sem retribuição.

Traira - Traidor

Trampo - Trabalho.

Tranca – Pessoa desprezível.

Transviado – Corrompido.

Trazer de canto chorado – Angustiar, atormentar.

Trepada - União carnal

Trepela - Prostituta.

Trocar o óleo - Fornicar.

Trote de cachorro - Trote curto.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia



Trouxa - Tolo.

Trovisco - Leve discórdia.

Tunda - Surrar.

Turuna - Valentão.





Viver como gato e cachorro - Viver brigando.

Voltar à vaca fria - Retornar ao assunto.

Viver com a cabeça nas nuvens - Estar

fora da realidade.

Voltar com as mãos abanando -

Viúva-alegre - Carro de presos.

Regressar sem conseguir nada.

Vurção - Pessoa brava, valente.

secon X secon

Uca - Pinga.

Um pão e um pedaço - Vantagem aumentada.

Um tiro de espingarda - A uma boa distância.

Uma ova – Nada disso.

Unha de fome - Avarento.

Urina de égua - Cerveja.

Urubusservar - Observar.

Urucaca - Mulher muito feia.

Uva - Moça bonita.





Vaca - Prostituta.

Vagarosa - Cadeia.

Vaivém – Garçom.

Valente - Guarda-noturno.

Varado de fome e de sede - Faminto e sedento.

Vaselina - Indivíduo que procura facilitar os negócios de outrem

Velhota - Pederasta velho.

Vender a martelo - Vender em leilão.

Vender gato por lebre - Ludibriar o comprador.

Vento - Dinheiro.

Ver estrelas ao meio-dia - Sofrer uma dor forte e súbita.

Ver o sol nascer quadrado - Estar

Ver por um canudo - De longe, sem alcancar.

Verdinha - Maconha. 2 - Dólar.

Vigarista - Malandro.

Vira-copos - Ébrio.

Virar a casaca - Mudar de partido político ou de opinião.

Virar a página - Mudar de assunto.

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Xarope – Pessoa sem graça.

Xaveco - Pessoa sem valor, feia e velha.

Xepa – Comida de quartel.

Xerengue - Faca.

Xexeta - Bajulador.

Xibrute – Pessoa pequena e nariguda.

Xilindró - Prisão.

Ximbica – Veículo motorizado muito velho.

Xiririca - Corredeira de um rio.

Xis - Prisão.

Xispeteó - Ótimo.

Xixica - Propina.

Xodó - Amor, paixão, querida(o)

Xodó - Paixão.

Xuxa - Engraxate.



Zabaneira - Prostituta.

Zanzar - Vaguear.

Zaranzar - Andar à toa.

Zazá – Pessoa que não para em nenhum lugar.

Zeferino - Ânus.

Zoeira - Conflito.

Zordina – Agenciadora de mulheres.

Zunga – Bicho-de-pé. 2 – Hospedaria.

Zureta - Genioso.

Zurupar - Furtar.





PALAVRAS FINAIS

Dado o dinamismo atuante, evidentemente, temos a certeza de que novos termos e locuções surgirão, nascerão incorporados à fala no cotidiano.

Por vez, determinados termos possuem mais de um significado. É no contexto que teremos a certeza do resultado adequado.

Há algumas palavras que no nosso município possuem outros significados de alhures. A maioria dos termos e expressões está folclorizada; outros, em processo, tal qual a dinâmica natural da língua.

Incontáveis foram os informantes, daí ser impraticável citá-los. Agradecemos os inúmeros colaboradores anônimos.

DECRETO Nº 5748, DE 03 DE JUNHO DE 2014

CONSTITUI A COMISSÃO EXECUTIVA DO 50º FESTIVAL DO FOLCLORE A SER REALIZADO NO RECINTO DE EXPOSIÇÕES E PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS "PROF. JOSÉ SANT'ANNA" (09 A 17 DE AGOSTO DE 2014).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, DECRETA:

Art. 1º Fica constituída a Comissão Executiva do 50º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 09 a 17 de agosto do de 2014, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Presidente: Paulo Duarte Ferreira, Vice-presidente: Caio Augusto dos Santos Longhi, 1º Secretário: Camila Santos 2º Secretário: Cristian Daniel de Assis, 1º Tesoureiro: Rosi Aparecida Esteves More da Silva, 2º Tesoureiro: Maridalva Bassi Bitencourt, Diretor Executivo e de Edição do Anuário: André Luiz Nakamura.

Subcomissão de Imprensa: Camila Reale Thereza, Janaina A. dos Santos Longhi

Subcomissão de Limpeza: Arvani Peixoto, Genival Miranda.

Subcomissão de Finanças: Murilo Lucas Garcez Novais, Rosi Aparecida Esteves More da Silva. Subcomissão de Hospedagem e Alimentação: Luiz Fernando Cintra, Raphael Augusto Serqueira.

Subcomissão de Decoração: Maria Cristina Simões, Thiago Louzada.

Subcomissão de Desfile da Rainha: Gilson Carlos Miranda, Gerson Antoneli.

Subcomissão de Estacionamento: Caio Augusto dos Santos Longhi, Renan Matheus Ferreira. Subcomissão do Uso do Bem Público: André Luiz Nakamura, Janaina A. dos Santos Longhi.

Subcomissão de Organização Cultural: Cristian Daniel de Assis, Flavio Augusto da Silva Santos.

Subcomissão de Desfile: André Luiz Nakamura, Gilson Carlos Miranda.

Subcomissão de Recepção: Genival Miranda, Neucilei Tosta.

Subcomissão de Abertura: Edward Marques da Silva, Tiago Pessoa Lourenço.

Subcomissão de Barracas: Arvani Peixoto, Sidnei Carlos Schalc.

Subcomissão de Apoio: Amaury Hernandes, Antonio Jorge Motta, Cleber José Cizoto, Dirceu Bertoco, Edilson Cesar De Nadai, Eliana Antonia Duarte Bertoncellos Monteiro, Fernando Barbosa Velho, Gustavo Zanette, João Paulo Polisello, Luiz Gustavo Pimenta, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Renê Alexandre Galetti, Sandra Regina de Lima, Silvia Elisabeth Forti Storti.

Subcomissão Organizacional da Vila Brasil: Ana Claudia Casseb Finato Zuliani

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, regoadas as disposições em contrário. Registre e publique.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 03 de junho de 2014.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI

Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 03 de junho de 2014.

CLÉBER LUIS BRAGA Supervisor de Expediente

Anuário do 50.º Festival do Folclore de Olímpia

Página 144





antinnella.



Apoio Institucional



Secretaria de Cultura, Esportes, Turismo e Lazer

Secretaria de Educação

Elaboração do Projeto Cultural:



PROJETO REALIZADO COM O APOIO PROAC

Promoção

Apoio Institucional











